

ISSN: 1676-7047

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 11

Aristóteles

Metafísica

Livros VII e VIII

Tradução, introdução e notas
Lucas Angioni

IFCH/UNICAMP
Setembro de 2005

LA

textos DIDÁTICOS

ARISTÓTELES

METAFÍSICA

LIVROS VII-VIII

LUCAS ANGIONI

Tradução e Notas

IFCH/UNICAMP
nº 42 – FEVEREIRO de 2001

textos
DIDÁTICOS

ARISTÓTELES

METAFÍSICA

LIVROS VII-VIII

LUCAS ANGIONI

Tradução e Notas

2ª edição revista

IFCH/UNICAMP
nº 42 – OUTUBRO de 2002

ISSN: 1676-7047

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 11

Aristóteles

Metafísica

Livros VII e VIII

Tradução, introdução e notas
Lucas Angioni

IFCH/UNICAMP
Setembro de 2005

ISSN: 1676-7047

CLÁSSICOS DA FILOSOFIA: CADERNOS DE TRADUÇÃO nº 11

IFCH/UNICAMP - Setor de Publicações

Diretor: Prof. Dr. Arley Ramos Moreno

Diretora Associada: Profa. Dra. Nádia Farage

Comissão de Publicações

Coordenação Geral: Prof^ª Dr^ª Nádia Farage

Coordenação da Revista Idéias:

Prof. Dr. Márcio B. Naves

Coordenação da Coleção Idéias:

Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari

Coordenação da Coleção Trajetórias:

Prof. Dr. Armando Boito Jr.

Coordenação das Coleções Seriadas:

Prof. Dr. José Oscar de Almeida Marques

Coordenação da Monografia, Cadernos da

Graduação e Cadernos do IFCH: Prof. Dr.

Ronaldo de Almeida

Representantes dos Departamentos: Prof. Dr.

Ronaldo de Almeida – DA, Prof. Dr. Pedro

Paulo A. Funari – DH, Prof. Dr. José Oscar de

Almeida Marques – DF e Prof. Dr. Márcio

Bilharinho Naves – DS

Representantes dos funcionários do setor: Marilza

A. Silva, Sebastião Rovaris e Magali Mendes.

Representantes discentes: Fábio Scherer e

Eugenio Braga (pós-graduação) e Renato César

Ferreira Fernandes (graduação)

Clássicos da Filosofia : Cadernos de Tradução / Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
n. 1 (2002)

- - - Campinas : UNICAMP/IFCH, 2005 – 165p.

ISSN 1676-7074
2005 (11)

1. Ontologia - filosofia. 2. Filosofia primeira. 3. Hilemo-
rfismo.

4. Teleologia. 5. Platonismo. 6. Aristóteles, 384 - 322 a.C.

I. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências

Humanas. II. Título.

CDD 100

Catálogo na Fonte - Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas –
UNICAMP - CRB nº 08/5124 / Sandra Ferreira Moreira

Setor de Publicações: Marilza A. da Silva, Magali Mendes e Maria Lima.

Gráfica: Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Marcilio Cesar de Carvalho e José Carlos Diana.

Endereço para correspondência:

IFCH/UNICAMP - SETOR DE PUBLICAÇÕES

Caixa Postal: 6110

CEP: 13083-970 - Campinas - SP

Tel. (019) 3788.1604 / 1603 - Fax: (019) 3788.1589

morewa@unicamp.br -- <http://www.ifch.unicamp.br/pub>

**SOLICITA-SE PERMUTA
EXCHANGE DESIRED**

SUMÁRIO

Advertência.....	5
Introdução.....	7
Livro VII (Zeta)	17
Livro VIII (Heta)	105
Notas.....	131
Glossário.....	147
Bibliografia.....	157

ADVERTÊNCIA

Lucas Angioni

O presente volume aproveita o material publicado no número 42 da coleção *Textos Didáticos* do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (2001), re-impresso sem alterações significativas em 2002. Aproveito esta ocasião para corrigir deslizes de digitação e infelicidades da redação, bem como para atualizar as referências bibliográficas. No entanto, a modificação mais significativa presente neste volume consiste, obviamente, na nova versão da tradução do texto de Aristóteles. Embora as premissas metodológicas que orientam meu ofício de tradutor não tenham se modificado substancialmente, e embora eu me sinta à vontade para re-imprimir aqui quase tudo que havia dito em 2001 sobre esse assunto, a tradução sofreu modificações de grande monta. Aos poucos, tenho eliminado os barbarismos e atentados à língua portuguesa, oriundos da crença ingênua de que a “fidelidade” da tradução, em vista das peculiaridades do texto aristotélico, justificaria tais “sacrifícios”. Julgo ter encontrado resultados mais satisfatórios para a tradução das partículas e para a reconstituição do estilo argumentativo de Aristóteles. Em relação ao léxico, o que é mais digno de nota é uma nova experimentação para traduzir a fórmula “*to ti ên einai*”: “aqui-

Lucas Angioni

lo que o ser é”, ou, quando o contexto o permite, “aquilo que seu ser é” (ver glossário). Provavelmente, essa nova proposta é tão desapontadora como tantas outras, mas me parece justo experimentá-la. Nas notas e no glossário, efetuei apenas as modificações necessárias em vista das mudanças na tradução. Segue-se a Introdução do volume original, com pequenas alterações.

INTRODUÇÃO

Lucas Angioni

Os livros VII e VIII da *Metafísica* de Aristóteles, dedicados à noção de *ousia*, dispensam prelúdios apologéticos ou protrépticos, pois ocupam um lugar decisivo não apenas na filosofia aristotélica, como também na própria trajetória da filosofia ocidental. Por isso, não preciso demorar-me em reunir as diversas razões que justificariam a oportunidade desta tradução – a não ser uma delas: dedico-me ao estudo desses livros há um bom tempo, e julgo oportuno prestar contas de meu trabalho oferecendo ao público, em versão preliminar, uma tradução integral dos mesmos.

Tenho em vista, sobretudo, oferecer aos alunos de graduação e pós-graduação um instrumento de trabalho minimamente viável, que contribua para sedimentar entre nós o interesse pela filosofia aristotélica. A médio prazo, pretendo retomar este trabalho e oferecer ao público uma tradução comentada dos livros VII e VIII da *Metafísica*. Mas não me pareceu justo postergar ainda mais a apresentação desta tradução, esperando o momento em que pudesse juntar a ela um comentário pormenorizado de cada passagem. Além do mais, em vista de uma futura tradução comentada, a presente publicação é propícia na medida em que dará ensejo e ocasião para testar a aceitabilidade e viabilidade de algumas

propostas de tradução, fornecendo-me condições para corrigir os inevitáveis equívocos interpretativos que terei aqui cometido.

Não fornecerei aqui um resumo de tais livros. Na bibliografia disposta ao final deste volume, apresento algumas indicações para auxílio de quem quiser explorar alguma temática relacionada aos mesmos. Tampouco exporei aqui minha própria interpretação, que naturalmente serviu de base para confeccionar a tradução. Dediquei minha iniciação científica, minha dissertação de mestrado e minha tese de doutorado a esse assunto – a noção aristotélica de *ousia* delineada nesses livros –, e nelas poderia ser rastreada, nos seus mínimos detalhes, a interpretação que proponho.

Devo, no entanto, expor algumas premissas metodológicas que orientaram a confecção deste trabalho. Antes de tudo, esta introdução não se pode furtar ao problema da tradução do termo “*ousia*”. Mas serei breve nesse assunto. O termo “*ousia*” é utilizado por Aristóteles basicamente em duas acepções, e ambas estão presentes nos livros VII e VIII: de um lado, “*ousia*” designa uma entidade dotada de certa auto-subsistência pela qual existe continuamente e se apresenta de maneira “separada”. Este sentido de “*ousia*” comparece em frases como “Sócrates é uma *ousia*”, “este cavalo é uma *ousia*”, “as plantas em geral são *ousiai*”. De outro lado, “*ousia*” designa o princípio ou a causa pela qual uma entidade daquele tipo é precisamente aquilo que ela é em si mesma e, neste sentido, o termo pede um complemento: trata-se, assim, da “*ousia de alguma coisa*”, tal como ocorre em frases como “a *ousia* do trovão”, “a *ousia* dos animais”, “a *ousia* da alma”, etc.

Ambos esses sentidos comparecem lado a lado nos livros VII e VIII. Embora o assunto seja controverso, vem recebendo aceitação crescente a idéia de que a investigação empreendida nesses livros concentra-se no segundo sentido acima mencionado. As dificuldades e controvérsias justificam-se, porém, porque Aristóte-

les também se preocupa, de algum modo, com o primeiro sentido de “ousia”. Na verdade, tudo se passa como se o interesse maior de Aristóteles fosse determinar *quais são as coisas* que merecem, sobretudo e no mais alto grau, o título de “ousia” no primeiro sentido acima assinalado. No entanto, parece que, para atingir uma resposta satisfatória desse problema, Aristóteles passa a se preocupar em definir o segundo sentido de “ousia”, no domínio restrito das entidades sensíveis.

É plenamente aceitável a proposta de traduzir “ousia” no primeiro sentido por “substância” e “ousia” no segundo sentido por “essência (de algo)”. No entanto, isso não resolve nossos problemas. Poderíamos dizer que, no final do capítulo 2 e início do capítulo 3 do livro VII, Aristóteles propõe-se a determinar o sentido exato de “essência”, tendo por interesse delimitar quais são as entidades que, no mais alto grau, merecem o título de “substância”. Este último interesse recua, por assim dizer, para o horizonte remoto, e não constitui o objeto imediato dos livros VII-VIII. Mesmo assim, não seria adequado adotar um procedimento de tradução circunstancial, quero dizer: traduzir “ousia” por “substância” ou por “essência” conforme as circunstâncias contextuais o exigirem. Esse procedimento seria elucidativo para passagens isoladas, mas, tendo em vista o empreendimento de Aristóteles em seu todo (nos livros VII e VIII), deixaria escapar alguns pontos fundamentais. Esta introdução não é o lugar mais adequado para escrutinar esses pontos, mas devo mencioná-los, ainda que de maneira simplificada: (i) a distinção entre esses dois sentidos de “ousia” parece ser um recurso argumentativo contra o platonismo, que acreditava que mereceria o título de “substância” no mais alto grau aquilo que fosse princípio e “essência” das outras coisas; (ii) apesar de haver uma distinção, há também um forte vínculo entre os dois sentidos, e esse vínculo parece relevante para traçar a fronteira entre o domínio das entidades sublunares (sensíveis e corruptíveis) e o domínio das enti-

dades separadas, necessárias e eternas; (iii) em alguns contextos, a mesma palavra parece designar uma terceira noção: a noção de “realidade” como domínio de entidades substanciais cuja subsistência e inteligibilidade seria garantida por suas respectivas essências.

Digamos que, a partir do capítulo 3 do livro VII, o problema filosófico que Aristóteles propõe para análise ulterior consiste em saber quais são as características que poderiam definir, de maneira satisfatória, o que é a *ousia* entendida como causa e princípio pelo qual as entidades denominadas de “*ousia*” no primeiro sentido do termo são precisamente o que são. Assim, parece que os livros VII-VIII ocupam-se preponderantemente em analisar a noção de “essência de uma substância sensível”, ainda que o faça no interesse de, subseqüentemente, voltar ao problema de saber quais são as entidades que merecem no mais alto grau o título de “substância”. Diante disso, traduzir “*ousia*” por “essência” ainda se me afigurou como mal menor. Ainda julgo um péssimo argumento alegar a “força da tradição” ou “o gosto da maioria” (como fez Yebra, [1982], p. XXXVII) como motivo suficiente para manter a tradução consagrada de “*ousia*” por “substância”. No entanto, considero a hipótese de, futuramente, adotar o recurso da tradução circunstanciada: “substância” para o primeiro sentido, “essência” para o segundo. Ainda não o fiz porque ainda não me decidi sobre o que fazer nos contextos em que a decisão entre o primeiro ou o segundo sentido é problemática, justamente em argumentos contra o platonismo.

Sobre as premissas metodológicas mais gerais que nortearam esta tradução, não repetirei o que já disse, em outras ocasiões, sobre o estatuto dos textos aristotélicos¹. No entanto, convém dizer que não julgo desejável propor em português

¹ Sobre esse assunto, já me pronunciei por ocasião da Introdução das outras traduções que publiquei na coleção *Textos Didáticos*: ver *Textos Didáticos* n.º. 34, p. 4-5, *Textos Didáticos* n.º. 38, p. 4-5 e *Textos Didáticos* n.º. 41, p. 15-17.

certas elipses e construções sintáticas que seriam inteligíveis apenas aos leitores minimamente familiarizados com o grego. Por isso, explicitarei diversos segmentos de frase que muitas vezes não se encontram na letra do texto grego, mas que qualquer leitor de grego compreenderia como subentendidos. Em português, seria impossível manter tais elipses, sob pena de comprometer a inteligibilidade do texto. Nas primeiras versões preparatórias, eu havia sinalizado a suplementação dessas elipses com colchetes, mas a proliferação indecorosa desses colchetes aconselhou-me a utilizar este recurso apenas em alguns casos extremos, nos quais poderia haver alguma polêmica com respeito à palavra ou expressão que se encontra subentendida.

Outra dificuldade de tradução diz respeito aos modos verbais. O grego não apenas possui múltiplos recursos de modalização (pois dispõe do modo optativo, do irreal construído com a partícula “*an*”, etc.), como também utiliza o presente ou o futuro do indicativo em situações nas quais o português exigiria o subjuntivo, ou o futuro do pretérito, ou certas construções mais complexas (com verbos auxiliares). Muitos problemas interpretativos decorrem da precariedade com que se interpreta a modalização dos verbos (ou sua ausência) no texto aristotélico: assim, argumentos que ele imputaria a adversários são entendidos como se fossem seus; argumentos de *redução ao absurdo* são concebidos como se fossem argumentos simples em favor da premissa que ele justamente quer refutar. E assim por diante. Diante desses problemas, minha disposição foi a seguinte: ater-me à compreensão do argumento original e reescrevê-lo com os recursos próprios da língua portuguesa, sem me prender a pretendidas similaridades entre formas e modos verbais das duas línguas. Não hesitei, por exemplo, em transformar um optativo potencial num operador modal incidindo sobre a inteira sentença original: “é possível/ plausível que...” – desde que tal formulação te-

nha-me parecido adequada para captar e exprimir o argumento que se desenha no texto grego. Na primeira versão desta tradução, embora eu já tivesse explicitado essa premissa metodológica, ainda cometi muitos deslizes em sua aplicação: na crença ingênua de “fidelidade” ao texto grego, mantive em português presentes ou futuros do indicativo, ferindo as regras do português para a construção de períodos subordinados, e, o que é muito pior, lançando gratuitamente na argumentação aristotélica uma obscuridade que está ausente em sua formulação original. Talvez, para corrigir esse erro anterior, eu tenha resvalado exageradamente para o lado oposto.

Outra dificuldade consiste na tradução de adjetivos e participios no neutro (sobretudo no plural) usados isoladamente, sem o acompanhamento de substantivos. Em português, o uso absoluto de alguns adjetivos é tolerável, sobretudo no uso filosófico, em que a substantivação indica uma tematização conceitual (dizemos “o belo”, por exemplo). Esse recurso de tradução, no entanto, tem sérios limites, justamente porque, na maior parte de suas ocorrências, essas expressões gregas não assinalam uma substantivação que as promovesse para o nível dos conceitos abstratos; pelo contrário, tais expressões funcionam como *descrições definidas*, que remetem justamente a algum objeto particular, usualmente já mencionado anteriormente no contexto – aliás, isso é verdade não apenas para adjetivos e participios, mas também para substantivos acompanhados por artigo definido. Equívocos com relação a esse ponto estão na origem de confusões conceituais com longa tradição.

Além disso, a tradução da maioria dos participios gregos exige orações relativas adjetivas e, nesses casos, nem sempre é tolerável introduzir expressões como “os que + verbo”. Podemos traduzir “ο•λέγοντες” por “os que dizem” ou “os que enunciam”. Mas, em outros casos, sobretudo devido ao acúmulo suces-

sivo de diversos participios, torna-se difícil traduzi-los sem inserir algum substantivo antes do pronome relativo, para melhorar a legibilidade do texto. Por isso, muitas vezes explicitiei na tradução o substantivo que o contexto parece subentender. Quando isso foi impossível, utilizei os termos “coisa” e “item”.

Em atenção às dificuldades lexicais que me atormentaram e que certamente serão percebidas pelo leitor, ofereço no final deste volume um pequeno glossário, em que examino algumas alternativas disponíveis e justifico algumas opções.

Texto

Para supervisionar as variantes de leitura e estabelecer o texto final a ser traduzido, utilizei as seguintes edições:

- BEKKER, E. [1961]. *Aristotelis Opera*, editio altera Olof Gigon, Berlin: Walter De Gruyter.
- CHRIST, W. [1906]. *Aristotelis Metaphysica*, Leipzig: Teubner.
- ROSS, D. [1924]. *Aristotle's Metaphysics*, a revised text with introduction and commentary, 2 vols., Oxford: Clarendon Press.
- JAEGER, W. [1957]. *Metaphysica*, Oxford: Clarendon Press.
- YEBRA, V. G. [1982]. *Metafísica de Aristóteles*, ed. trilingüe, Madrid: Gredos, 2ª ed.

O texto estabelecido por Ross me parece ainda o melhor. A edição que Jaeger preparou para a Oxford Classical Texts, em 1957, não acrescenta nenhuma modificação vantajosa; pelo contrário, algumas opções que Jaeger propõe em

Lucas Angioni

alternativa a Ross não me pareceram convincentes (salvo raras exceções). Algum proveito também decorre da comparação com a tradução latina de Moerbecke, editada por Yebra. O texto de Bekker, por sua vez, nos oferece uma matriz inicial à qual ainda é oportuno recorrer, dadas algumas dificuldades das edições mais recentes. Finalmente, a edição de Christ oferece diversas opções inteligentes e dispõe de um aparato crítico bastante útil.

Após comparar essas diversas edições e seus respectivos aparatos críticos, cheguei a um resultado final que não difere muito do texto estabelecido por David Ross. Muitas opções de leitura assumidas por Christ se me afiguraram plausíveis e interessantes, mas assumi como base o texto de Ross. No entanto, a partir de variantes indicadas pelo próprio Ross e demais editores acima elencados, propus um texto diverso, em pequenos detalhes, que serão comentados nas notas finais (se não falha a minha conta, são apenas nove divergências com relação ao texto de Ross). Gostaria de ter elaborado um modesto aparato crítico indicando as (poucas) divergências de leitura (conforme o modelo seguido por algumas edições da Loeb Classical Library), mas dificuldades técnicas me impediram de fazê-lo.

Agradecimentos

Agradeço ao professor José Cavalcante de Souza, que me iniciou na leitura dos textos gregos e orientou minha pesquisa sobre *Metafísica* VII-VIII desde a iniciação científica na graduação. Agradeço a Alberto Alonso Muñoz, por quem obtive cópias de diversos trabalhos relevantes citados na bibliografia e de quem recebi entusiástico incentivo. Devo agradecer a Marco Zingano e Roberto

Bolzani Filho, pela tenacidade crítica com que discutiram trechos de minhas traduções nos seminários do Projeto Temático FAPESP “Ética e Metafísica em Aristóteles”. Agradeço também aos alunos de graduação que sofreram pacientemente ao serem submetidos às primeiríssimas versões, ainda cruas, de algumas partes desta tradução. Agradeço também Fátima Regina Évora, Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, Pablo Mariconda, Luis Henrique Lopes dos Santos, Francisco Benjamin de Souza Neto, Luiz Roberto Monzani, Fausto Castilho, Luis Orlandi e Marcos Lutz Müller.

Agradeço às agências de fomento que, direta ou indiretamente, permitiram que o presente trabalho se desenvolvesse a contento: o CNPq, pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa sobre a noção de “ousia” em *Metafísica* VII-VIII; a FAPESP, na medida em que as discussões sobre a *Física*, a *Ética a Nicômaco* e os *Segundos Analíticos*, nos seminários do Projeto Temático FAPESP “Ética e Metafísica em Aristóteles”, durante os anos 2002-2005, tiveram forte impacto na pesquisa sobre os livros VII-VIII da *Metafísica* e contribuíram de maneira significativa para o aperfeiçoamento de minha tradução; a FUN-CAMP, que, através do FAEP (agora FAEPEX), deu apoio a várias etapas da pesquisa que resulta no presente volume.

ΤΩΝ ΜΕΤΑ ΤΑ ΦΥΣΙΚΑ

Z

1028a 10 Τὸ ὃν λέγεται πολλαχῶς καθάπερ διειλόμεθα πρό-
τερον ἐν τοῖς περὶ τοῦ ποσαχῶς· σημαίνει γὰρ τὸ μὲν τί
ἐστὶ καὶ τόδε τι τὸ δὲ ποιὸν ἢ ποσὸν ἢ τῶν ἄλλων ἕκαστον
τῶν οὕτω κατηγορουμένων τοσαυταχῶς δὲ λεγομένου τοῦ
ὄντος φανερόν ὅτι τούτων πρῶτον ὃν τὸ τί ἐστὶν ὕπερ σημαί-
νει τὴν οὐσίαν ὅταν μὲν γὰρ εἴπωμεν ποιὸν τι τόδε ἢ ἀγα-
θὸν λέγομεν ἢ κακόν· ἀλλ' οὐ τρίπηχου ἢ ἄνθρωπον· ὅταν δὲ
τί ἐστὶν οὐ λευκὸν οὐδὲ θερμὸν οὐδὲ τρίπηχου ἀλλὰ ἄνθρωπον
ἢ θεόν· τὰ δ' ἄλλα λέγεται ὄντα τῆ τοῦ οὕτως ὄντος τὰ
μὲν ποσότητες εἶναι τὰ δὲ ποιότητες τὰ δὲ πάθη τὰ δὲ
20 ἄλλο τι διὸ κἂν ἀπορήσειέ τις πότερον τὸ βαδίζειν καὶ
τὸ ὑγιαίνειν καὶ τὸ καθῆσθαι ἕκαστον αὐτῶν ὃν σημαίνει

ARISTÓTELES

Metafísica

Livro VII (Zeta)

Capítulo 1

[1028a 10] O ente se diz de diversas maneiras, conforme delimitamos antes nas discussões a respeito do “de quantos modos”. De fato, ente designa o “o que é” e *um certo isto*, ou *de tal qualidade, de tal quantidade*, ou cada um dos demais itens que assim se predicam. E – dado que o ente se diz de tantos modos –, é manifesto que, entre eles, o ente primeiro é o “o que é”, o qual, precisamente, designa a essência (pois, quando pretendemos dizer *de que qualidade é isto*, dizemos que é bom ou mal, mas não que é de três côvados ou homem; mas, quando pretendemos dizer *o que é*, não dizemos que é branco, ou quente, ou de três côvados, mas que é homem, ou deus), ao passo que os demais itens se dizem entes por serem, do ente que é deste modo, quantidades, qualidades, afecções ou algo diverso.

[1028a 20] Por isso, é plausível que se pergunte se o caminhar, o estar saudável e o estar sentado designam, cada um deles, um ente (semelhantemente

ὁμοίως δὲ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων ὁπουοῦν τῶν τοιούτων· οὐδὲν γὰρ αὐτῶν ἐστὶν οὔτε καθ' αὐτὸ πεφυκὸς οὔτε χωρίζεσθαι δυνατὸν τῆς οὐσίας ἀλλὰ μᾶλλον εἴπερ τὸ βαδίζον τῶν ὄντων καὶ τὸ καθήμενον καὶ τὸ ὑγιαῖνον ταῦτα δὲ μᾶλλον φαίνεται ὄντα διότι ἔστι τι τὸ ὑποκείμενον αὐτοῖς ὠρισμένον τοῦτο δ' ἐστὶν ἡ οὐσία καὶ τὸ καθ' ἕκαστον ὅπερ ἐμφαίνεται ἐν τῇ κατηγορίᾳ τῇ τοιαύτῃ· τὸ ἀγαθὸν γὰρ ἢ τὸ καθήμενον οὐκ ἄνευ τούτου λέγεται δῆλον οὖν ὅτι διὰ
30 ταύτην κἀκείνων ἕκαστον ἔστιν ὥστε τὸ πρῶτως ὄν καὶ οὐ τί ὄν ἀλλ' ὄν ἀπλῶς ἢ οὐσία ἂν εἴη πολλαχῶς μὲν οὖν λέγε-
ται τὸ πρῶτον· ὅμως δὲ πάντως ἢ οὐσία πρῶτον καὶ λόγῳ καὶ γνώσει καὶ χρόνῳ τῶν μὲν γὰρ ἄλλων κατηγορημά-
των οὐθὲν χωριστόν· αὕτη δὲ μόνη· καὶ τῷ λόγῳ δὲ τοῦτο πρῶτον ἀνάγκη γὰρ ἐν τῷ ἑκάστου λόγῳ τὸν τῆς οὐσίας ἐνυ-
πάρχειν· καὶ εἰδέναι δὲ τότε οἰόμεθα ἕκαστον μάλιστα ὅταν
1028β ποσὸν ἢ τὸ πού· ἐπεὶ καὶ αὐτῶν τούτων τότε ἕκαστον ἴσμεν ὅταν τί ἐστὶ τὸ ποσὸν ἢ τὸ ποιὸν γινώμεν καὶ δὴ καὶ
τὸ πάλαι τε καὶ νῦν καὶ αἰεὶ ζητούμενον καὶ αἰεὶ ἀπορούμενον
τί τὸ ὄν· τοῦτό ἐστι τίς ἢ οὐσία τοῦτο γὰρ οἱ μὲν ἐν εἶναί
φασιν οἱ δὲ πλείω ἢ ἓν καὶ οἱ μὲν πεπερασμένα οἱ δὲ
ἄπειρα· διὸ καὶ ἡμῖν καὶ μάλιστα καὶ πρῶτον καὶ μόνον
ὡς εἰπεῖν περὶ τοῦ οὕτως ὄντος θεωρητέον τί ἐστὶν

para qualquer outro item de tal tipo); de fato, nenhum deles se apresenta naturalmente em si mesmo, nem é capaz de ser separado de uma essência, mas, de preferência, se for o caso, são o caminhante, o sentado e o saudável que se contam entre os entes.

[1028a 25] E estes últimos se manifestam mais como entes porque há algo determinado que lhes subjaz (e isto é a essência e o particular), que, precisamente, se manifesta imanente em tal maneira de denominação: de fato, “o bom” ou “o sentado” não se dizem sem isso. Assim, é evidente que também cada um deles é através dela; por conseguinte, o que é primeiramente ente – e não um certo ente, mas ente sem mais – é a essência.

[1028a 31] Mas “primeiro” se diz de muitos modos; não obstante, de qualquer modo a essência é primeira: tanto pela definição, como também na ordem do conhecimento e no tempo. De fato, nenhum dos outros predicados é separável, mas apenas ela. Também pela definição ela é primeira: é necessário que a definição da essência esteja contida na definição de cada um deles. E julgamos conhecer cada coisa sobretudo quando conhecemos *o que ela é* (o que é o homem ou o fogo), mais do que quando conhecemos *de que qualidade* ela é, *de que quantidade* ela é, ou *onde* ela está – visto que também conhecemos cada um destes exatamente quando conhecemos *o que é* o “de tal quantidade” ou o “de tal qualidade”.

[1028b 2] Afinal, aquilo que não só há muito tempo como também agora e sempre se investiga e constitui impasse – *que é o ente* –, é isto: *qual é a essência* (de fato, uns afirmam que o ente é um, outros, que é mais de um; uns afirmam que ele é em número limitado, outros, em número ilimitado); por isso, também a nós cabe investigar, sobretudo, primeiramente e (por assim dizer) apenas, a respeito do ente que é deste modo, o que ele é.

2. Δοκεῖ δ' ἡ οὐσία ὑπάρχειν φανερώτατα μὲν τοῖς σώμασιν διὸ τά τε ζῆα καὶ τὰ φυτὰ καὶ τὰ μόρια αὐτῶν
- 10 οὐσίας εἶναι φαμεν καὶ τὰ φυσικὰ σώματα οἷον πῦρ καὶ ὕδωρ καὶ γῆν καὶ τῶν τοιούτων ἕκαστον καὶ ὅσα ἢ μόρια τούτων ἢ ἐκ τούτων ἐστὶν ἢ μορίων ἢ πάντων οἷον ὃ τε οὐρανὸς καὶ τὰ μόρια αὐτοῦ ἄστρα καὶ σελήνη καὶ ἥλιος· πρότερον δὲ αὐταὶ μόναι οὐσῖαι εἰσὶν ἢ καὶ ἄλλαι ἢ τούτων τινὲς ἢ καὶ ἄλλαι ἢ τούτων μὲν οὐθὲν ἕτεραι δὲ τινες σκεπτέον δοκεῖ δὲ τισὶ τὰ τοῦ σώματος πέρατα οἷον ἐπιφάνεια καὶ γραμμὴ καὶ στιγμὴ καὶ μονάς εἶναι οὐσῖαι καὶ μᾶλλον ἢ τὸ σῶμα καὶ τὸ στερεόν ἔτι παρὰ τὰ αἰσθητὰ οἱ μὲν οὐκ οἴονται εἶναι οὐδὲν τοιούτον οἱ δὲ πλείω καὶ μᾶλλον ὄντα αἰθια ὥσπερ Πλά
- 20 των τά τε εἶδη καὶ τὰ μαθηματικὰ δύο οὐσίας τρίτην δὲ τὴν τῶν αἰσθητῶν σωμάτων οὐσίαν Σπεύσιππος δὲ καὶ πλείους οὐσίας ἀπὸ τοῦ ἐνὸς ἀρξάμενος καὶ ἀρχὰς ἐκάστης οὐσίας ἄλλην μὲν ἀριθμῶν ἄλλην δὲ μεγεθῶν ἔπειτα ψυχῆς· καὶ τοῦτον δὴ τὸν τρόπον ἐπεκτείνει τὰς οὐσίας ἔνιοι δὲ τὰ μὲν εἶδη καὶ τοὺς ἀριθμοὺς τὴν αὐτὴν ἔχειν φασὶ φύσιν τὰ δὲ ἄλλα ἐχόμενα γραμμὰς καὶ ἐπίπεδα μέχρι πρὸς τὴν τοῦ οὐρανοῦ οὐσίαν καὶ τὰ αἰσθητὰ περὶ δὴ τούτων τί λέγεται καλῶς ἢ μὴ καλῶς καὶ τινες εἰσὶν οὐσῖαι καὶ πότερον εἰσὶ τινες παρὰ τὰς αἰσθητάς ἢ οὐκ εἰσὶ καὶ αὐταὶ πῶς
- 30 εἰσὶ καὶ πότερον ἔστι τις χωριστὴ οὐσία καὶ διὰ τί καὶ πῶς ἢ οὐδεμία παρὰ τὰς αἰσθητάς σκεπτέον ὑποτυπωσαμένους τὴν οὐσίαν πρῶτον τί ἐστίν

Capítulo 2

[1028b 8] Reputa-se que “essência” atribui-se de maneira mais evidente aos corpos. Por isso, afirmamos ser essências os animais, as plantas e suas partes, assim como os corpos naturais, isto é, fogo, água, terra e cada um deste tipo, e todo item que é parte destes ou é constituído deles (ou de partes, ou de todos), por exemplo, o céu e suas partes (estrelas, lua e sol). Devemos examinar se apenas estas coisas são essências, ou também outras, ou se apenas algumas delas, ou também outras, ou se nenhuma delas, mas, antes, certas outras.

[1028b 16] Alguns reputam que são essências os limites do corpo – isto é, superfície, linha, ponto e unidade –, e que o são mais do que o corpo e o sólido. Além do mais, alguns julgam que não há nada de tal tipo para além das coisas sensíveis, ao passo que outros julgam que há vários itens de tal tipo, que inclusive seriam, antes de tudo, eternos – como Platão julga que as Formas e os entes matemáticos são duas essências, e que a terceira é a essência dos corpos sensíveis. Espeusipo, por sua vez, julga haver mais essências, começando do Um, e julga haver princípios de cada essência (um princípio de números, outro de grandezas, em seguida, outro de alma), e, deste modo, estende as essências. Alguns, por outro lado, afirmam que as Formas e os números possuem a mesma natureza, e que as demais coisas seriam secundárias (linhas e superfícies, até a essência do céu e as coisas sensíveis).

[1028b 27] Ora, a respeito disso, devemos examinar o que se afirma acertadamente ou não acertadamente, ou seja, quais são as essências, e se há algumas além das sensíveis, ou se não há, e estas, de que modo são, isto é, se há alguma essência separada (ou se não há nenhuma) para além das sensíveis, e por que e como – tendo primeiramente delineado *o que é* a essência.

3. Λέγεται δ ἡ οὐσία εἰ μὴ πλεοναχῶς ἀλλ ἐν τέτταρσί γε μάλιστα· καὶ γὰρ τὸ τί ἦν εἶναι καὶ τὸ καθόλου καὶ τὸ γένος οὐσία δοκεῖ εἶναι ἐκάστου καὶ τέταρτον τούτων τὸ ὑποκείμενον τὸ δ ὑποκείμενόν ἐστι καθ οὗ τὰ ἄλλα λέγεται ἐκεῖνο δὲ αὐτὸ μηκέτι κατ ἄλλου· διὸ πρῶτον περὶ τοῦ
1029a τοῦ διοριστέου· μάλιστα γὰρ δοκεῖ εἶναι οὐσία τὸ ὑποκείμενον πρῶτον τοιοῦτον δὲ τρόπον μὲν τινα ἢ ὕλη λέγεται ἄλλον δὲ τρόπον ἢ μορφή τρίτον δὲ τὸ ἐκ τούτων λέγω δὲ τὴν μὲν ὕλην οἶον τὸν χαλκόν τὴν δὲ μορφήν τὸ σχῆμα τῆς ἰδέας τὸ δ ἐκ τούτων τὸν ἀνδριάντα τὸ σύνολον ὥστε εἰ τὸ εἶδος τῆς ὕλης πρότερον καὶ μᾶλλον ὄν καὶ τοῦ ἐξ ἀμφοῖν πρότερον ἔσται διὰ τὸν αὐτὸν λόγον νῦν μὲν οὖν τύπῃ εἴρηται τί ποτ ἔστιν ἡ οὐσία ὅτι τὸ μὴ καθ ὑποκειμένου ἀλλὰ καθ οὗ τὰ ἄλλα· δεῖ δὲ μὴ μόνον οὕτως· οὐ γὰρ ἰκανόν·
10 αὐτὸ γὰρ τοῦτο ἄδηλον καὶ ἔτι ἡ ὕλη οὐσία γίγνεται εἰ γὰρ μὴ αὕτη οὐσία τίς ἐστιν ἄλλη διαφεύγει· περαιομενῶν γὰρ τῶν ἄλλων οὐ φαίνεται οὐδὲν ὑπομένον· τὰ μὲν γὰρ ἄλλα τῶν σωμάτων πάθη καὶ ποιήματα καὶ δυνάμεις τὸ δὲ μῆκος καὶ πλάτος καὶ βάθος ποσότητές τινες ἀλλ οὐκ οὐσίαι τὸ γὰρ ποσὸν οὐκ οὐσία ἀλλὰ μᾶλλον ἢ ὑπάρχει ταῦτα πρῶτῃ ἐκεῖνό ἐστιν οὐσία ἀλλὰ μὴν ἀφαιρουμένον μῆκος καὶ πλάτους καὶ βάθους οὐδὲν ὀρώμεν ὑπολείπόμενον πλὴν εἴ τί ἐστι τὸ ὀριζόμενον ὑπὸ τούτων ὥστε τὴν

Capítulo 3

[1028b 33] Essência se diz, senão de mais modos, principalmente em quatro, ao menos: tanto o “aquilo que o ser é”, como o universal e o gênero reputam-se ser essência de cada coisa, e, como quarto entre esses, o subjacente. O subjacente é aquilo a respeito de que as demais coisas são afirmadas, ao passo que ele próprio não mais se afirma a respeito de nenhuma outra; por isso, devemos distinguir primeiramente a respeito dele, pois, antes de tudo, reputa-se ser essência, em primeiro lugar, o subjacente.

[1029a 2] De certo modo, é a matéria que se diz subjacente; de outro modo, a forma, e, em terceiro lugar, o conjunto de ambas (quero dizer, por matéria, por exemplo, o bronze; por forma, o aspecto da figura; pelo conjunto de ambas – o composto –, a estátua), de modo que, se a forma é anterior à matéria e mais ente do que a matéria, também será anterior ao composto de ambas, pela mesma razão.

[1029a 7] Assim, está dito agora, em traços gerais, o que é porventura a essência: que ela não se afirma a respeito de algo subjacente, mas é aquilo a respeito de que as outras coisas são afirmadas. No entanto, é preciso defini-la não apenas deste modo, pois assim não é suficiente, visto que é desprovido de clareza, e visto que, além do mais, a matéria tornar-se-ia essência. Pois, se esta não for essência, escapa-nos que outro item o seria: eliminados os demais itens, manifestamente, não sobraria nada como subsistente; de fato, os demais itens são afecções, ações ou capacidades dos corpos, e, por outro lado, o comprimento, a largura e a profundidade são certas quantidades, mas não são essências (pois o *quanto* não é essência); antes, é essência aquele item primeiro ao qual essas coisas pertencem. Ora, uma vez eliminados o comprimento, a largura e a profundidade, nada vemos a restar, a não ser que seja algo aquilo que é delimitado por

ἕλην ἀνάγκη φαίνεσθαι μόνην οὐσίαν οὕτω σκοπούμενοις
20 λέγω δ' ἕλην ἢ καθ' αὐτὴν μήτε τί μήτε ποσὸν μήτε ἄλλο
μῆδέν λέγεται οἷς ὄρισται τὸ ὄν ἔστι γὰρ τι καθ' οὗ κατηγο-
ρεῖται τούτων ἕκαστον ἢ τὸ εἶναι ἕτερον καὶ τῶν κατηγοριῶν
ἐκάστη τὰ μὲν γὰρ ἄλλα τῆς οὐσίας κατηγορεῖται αὕτη
δὲ τῆς ἕλης ὥστε τὸ ἔσχατον καθ' αὐτὸ οὔτε τί οὔτε ποσὸν
οὔτε ἄλλο οὐδὲν ἐστιν· οὐδὲ δὴ αἰ ἀποφάσεις καὶ γὰρ αὐταὶ
ὑπάρξουσι κατὰ συμβεβηκός· ἐκ μὲν οὖν τούτων θεωροῦσι
συμβαίνει οὐσίαν εἶναι τὴν ἕλην· ἀδύνατον δέ· καὶ γὰρ τὸ
χωριστὸν καὶ τὸ τόδε τι ὑπάρχειν δοκεῖ μάλιστα τῇ οὐσίᾳ
διὸ τὸ εἶδος καὶ τὸ ἐξ ἀμφοῖν οὐσία δόξειεν ἂν εἶναι μάλ-
30 λον τῆς ἕλης τὴν μὲν τοίνυν ἐξ ἀμφοῖν οὐσίαν λέγω δὲ
τὴν ἕκ τε τῆς ἕλης καὶ τῆς μορφῆς ἀφετέον ὑστέρα γὰρ
καὶ δήλη· φανερὰ δὲ πως καὶ ἡ ἕλη· περὶ δὲ τῆς τρίτης
σκεπτέον αὕτη γὰρ ἀπορωτάτη ὁμολογοῦνται δ' οὐσίαι
εἶναι τῶν αἰσθητῶν τινές ὥστε ἐν ταύταις ζητητέον πρῶτον
1029β 4. Ἐπεὶ δ' ἐν ἀρχῇ διειλόμεθα πόσοις ὀρίζομεν τὴν οὐσίαν
καὶ τούτων ἐν τι ἐδόκει εἶναι τὸ τί ἦν εἶναι θεωρητέον περὶ

eles, de modo que, aos que consideram desta maneira, é necessário que apenas a matéria se manifeste como essência. Quero dizer: uma matéria que, em si mesma, não se diz ser nem algo, nem *de certa quantidade*, nem qualquer outro item pelo qual se delimita algo que é (pois haveria algo de que cada um deles se predicaria, e cujo *ser* seria distinto do *ser* de cada um dos predicados; de fato, os demais itens se predicam da essência, ao passo que esta se predicaria da matéria, de modo que o item último, em si mesmo, não seria nem *algo*, nem *de certa quantidade*, nem qualquer outra determinação; nem seria, seguramente, suas negações, pois estas haveriam de se dar por concomitância).

[1029a 26] Assim, para os que investigam a partir dessas considerações, decorre ser essência a matéria. No entanto, isso é impossível, pois, antes de tudo, reputa-se que o *separado* e o *um certo isto* pertencem à essência; por isso, a forma e o conjunto de ambas seriam reputáveis como essência mais do que a matéria. Deve ser deixada de lado, por sua vez, a essência que se compõe de ambas (quero dizer, a que se compõe de matéria e forma), pois ela é posterior e evidente; de certo modo, também a matéria é manifesta; mas é a respeito da terceira que devemos examinar, pois é ela que oferece mais dificuldade.

[1029a 34] Entre as coisas sensíveis, algumas de comum acordo são admitidas, como essências; conseqüentemente, devemos examinar, em primeiro lugar, no domínio delas.

Capítulo 4

[1029b 1] Dado que distinguimos no começo de quantos modos definimos a essência, e julgou-se que um deles é o “aquilo que o ser é”, devemos investigar a respeito dele.

αὐτοῦ πρὸ ἔργου γὰρ τὸ μεταβαίνειν εἰς τὸ γνωριμώτερον ἢ γὰρ μάθησις οὕτω γίγνεται πᾶσι διὰ τῶν ἥπτον γνωρίμων φύσει εἰς τὰ γνώριμα μάλλον· καὶ τοῦτο ἔργον ἐστὶν ὥσπερ ἐν ταῖς πράξεσι τὸ ποιῆσαι ἐκ τῶν ἐκάστω ἀγαθῶν τὰ ὅλως ἀγαθὰ ἐκάστω ἀγαθὰ οὕτως ἐκ τῶν αὐτῶ γνωριμωτέρων τὰ τῆ φύσει γνώριμα αὐτῶ γνώριμα τὰ δ' ἐκάστοις γνώριμα καὶ πρῶτα πολλακίς ἡρέμα ἐστὶ γνώριμα καὶ μικρὸν ἢ

10 οὐθὲν ἔχει τοῦ ὄντος· ἀλλ' ὅμως ἐκ τῶν φαύλως μὲν γνωστῶν αὐτῶ δὲ γνωστῶν τὰ ὅλως γνωστὰ γινῶναι πειρατέον μεταβαίνοντας ὥσπερ εἴρηται διὰ τούτων αὐτῶν καὶ πρῶτον εἴπωμεν ἕνια περὶ αὐτοῦ λογικῶς ὅτι ἐστὶ τὸ τί ἦν εἶναι ἐκάστου ὃ λέγεται καθ' αὐτό οὐ γὰρ ἐστὶ τὸ σοὶ εἶναι τὸ μουσικῶ εἶναι· οὐ γὰρ κατὰ σαυτὸν εἶ μουσικός· ὃ ἄρα κατὰ σαυτὸν οὐδὲ δὴ τοῦτο πᾶν· οὐ γὰρ τὸ οὕτως καθ' αὐτό ὡς ἐπιφανεία λευκόν· ὅτι οὐκ ἐστὶ τὸ ἐπιφανεία εἶναι τὸ λευκῶ εἶναι· ἀλλὰ μὴν οὐδὲ τὸ ἐξ ἀμφοῖν τὸ ἐπιφανεία λευκῶ ὅτι πρόσεστιν αὐτό ἐν ᾧ ἄρα μὴ ἐνέσται λόγῳ

20 αὐτό λέγοντι αὐτό οὗτος ὁ λόγος τοῦ τί ἦν εἶναι ἐκάστω ὥστ' εἰ τὸ ἐπιφανεία λευκῶ εἶναι ἐστὶ τὸ ἐπιφανεία εἶναι λεία τὸ λευκῶ καὶ λείῳ εἶναι τὸ αὐτὸ καὶ ἔν· ἐπεὶ δ' ἐστὶ καὶ κατὰ τὰς ἄλλας κατηγορίας σύνθετα ἐστὶ γὰρ

[1029b3] (De fato, é propício proceder em direção ao que é mais cognoscível. Pois o aprendizado, para todos, vem a ser deste modo: através das coisas menos cognoscíveis por natureza, em direção às mais cognoscíveis. E esta é a tarefa: tal como, no domínio das ações, a partir daquilo que é bom para cada um, fazer boas para alguém as coisas que são inteiramente boas, do mesmo modo, a partir daquilo que é mais conhecido por alguém, tornar-lhe conhecidas as coisas que são por natureza cognoscíveis. Mas as coisas conhecidas por cada um e primeiras são, freqüentemente, pouco cognoscíveis, e pouco ou nada têm que seja verdadeiramente o caso; não obstante, a partir de coisas que são mediocrementemente cognoscíveis, mas que são conhecidas por alguém, deve-se tentar fazê-lo conhecer as coisas inteiramente cognoscíveis, progredindo-se, como foi dito, através daquelas primeiras).

[1029b 13] Primeiramente, digamos algo a seu respeito de um ponto de vista lógico: o “aquilo que o ser é” de cada coisa é aquilo que se afirma dela em si mesma. Pois o *ser para ti* não é o *ser musical*, pois não és musical por ti mesmo. O *ser para ti*, portanto, é aquilo que és por ti mesmo. Mas o *ser para ti* nem é, seguramente, tudo isso [*sc.* que és por ti mesmo]: de fato, ele não é algo que se afirma “em si mesmo” do mesmo modo pelo qual, à superfície, em si mesma, se atribui o branco – porque *ser superfície* não é *ser branco*. E *ser superfície* nem é, certamente, *ser ambos, ser superfície branca*, porque o mesmo item estaria acrescentado. Assim, o enunciado do “aquilo que o ser é” de cada coisa será aquele no qual a própria coisa não estiver mencionada, e que a enuncie, (de modo que, se *ser superfície branca* fosse *ser superfície lisa, ser branco* e *ser liso* seriam uma só e mesma coisa).

[1029b 22] Uma vez que também envolvendo as demais categorias há compostos (de fato, há algo subjacente para cada uma, por exemplo, para o *qual*,

τι ὑποκείμενον ἐκάστω οἶον τῷ ποιῶ καὶ τῷ ποσῶ καὶ τῷ
ποτέ καὶ τῷ πού καὶ τῇ κινήσει σκεπτέον ἄρ' ἔστι λόγος τοῦ
τί ἦν εἶναι ἐκάστω αὐτῶν καὶ ὑπάρχει καὶ τούτοις τὸ τί ἦν
εἶναι οἶον λευκῶ ἀνθρώπῳ τί ἦν λευκῶ ἀνθρώπῳ ἔστω δὴ
ὄνομα αὐτῷ ἱμάτιον τί ἐστι τὸ ἱματίῳ εἶναι; ἀλλὰ μὴν
οὐδὲ τῶν καθ' αὐτὸ λεγομένων οὐδὲ τοῦτο ἢ τὸ οὐ καθ' αὐτὸ
30 λέγεται διχῶς καὶ τούτου ἐστὶ τὸ μὲν ἐκ προσθέσεως τὸ δὲ
οὐ τὸ μὲν γὰρ τῷ αὐτὸ ἄλλῳ προσκειῖσθαι λέγεται ὃ ὀρί-
ζεται οἶον εἰ τὸ λευκῶ εἶναι ὀρίζομενος λέγοι λευκοῦ ἀν-
θρώπου λόγον· τὸ δὲ τῷ ἄλλο αὐτῷ οἶον εἰ σημαίνει τὸ
ἱμάτιον λευκὸν ἀνθρωπῶν ὃ δὲ ὀρίζοιτο ἱμάτιον ὡς λευκόν τὸ
1030α δὴ λευκὸς ἀνθρωπὸς ἔστι μὲν λευκόν οὐ μέντοι τὸ τί ἦν εἶναι
λευκῶ εἶναι, ἀλλὰ τὸ ἱματίῳ εἶναι. ἄρ' ἔστι τί ἦν εἶναί τι
ἢ ὄλως; ἢ οὐ; ὅπερ γὰρ τί ἐστι τὸ τί ἦν εἶναι· ὅταν
δ' ἄλλο κατ' ἄλλου λέγεται οὐκ ἔστιν ὅπερ τόδε τι οἶον ὃ
λευκὸς ἀνθρωπὸς οὐκ ἔστιν ὅπερ τόδε τι εἴπερ τὸ τόδε
ταῖς οὐσίαις ὑπάρχει μόνον· ὥστε τὸ τί ἦν εἶναί ἐστιν ὅσων ὃ
λόγος ἐστὶν ὀρισμὸς ὀρισμὸς δ' ἐστὶν οὐκ ἂν ὄνομα λόγῳ
ταῦτὸ σημαίνει πάντες γὰρ ἂν εἶεν οἱ λόγοι ὄροι· ἔσται
γὰρ ὄνομα ὀτιοῦν λόγῳ ὥστε καὶ ἡ Ἰλιάς ὀρισμὸς ἔσται
10 ἀλλ' εἰάν πρώτου τινὸς ἢ τοιαῦτα δ' ἐστὶν ὅσα λέγεται

para o *quanto*, para o *quando*, para o *onde* e para o movimento), devemos examinar se há, porventura, enunciado do “aquilo que o ser é” para cada um deles, isto é, se porventura também a eles se atribui o “aquilo que seu ser é”, como, por exemplo, para o homem branco, “aquilo que é o ser homem branco”. Suponha-se que sua designação seja “veste”: o que é o *ser para a veste*? Mas, seguramente, tal coisa [sc. veste] nem sequer se conta entre as que se dizem “*por si mesmas*”. Ou, então, pelo contrário, o que é dito não “*por si mesmo*” se diz de dois modos, e, destes modos, um é por um acréscimo, o outro, não. Com efeito, um desses modos se diz porque se acrescenta a outra coisa aquilo mesmo que se procura definir – como se, tentando definir o *ser para o branco*, alguém dissesse o enunciado de homem branco –; já o outro modo de dizer algo não “*por si mesmo*” se diz porque há outra coisa em acréscimo àquilo mesmo que se define, como, por exemplo, se a “veste” significasse *homem branco*, mas alguém definisse a veste como branco. Ora, o homem branco é, seguramente, branco, mas não é “aquilo que é o ser branco”, mas sim o *ser para a veste*.

[1030a 2] Mas, porventura, o *ser para a veste* é algum tipo de “aquilo que o ser é” de modo geral? Ou não é? Com efeito, o “aquilo que o ser é” é aquilo precisamente que *um algo* é; entretanto, quando se afirma de uma coisa algo que lhe é distinto, o conjunto que assim se diz não é aquilo que precisamente *um certo isto* é; por exemplo, o homem branco não é aquilo precisamente que *um certo isto* é, se o *isto* se atribui tão apenas às essências. Por conseguinte, há “aquilo que o ser é” de todas as coisas cujo enunciado é definição. E um enunciado é definição não se um nome significa o mesmo que um enunciado (pois, neste caso, todos os enunciados seriam definições: de fato, haveria nome para qualquer enunciado, de modo que também a *Iliada* seria uma definição), mas sim se o enunciado é algo primeiro: e é de tal tipo tudo aquilo que se diz não pelo fato

μη τῷ ἄλλο κατ' ἄλλου λέγεσθαι οὐκ ἔσται ἄρα οὐδενὶ
τῶν μὴ γένους εἰδῶν ὑπάρχον τὸ τί ἦν εἶναι ἀλλὰ τούτοις
μόνον ταῦτα γὰρ δοκεῖ οὐ κατὰ μετοχὴν λέγεσθαι καὶ
πάθος οὐδ' ὡς συμβεβηκός· ἀλλὰ λόγος μὲν ἔσται ἐκάστου
καὶ τῶν ἄλλων τί σημαίνει ἐὰν ἢ ὄνομα ὅτι τότε τῷδε
ὑπάρχει ἢ ἀντὶ λόγου ἀπλοῦ ἀκριβέστερος· ὀρισμὸς δ' οὐκ
ἔσται οὐδὲ τὸ τί ἦν εἶναι ἢ καὶ ὁ ὀρισμὸς ὥσπερ καὶ τὸ τί
ἔστι πλεοναχῶς λέγεται; καὶ γὰρ τὸ τί ἔστιν ἓνα μὲν τρό-
πον σημαίνει τὴν οὐσίαν καὶ τὸ τότε τι ἄλλον δὲ ἕκαστον
20 τῶν κατηγορουμένων ποσὸν ποιὸν καὶ ὅσα ἄλλα τοιαῦτα
ὥσπερ γὰρ καὶ τὸ ἔστιν ὑπάρχει πᾶσιν ἀλλ' οὐχ ὁμοίως
ἀλλὰ τῷ μὲν πρώτως τοῖς δ' ἐπομένως οὕτω καὶ τὸ τί ἔστιν
ἀπλῶς μὲν τῇ οὐσίᾳ πῶς δὲ τοῖς ἄλλοις· καὶ γὰρ τὸ ποιὸν
ἐροίμεθ' ἂν τί ἔστιν ὥστε καὶ τὸ ποιὸν τῶν τί ἔστιν ἀλλ'
οὐχ ἀπλῶς ἀλλ' ὥσπερ ἐπὶ τοῦ μὴ ὄντος λογικῶς φασί-
τινες εἶναι τὸ μὴ ὄν οὐχ ἀπλῶς ἀλλὰ μὴ ὄν οὕτω καὶ τὸ
ποιὸν δεῖ μὲν οὖν σκοπεῖν καὶ τὸ πῶς δεῖ λέγειν περὶ ἕκα-
στον οὐ μὴν μάλλον γε ἢ τὸ πῶς ἔχει· διὸ καὶ νῦν ἐπεὶ τὸ
λεγόμενον φανερόν καὶ τὸ τί ἦν εἶναι ὁμοίως ὑπέρξει πρώ-
30 τως μὲν καὶ ἀπλῶς τῇ οὐσίᾳ εἶτα καὶ τοῖς ἄλλοις ὥσπερ
καὶ τὸ τί ἔστιν οὐχ ἀπλῶς τί ἦν εἶναι ἀλλὰ ποιῶ ἢ ποσῶ

de se afirmar de uma coisa algo que lhe é distinto. Assim, o “aquilo que o ser é” não poderá pertencer a nenhum item que não seja forma específica de um gênero, mas somente a estas (pois reputa-se que elas não são afirmadas por participação, nem por afecção, nem como concomitante); não obstante, haverá, sim, inclusive para cada uma das demais coisas, um enunciado sobre o “o que significa”, se há um nome: que “isto se encontra em tal e tal coisa”, ou, no lugar de um enunciado simples, outro mais preciso. No entanto, definição não haverá, nem “aquilo que o ser é”.

[1030a 17] Ou, pelo contrário, também a definição, assim como o “o que é”, se diz de vários modos? De fato, também o “o que é” designa, de um modo, a essência e algo que é *um certo isto*, mas, de outro modo, designa cada um dos predicados (*de tal e tal quantidade, de tal e tal qualidade*, e todos os demais desse tipo). Pois, assim como o “é” se atribui a todos, não, porém, de maneira semelhante, mas, antes, se atribui a um deles primeiramente, e aos outros, secundariamente, do mesmo modo também o “o que é” se atribui sem mais à essência, mas, de certa maneira, também aos demais; de fato, podemos perguntar *o que é* o “de tal e tal qualidade”, de modo que também o *de tal e tal qualidade* se conta entre os “o que é”, não, porém, sem mais, mas, assim como a respeito do não-ente alguns dizem, de um ponto de vista lógico, que o não-ente é, não sem mais, mas sim não-ente, do mesmo modo também o *de tal e tal qualidade*.

[1030a 27] Assim, é preciso examinar também *como se deve dizer* a respeito de cada coisa, não mais, porém, do que *como se comporta*; por isso, uma vez que já está claro o que se quer dizer, semelhantemente, também o “aquilo que o ser é” se atribuirá de modo primeiro e absoluto à essência, e, em seguida, também aos demais – assim como o “o que é” –, não “aquilo que o ser é” sem mais,

τί ἦν εἶναι δεῖ γὰρ ἢ ὁμωνύμως ταῦτα φάναι εἶναι ὄντα
ἢ προστιθέντας καὶ ἀφαιροῦντας ὥσπερ καὶ τὸ μὴ ἐπιστητὸν
ἐπιστητὸν ἐπεὶ τό γε ὀρθόν ἐστι μῆτε ὁμωνύμως φάναι
μῆτε ὡσαύτως ἀλλ ὥσπερ τὸ ἰατρικὸν τῆ πρὸς τὸ αὐτὸ
1030β μὲν καὶ ἓν οὐ τὸ αὐτὸ δὲ καὶ ἓν οὐ μέντοι οὐδὲ ὁμωνύμως·
οὐδὲ γὰρ ἰατρικὸν σῶμα καὶ ἔργον καὶ σκεῦος λέγεται οὔτε
ὁμωνύμως οὔτε καθ ἓν ἀλλὰ πρὸς ἓν ἀλλὰ ταῦτα μὲν
ὁποτέρως τις ἐθέλει λέγειν διαφέρει οὐδέν· ἐκεῖνο δὲ φανερόν
ὅτι ὁ πρῶτως καὶ ἀπλῶς ὀρισμὸς καὶ τὸ τί ἦν εἶναι τῶν
οὐσιῶν ἐστίν οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ τῶν ἄλλων ὁμοίως ἐστί· πλήν
οὐ πρῶτως οὐ γὰρ ἀνάγκη ἂν τοῦτο τιθῶμεν τούτου ὀρισμὸν
εἶναι ὃ ἂν λόγι τὸ αὐτὸ σημαίνει ἀλλὰ τινὶ λόγι· τοῦτο
δὲ εἰάν ἐνός ἢ μὴ τῆ συνεχεῖ ὥσπερ ἢ Ἰλιάς ἢ ὅσα συν
10 δέσμι· ἀλλ εἰάν ὁσαυχῶς λέγεται τὸ ἓν· τὸ δ ἓν λέγεται
ὥσπερ τὸ ὄν· τὸ δὲ ὄν τὸ μὲν τόδε τι τὸ δὲ ποσὸν τὸ δὲ
ποιόν τι σημαίνει διὸ καὶ λευκοῦ ἀνθρώπου ἔσται λόγος καὶ
ὀρισμὸς ἄλλον δὲ τρόπον καὶ τοῦ λευκοῦ καὶ οὐσίας
5. Ἔχει δ ἀπορίαν εἰάν τις μὴ φῆ ὀρισμὸν εἶναι τὸν ἐκ
προσθέσεως λόγον· τίνος ἔσται ὀρισμὸς τῶν οὐχ ἀπλῶν ἀλλὰ

mas “*aquilo que o ser é para o de tal e tal qualidade* ou para o *de tal e tal quantidade*”. Com efeito, devemos dizer que tais coisas são entes ou homonimamente, ou acrescentando e eliminando condições – assim como se diz cognoscível o não-cognoscível –, uma vez que o estritamente correto é designá-las como “ente” não por homonímia, nem de uma mesma maneira, mas assim como se designa o “medicinal”, por dizer-se em relação a uma única e mesma coisa, não por dizer-se uma só e mesma coisa, nem, com certeza, por homonímia: de fato, corpo, operação e instrumento se dizem “medicinais” não homonimamente, nem segundo uma só coisa, mas em relação a uma só coisa.

[1030b 3] No entanto, isso não faz diferença, qualquer que seja o modo pelo qual alguém queira designá-las; mas isto é evidente: que a definição e o “aquilo que o ser é”, de modo primeiro e absoluto, são das essências. Não são, entretanto, exclusivamente delas, mas semelhantemente também dos demais – embora não primeiramente. De fato, não é necessário, se introduzimos tal e tal coisa, que seja definição dela aquilo que signifique o mesmo que um enunciado, mas sim aquilo que signifique o mesmo que um certo enunciado; e isto se dá, se for o enunciado de algo uno, não por ser contínuo, como a *Iliada*, ou como as coisas que são unas por conjunção, mas se for um de qualquer um dos modos pelos quais se diz o um; e o um se diz tal como o ente; e o ente designa *um certo isto*, ou *de tal quantidade*, ou *de tal qualidade*. Por isso, também de homem branco pode haver enunciado e definição, embora de um modo distinto daquele pelo qual há definição e enunciado do branco e da essência.

Capítulo 5

[1030b 14] Há uma dificuldade: se alguém afirmar que o enunciado por acréscimo não é definição, de qual dos itens que não são simples, mas combinados,

συνδεδυασμένων· ἐκ προσθέσεως γὰρ ἀνάγκη δηλοῦν λέγω
δὲ οἷον ἔστι ρῖς καὶ κοιλότης καὶ σιμότης τὸ ἐκ τῶν δυοῖν
λεγόμενον τῷ τόδε ἐν τῷδε καὶ οὐ κατὰ συμβεβηκός γε
οὔθ' ἢ κοιλότης οὔθ' ἢ σιμότης πάθος τῆς ρίνος ἀλλὰ καθ
20 αὐτήν· οὐδ' ὡς τὸ λευκὸν Καλλία ἢ ἀνθρώπου ὅτι Καλλίας
λευκός ἢ συμβέβηκεν ἀνθρώπου εἶναι ἀλλ' ὡς τὸ ἄρρεν τῷ
ζῳίῳ καὶ τὸ ἴσον τῷ ποσῷ καὶ πάντα ὅσα λέγεται καθ
αὐτὰ ὑπάρχειν ταῦτα δ' ἔστιν ἐν ὅσοις ὑπάρχει ἢ ὁ λόγος ἢ
τοῦνομα οὐ ἔστι τοῦτο τὸ πάθος καὶ μὴ ἐνδέχεται δηλώσαι
χωρὶς ὥσπερ τὸ λευκὸν ἄνευ τοῦ ἀνθρώπου ἐνδέχεται ἀλλ'
οὐ τὸ θῆλυ ἄνευ τοῦ ζῳίου· ὥστε τούτων τὸ τί ἦν εἶναι καὶ
ὀρισμός ἢ οὐκ ἔστιν οὐδενός ἢ εἰ ἔστιν ἄλλως καθάπερ εἰρήκα
μεν ἔστι δὲ ἀπορία καὶ ἑτέρα περὶ αὐτῶν· εἰ μὲν γὰρ τὸ αὐτὸ
ἔστι σιμῆ ρῖς καὶ κοίλη ρῖς τὸ αὐτὸ ἔσται τὸ σιμὸν καὶ τὸ
30 κοῖλον· εἰ δὲ μὴ διὰ τὸ ἀδύνατον εἶναι εἰπεῖν τὸ σιμὸν
ἄνευ τοῦ πράγματος οὐ ἔστι πάθος καθ' αὐτό ἔστι γὰρ τὸ σι
μὸν κοιλότης ἐν ρίνι τὸ ρῖνα σιμῆν εἰπεῖν ἢ οὐκ ἔστιν ἢ δις
τὸ αὐτὸ ἔσται εἰρημένον ρῖς ρῖς κοίλη ἢ γὰρ ρῖς ἢ σιμῆ ρῖς
ρῖς κοίλη ἔσται διὸ ἄτοπον τὸ ὑπάρχειν τοῖς τοιούτοις τὸ τί
ἦν εἶναι· εἰ δὲ μὴ εἰς ἄπειρον εἴσιν· ρῖνι γὰρ ρῖνι σιμῆ ἔτι
ΙΟ31α ἄλλο ἐνέσται δῆλον τοίνυν ὅτι μόνης τῆς οὐσίας ἔστιν ὁ
ὀρισμός· εἰ γὰρ καὶ τῶν ἄλλων κατηγοριῶν ἀνάγκη ἐκ προσ
θέσεως εἶναι οἷον τοῦ ποιοῦ καὶ περιττοῦ· οὐ γὰρ ἄνευ ἀριθ
μοῦ οὐδὲ τὸ θῆλυ ἄνευ ζῳίου τὸ δὲ ἐκ προσθέσεως λέγω ἐν οἷς

haverá definição? Pois é necessário mostrá-los por um acréscimo. Quero dizer: há nariz e concavidade, e aduncidade é o item que se diz a partir de ambos por “esta estar naquele”, e não é por concomitância que a concavidade ou a aduncidade são afecções do nariz – antes, são afecções do nariz em si mesmo. Também não são como o branco para Cálías (ou para homem, porque Cálías, ao qual sucede como concomitante ser homem, é branco), mas, antes, são como o macho para o animal, o igual para o quanto e todas as coisas que se afirmam serem atribuídas a algo em si mesmo. E estas são todas aquelas em que se encontra a definição (ou a denominação) daquilo de que são afecção, e que não é possível elucidar separadamente (por exemplo: é possível elucidar “branco” sem o homem, mas não é possível elucidar “fêmea” sem o animal). Conseqüentemente, destas coisas, ou não haverá “aquilo que o ser é” e definição de nenhuma, ou, se houver, será de um outro modo, conforme dissemos.

[1030b 28] Há também uma outra dificuldade a respeito delas. De fato, se nariz adunco e nariz côncavo forem o mesmo, o adunco e o côncavo serão o mesmo. Se não forem o mesmo – por ser impossível enunciar o adunco sem a coisa da qual, em si mesma, ele é afecção (pois o adunco é concavidade no nariz) – dizer “nariz adunco” ou não será possível, ou o mesmo será dito duas vezes, “nariz nariz côncavo” (pois “nariz adunco” será “nariz nariz côncavo”), pelo que, seria absurdo pertencer a tais itens o “aquilo que seu ser é”; se não fosse absurdo, prosseguir-se-ia ao infinito: em “nariz nariz adunco”, ainda outro estaria inerente.

[1031a 1] Assim, é evidente que a definição cabe apenas à essência. Com efeito, se há definição também das outras categorias, é necessário que seja por acréscimo, por exemplo, do *de tal qualidade* e do ímpar: este não se define sem o número, nem a fêmea sem o animal (“por acréscimo” refere-se aos casos em que

συμβαίνει δις τὸ αὐτὸ λέγειν ὡσπερ ἐν τούτοις εἰ δὲ τοῦτο ἀληθές οὐδὲ συνδυαζομένων ἔσται οἷον ἀριθμοῦ περιττοῦ· ἀλλὰ λανθάνει ὅτι οὐκ ἀκριβῶς λέγονται οἱ λόγοι εἰ δ' εἰσὶ καὶ τούτων ὅροι ἤτοι ἄλλον τρόπον εἰσὶν ἢ καθάπερ ἐλέχθη πολλαχῶς λεκτέον εἶναι τὸν ὀρισμὸν καὶ τὸ τί ἦν

10 εἶναι ὥστε ὠδὶ μὲν οὐδενὸς ἔσται ὀρισμὸς οὐδὲ τὸ τί ἦν εἶναι οὐδενὶ ὑπάρξει πλην ταῖς οὐσίαις ὠδὶ δ' ἔσται ὅτι μὲν οὖν ἔστιν ὁ ὀρισμὸς ὁ τοῦ τί ἦν εἶναι λόγος καὶ τὸ τί ἦν εἶναι ἢ μόνων τῶν οὐσιῶν ἔστιν ἢ μάλιστα καὶ πρώτως καὶ ἀπλῶς δῆλον

6. Πότερον δὲ ταῦτόν ἐστιν ἢ ἕτερον τὸ τί ἦν εἶναι καὶ ἕκαστον σκεπτέον ἔστι γάρ τι πρὸ ἔργου πρὸς τὴν περὶ τῆς οὐσίας σκέψιν· ἕκαστόν τε γὰρ οὐκ ἄλλο δοκεῖ εἶναι τῆς ἑαυτοῦ οὐσίας καὶ τὸ τί ἦν εἶναι λέγεται εἶναι ἢ ἐκάστου οὐσία ἐπὶ μὲν δὴ τῶν λεγομένων κατὰ συμβεβηκὸς δόξειεν ἂν

20 ἕτερον εἶναι οἷον λευκὸς ἄνθρωπος ἕτερον καὶ τὸ λευκῆ ἄνθρωπος εἶναι εἰ γὰρ τὸ αὐτό καὶ τὸ ἀνθρώπου εἶναι καὶ τὸ λευκῆ ἀνθρώπου τὸ αὐτό· τὸ αὐτὸ γὰρ ἄνθρωπος καὶ λευκὸς ἄνθρωπος ὡς φασίν ὥστε καὶ τὸ λευκῆ ἀνθρώπου καὶ τὸ ἀνθρώπου· ἢ οὐκ ἀνάγκη ὅσα κατὰ συμβεβηκὸς εἶναι ταυτά οὐ γὰρ ἰσάτως τὰ ἄκρα γίγνεται ταυτά· ἀλλ' ἴσως γε ἐκεῖνο δόξειεν ἂν συμβαίνειν τὰ ἄκρα γίγνεσθαι

sucede afirmar duas vezes o mesmo, tal como nesses). Se isso é verdadeiro, tampouco poderá haver definição dos itens combinados, por exemplo, de “número ímpar”.

[1031a 7] Mas passa despercebido que estes enunciados não são afirmados com precisão. Dado que há definições também destes itens, ou elas são de um outro modo, ou, conforme foi dito, a definição e o “aquilo que o ser é” devem ser ditos de diversos modos. Conseqüentemente, de certo modo, não é possível haver definição de nenhum item, e o “aquilo que o ser é” não poderá pertencer a item algum, senão às essências; mas, de outro modo, é possível haver [sc. definição também dos outros itens].

[1031a 11] É evidente, portanto, que a definição é o enunciado do “aquilo que o ser é”, e que o “aquilo que o ser é” é apenas das essências, ou sobretudo delas, primeiramente e sem mais.

Capítulo 6

[1031a 15] Devemos examinar se cada coisa e “aquilo que seu ser é” são idênticos ou distintos. Isso é propício para a investigação a respeito da essência, pois julga-se que cada coisa não é diversa de sua própria essência, e afirma-se que a essência de cada coisa é “aquilo que seu ser é”.

[1031a 19] No caso das coisas que se afirmam por concomitância, é plausível julgar que sejam distintos, por exemplo, que o homem branco e o *ser para homem branco* sejam distintos (de fato, se fossem idênticos, também seriam idênticos o *ser para homem* e o *ser para homem branco*; pois – como dizem – são idênticos o homem e o homem branco, de modo que também seriam idênticos o *ser para homem branco* e o *ser para homem*; ou, muito pelo contrário, não seria necessário que fossem idênticas as coisas que se afirmam por concomitância,

ταῦτά τὰ κατὰ συμβεβηκός οἶον τὸ λευκῷ εἶναι καὶ τὸ μου
σικῷ· δοκεῖ δὲ οὕ· ἐπὶ δὲ τῶν καθ' αὐτὰ λεγομένων
ἄρ' ἀνάγκη ταῦτό εἶναι οἶον εἴ τινες εἰσὶν οὐσίαι ὧν ἕτεραι
30 μὴ εἰσὶν οὐσίαι μηδὲ φύσεις ἕτεραι πρότεραι οἷας φασὶ τὰς
ιδέας εἶναι τινες; εἰ γὰρ ἔσται ἕτερον αὐτὸ τὸ ἀγαθὸν καὶ
τὸ ἀγαθῷ εἶναι καὶ ζῆον καὶ τὸ ζῆον καὶ τὸ ὄντι καὶ τὸ
1031β ὄν ἔσονται ἄλλαι τε οὐσίαι καὶ φύσεις καὶ ιδέαι παρὰ τὰς
λεγομένας καὶ πρότεραι οὐσίαι ἐκεῖναι εἰ τὸ τί ἦν εἶναι
οὐσία ἐστίν· καὶ εἰ μὲν ἀπολελυμένοι ἀλλήλων τῶν μὲν
οὐκ ἔσται ἐπιστήμη τὰ δ' οὐκ ἔσται ὄντα λέγω δὲ τὸ ἀπο
λελύσθαι εἰ μήτε τῷ ἀγαθῷ αὐτῷ ὑπάρχει τὸ εἶναι ἀγαθῷ
μήτε τούτῳ τὸ εἶναι ἀγαθόν· ἐπιστήμη τε γὰρ ἐκάστου ἔστιν
ὅταν τὸ τί ἦν ἐκεῖνον εἶναι γινώμεν καὶ ἐπὶ ἀγαθοῦ καὶ τῶν
ἄλλων ὁμοίως ἔχει ὥστε εἰ μηδὲ τὸ ἀγαθῷ εἶναι ἀγαθόν οὐδὲ
τὸ ὄντι ὄν οὐδὲ τὸ ἐνὶ ἑνὶ ὁμοίως δὲ πάντα ἔστιν ἢ οὐθέν τὰ
10 τί ἦν εἶναι ὥστ' εἰ μηδὲ τὸ ὄντι ὄν οὐδὲ τῶν ἄλλων οὐθέν
ἔτι ἢ μὴ ὑπάρχει ἀγαθῷ εἶναι οὐκ ἀγαθόν ἀνάγκη ἄρα
ἐν εἶναι τὸ ἀγαθόν καὶ ἀγαθῷ εἶναι καὶ καλὸν καὶ καλῷ
εἶναι καὶ ὅσα μὴ κατ' ἄλλο λέγεται ἀλλὰ καθ' αὐτὰ καὶ

visto que os termos extremos não vêm a ser idênticos do mesmo modo; mas talvez pareceria decorrer isto: termos extremos afirmados por concomitância virem a ser idênticos, por exemplo, o *ser para o branco* e o *ser para o musical*; no entanto, isto não parece ser o caso).

[1031a 28] Por outro lado, no caso das coisas que se afirmam em si mesmas, necessariamente sempre são idênticos – quero dizer, se há certas essências às quais nenhuma outra essência (tampouco nenhuma natureza) é anterior (como alguns afirmam que são as Idéias). De fato, se fossem distintos o Bom em si mesmo e o *ser para o bom* – bem como o Animal em si mesmo e o *ser para o animal*, o *ser para o ente* e o Ente em si mesmo –, haveria, além das mencionadas, outras essências, naturezas e Idéias, e estas seriam essências anteriores, se o “aquilo que o ser é” é essência.

[1031b 3] E se essas essências fossem apartadas entre si, de umas, não poderia haver conhecimento, ao passo que as outras não seriam entes (quero dizer, por “estarem apartadas”: se ao Bom em si mesmo não for atribuído o *ser para o bom*, e se, a este último, não for atribuído o *ser bom*); pois há conhecimento de cada coisa quando reconhecemos “aquilo que o ser é para ela”, semelhantemente também para o bom e para as demais coisas, de modo que, se nem sequer o *ser para o bom* for bom, tampouco o *ser para o ente* será ente (tampouco o *ser para o um* será um); semelhantemente, ou todo ou nenhum “aquilo que o ser é” será o caso, de modo que, se nem sequer o *ser para o ente* é ente, tampouco poderá ser ente nenhum dos demais.

[1031b 11] Além do mais, não é bom aquilo a que não se atribui o *ser para o bom*. É necessário, portanto, que sejam um só o bom e o *ser para o bom*, o belo e o *ser para o belo* (isto é verdadeiro para tudo aquilo que se afirma não *de outra coisa*, mas sim *em si mesmo* e como primeiro). Com efeito, quando for atribuído,

πρώτα· καὶ γὰρ τοῦτο ἰκανὸν ἂν ὑπάρχη κἂν μὴ ᾗ εἶδη
μᾶλλον δ' ἴσως κἂν ᾗ εἶδη ἅμα δὲ δῆλον καὶ ὅτι εἴπερ
εἰσὶν αἱ ἰδέαι οἷας τινὲς φασιν οὐκ ἔσται τὸ ὑποκείμενον
οὐσία· ταύτας γὰρ οὐσίας μὲν ἀναγκαῖον εἶναι μὴ καθ
ὑποκειμένου δέ· ἔσονται γὰρ κατὰ μέθεξιν ἕκ τε δὴ τούτων
τῶν λόγων ἐν καὶ ταῦτό οὐ κατὰ συμβεβηκὸς αὐτὸ ἕκαστον
20 καὶ τὸ τί ᾗν εἶναι καὶ ὅτι γε τὸ ἐπίστασθαι ἕκαστον τοῦτό
ἔστι τὸ τί ᾗν εἶναι ἐπίστασθαι ὥστε καὶ κατὰ τὴν ἕκθεσιν
ἀνάγκη ἐν τι εἶναι ἄμφω τὸ δὲ κατὰ συμβεβηκὸς λεγόμενον
οἷον τὸ μουσικὸν ἢ λευκὸν διὰ τὸ διττὸν σημαίνειν
οὐκ ἀληθὲς εἰπεῖν ὡς ταῦτό τὸ τί ᾗν εἶναι καὶ αὐτό· καὶ
γὰρ ᾗ συμβέβηκε λευκὸν καὶ τὸ συμβεβηκὸς ὥστ' ἔστι
μὲν ὡς ταῦτόν ἔστι δὲ ὡς οὐ ταῦτό τὸ τί ᾗν εἶναι καὶ αὐτό·
τῷ μὲν γὰρ ἀνθρώπῳ καὶ τῷ λευκῷ ἀνθρώπῳ οὐ ταῦτό τῷ
πάθει δὲ ταῦτό ἄτοπον δ' ἂν φανείη κἂν εἴ τις ἐκάστω
ὄνομα θεῖτο τῶν τί ᾗν εἶναι· ἔσται γὰρ καὶ παρ' ἐκεῖνο
30 ἄλλο οἷον τῷ τί ᾗν εἶναι ἵππῳ τί ᾗν εἶναι ἵππῳ ἕτερον
καίτοι τί κωλύει καὶ νῦν εἶναι ἓνια εὐθύς τί ᾗν εἶναι εἴπερ
οὐσία τὸ τί ᾗν εἶναι; ἀλλὰ μὴν οὐ μόνον ἐν ἀλλὰ καὶ ὁ
1032a λόγος ὁ αὐτὸς αὐτῶν ὡς δῆλον καὶ ἐκ τῶν εἰρημένων· οὐ
γὰρ κατὰ συμβεβηκὸς ἐν τὸ ἐνὶ εἶναι καὶ ἐν ἔτι εἰ ἄλλο

ele será suficiente, mesmo se não for Forma, e, certamente, sobretudo se for Forma. Ao mesmo tempo, é evidente também que, se as Idéias forem tais como alguns afirmam, o subjacente não poderá ser essência, pois, por um lado, é necessário que elas sejam essências, mas, por outro, é necessário que elas não sejam de um subjacente; pois, caso contrário, elas seriam por participação.

[1031b 18] Assim, por esses argumentos, decorre que são um só e idênticos, não por concomitância, cada coisa em si mesma e “aquilo que seu ser é”, inclusive porque conhecer cada coisa é isto: conhecer “aquilo que seu ser é”; de modo que, também conforme a “exposição”, é necessário que ambos sejam um só.

[1031b 22] (Mas, no caso daquilo que se afirma por concomitância, por exemplo, o musical ou o branco, não é verdadeiro afirmar que são idênticos “aquilo que o ser é” e a própria coisa – porque significam de duas maneiras. De fato, é branco tanto aquilo a que sucede como concomitante o branco, como também o concomitante; por conseguinte, de certa maneira são idênticos, mas, de outra maneira, não são idênticos a própria coisa e “aquilo que seu ser é”: “aquilo que o ser é para o branco” não é idêntico nem ao homem, nem ao homem branco, mas é idêntico à afecção).

[1031b 28] Seria manifestamente absurdo se alguém estabelecesse um nome para cada um dos “aquilo que o ser é”; pois, neste caso, além dele, haveria um outro, por exemplo, haveria um outro “aquilo que o ser é” para o “aquilo que o ser é para o cavalo”. No entanto, o que impediria que alguns fossem imediatamente “aquilo que o ser é”, visto que “aquilo que o ser é” é essência? Ora, com certeza, não apenas são um só, mas inclusive o enunciado deles é o mesmo, como é deveras evidente pelos casos que foram mencionados; de fato, não é por concomitância que são um o *ser para o um* e o um.

ἔσται εἰς ἄπειρον εἶσιν· τὸ μὲν γὰρ ἔσται τί ἦν εἶναι τοῦ ἐνός
τὸ δὲ τὸ ἐν ὥστε καὶ ἐπ' ἐκείνων ὁ αὐτὸς ἔσται λόγος ὅτι
μὲν οὖν ἐπὶ τῶν πρώτων καὶ καθ' αὐτὰ λεγομένων τὸ ἐκάστω
εἶναι καὶ ἕκαστον τὸ αὐτὸ καὶ ἐν ἔστι δῆλον· οἱ δὲ σοφιστι
κοὶ ἔλεγχοι πρὸς τὴν θέσιν ταύτην φανερόν ὅτι τῇ αὐτῇ
λύονται λύσει καὶ εἰ ταῦτὸ Σωκράτης καὶ Σωκράτει εἶναι·
οὐδὲν γὰρ διαφέρει οὔτε ἐξ ὧν ἐρωτήσειεν ἂν τις οὔτε ἐξ ὧν
10 λύων ἐπιτύχοι πῶς μὲν οὖν τὸ τί ἦν εἶναι ταῦτὸν καὶ πῶς
οὐ ταῦτὸν ἐκάστω εἴρηται

7. Τῶν δὲ γιγνομένων τὰ μὲν φύσει γίγνεται τὰ δὲ
τέχνη τὰ δὲ ἀπὸ ταῦτομάτου πάντα δὲ τὰ γιγνώμενα ὑπό
τέτινος γίγνεται καὶ ἕκ τινος καὶ τί· τὸ δὲ τί λέγω καθ'
ἐκάστην κατηγορίαν· ἢ γὰρ τόδε ἢ ποσὸν ἢ ποιὸν ἢ πού· αἱ
δὲ γενέσεις αἱ μὲν φυσικαὶ αὐταὶ εἰσιν ὧν ἢ γένεσις ἐκ
φύσειός ἐστιν τὸ δ' ἐξ οὗ γίγνεται ἢν λέγομεν ὕλην τὸ δὲ
ὑφ' οὗ τῶν φύσει τι ὄντων τὸ δὲ τί ἄνθρωπος ἢ φυτὸν
ἢ ἄλλο τι τῶν τοιούτων ἃ δὴ μάλιστα λέγομεν οὐσίας εἶναι
20 ἅπαντα δὲ τὰ γιγνώμενα ἢ φύσει ἢ τέχνη ἔχει ὕλην· δυ
νατὸν γὰρ καὶ εἶναι καὶ μὴ εἶναι ἕκαστον αὐτῶν τοῦτο δ'
ἐστὶν ἢ ἐν ἐκάστω ὕλη καθόλου δὲ καὶ ἐξ οὗ φύσις καὶ καθ'
ὁ φύσις τὸ γὰρ γιγνώμενον ἔχει φύσιν οἷον φυτὸν ἢ ζῷον

[1032a 2] Além do mais, se houvesse outro “aquilo que o ser é”, prosseguir-se-ia ao infinito. Pois, de um lado, haveria “aquilo que o ser é” do um, e, de outro lado, o um, de modo que também sobre eles haveria o mesmo argumento.

[1032a 4] Assim, é evidente que cada coisa e o *ser para cada coisa* são um só e idênticos no caso das coisas que se afirmam em si mesmas e como primeiras. É óbvio que as refutações sofisticas contra esta tese se resolvem com a mesma solução que o problema “se Sócrates é idêntico ao *ser para Sócrates*” (pois não faz nenhuma diferença quais são as premissas a partir das quais alguém poderia perguntar, ou a partir das quais eventualmente refutaria).

[1032a 10] Portanto, está dito de que modo cada coisa e “aquilo que seu ser é” são idênticos, e de que modo não são idênticos.

Capítulo 7

[1032a 12] Entre as coisas que vêm a ser, umas vêm a ser por natureza, outras, pela técnica, outras, pelo espontâneo. Tudo que vem a ser vem a ser por obra de algo, a partir de algo e algo; entendo este “algo” em cada categoria: ou *é tal e tal coisa*, ou *de tal tamanho*, ou *de tal qualidade*, ou *em algum lugar*.

[1032a 15] As gerações naturais são exatamente aquelas cujo vir a ser se dá a partir da natureza, nas quais “aquilo *a partir de que* vem a ser” é o que chamamos matéria, “aquilo *por obra de que* vem a ser” é algum dos entes que são por natureza, e o “algo” é homem, ou planta, ou outra coisa desse tipo, as quais sobretudo afirmamos ser essência – e todas as coisas que vêm a ser por natureza ou por técnica comportam matéria: cada uma delas é capaz de ser e de não ser, e isso é a matéria em cada uma. – Em geral, é natureza tanto aquilo *a partir de que* como aquilo *em direção a que* vem a ser (de fato, aquilo que sofre processo de vir a ser tem natureza, por exemplo, planta ou animal), e aquilo *por obra de*

καὶ ὕφ' οὗ ἢ κατὰ τὸ εἶδος λεγομένη φύσις ἢ ὁμοειδῆς
αὕτη δὲ ἐν ἄλλῃ· ἄνθρωπος γὰρ ἄνθρωπον γεννᾷ· οὕτω μὲν
οὖν γίνεταί τὰ γιγνόμενα διὰ τὴν φύσιν· αἱ δ' ἄλλαι γε
νέσεις λέγονται ποιήσεις· πᾶσαι δὲ εἰσὶν αἱ ποιήσεις ἢ ἀπὸ
τέχνης ἢ ἀπὸ δυνάμεως ἢ ἀπὸ διανοίας· τούτων δὲ τινες
γίνονται καὶ ἀπὸ ταύτομάτου καὶ ἀπὸ τύχης παραπλη
30 σίως ὥσπερ ἐν τοῖς ἀπὸ φύσεως γιγνομένοις· ἔνια γὰρ
κάκεϊ ταῦτα καὶ ἐκ σπέρματος γίνεταί καὶ ἄνευ σπέρ
ματος· περὶ μὲν οὖν τούτων ὕστερον ἐπισκεπτέον· ἀπὸ τέχνης
1032β δὲ γίνεταί ὅσων τὸ εἶδος ἐν τῇ ψυχῇ· εἶδος δὲ λέγω τὸ
τί ἦν εἶναι ἐκάστου καὶ τὴν πρώτην οὐσίαν· καὶ γὰρ τῶν ἐναν
τίων τρόπον τινὰ τὸ αὐτὸ εἶδος· τῆς γὰρ στερήσεως οὐσία ἢ
οὐσία ἢ ἀντικειμένη· οἷον ὑγίεια νόσου· ἐκείνης γὰρ ἀπουσία
ἢ νόσος· ἢ δὲ ὑγίεια ὁ ἐν τῇ ψυχῇ λόγος καὶ ἢ ἐπι
στήμη· γίνεταί δὲ τὸ ὑγιὲς νοήσαντος οὕτως· ἐπειδὴ τοδὶ
ὑγίεια ἀνάγκη εἶ ὑγιὲς ἔσται τοδὶ ὑπάρξαι· οἷον ὄμα
λόγητα· εἰ δὲ τοῦτο θερμότητα· καὶ οὕτως αἰεὶ νοεῖ· ἕως ἂν
ἀγάγη εἰς τοῦτο ὃ αὐτὸς δύναται ἔσχατον ποιεῖν· εἶτα ἤδη
10 ἢ ἀπὸ τούτου κινήσεις ποιήσεις καλεῖται· ἢ ἐπὶ τὸ ὑγιαίνειν
ὥστε συμβαίνει τρόπον τινὰ τὴν ὑγίειαν ἐξ ὑγείας γίνεσθαι
καὶ τὴν οἰκίαν ἐξ οἰκίας· τῆς ἄνευ ὕλης τὴν ἔχουσαν ὕλην·
ἢ γὰρ ἰατρικὴ ἔστι καὶ ἢ οἰκοδομικὴ τὸ εἶδος τῆς ὑγείας
καὶ τῆς οἰκίας· λέγω δὲ οὐσίαν ἄνευ ὕλης τὸ τί ἦν εἶναι

que vem a ser é a natureza concebida como forma, e que é homoforme (mas é ela mesma em outro): de fato, é um ser humano que gera um ser humano.

[1032a 25] É assim, portanto, que vêm a ser as coisas que vêm a ser devido à natureza; as demais gerações, por sua vez, se chamam produções. Todas as produções se dão a partir da técnica, ou de uma capacidade, ou do pensamento. Entre elas, algumas vêm a ser também pelo espontâneo ou por acaso, de maneira semelhante à que se dá no domínio daquilo que vem a ser a partir da natureza, pois, também neste último, em alguns casos as mesmas coisas podem ser geradas tanto a partir de uma semente como também sem semente.

[1032a 32] Mas, a respeito destes casos, devemos examinar depois; a partir da técnica, por sua vez, vêm a ser coisas cuja forma está na alma (por “forma”, quero dizer “aquilo que o ser é” de cada coisa e a essência primeira); de fato, inclusive de coisas contrárias de certo modo há uma mesma forma, pois a essência da privação é a essência oposta – por exemplo, a saúde é oposta à doença, pois a doença é ausência dela, e a saúde é a definição e o conhecimento na alma.

[1032b 6] Algo vem a ser saudável na medida em que alguém pensa do seguinte modo: visto que a saúde é *isto aqui*, é necessário, se há de se dar algo saudável, que *tal e tal coisa* se dê, por exemplo, equilíbrio; mas, se este equilíbrio há de se dar, é necessário haver calor; e deste modo continuamente pensa, até que remonte àquele item extremo que ele próprio é capaz de produzir. Em seguida, o movimento que se dá a partir disto – em direção ao estar saudável – já se denomina “produção”. Por conseguinte, decorre que, de algum modo, a saúde vem a ser a partir da saúde e a casa a partir da casa: aquela que possui matéria vem a ser a partir da que é sem matéria; pois a medicina é a forma da saúde (assim como a arte de construir casa é a forma da casa), e, por “essência sem matéria”, quero dizer o “aquilo que o ser é”.

Τῶν δὴ γενέσεων καὶ κινήσεων ἢ μὲν νόησις καλεῖται ἢ δὲ
ποίησις ἢ μὲν ἀπὸ τῆς ἀρχῆς καὶ τοῦ εἶδους νόησις ἢ δὲ
ἀπὸ τοῦ τελευταίου τῆς νοήσεως ποίησις ὁμοίως δὲ καὶ τῶν
ἄλλων τῶν μεταξὺ ἕκαστον γίγνεται λέγω δ' οἶον εἰ ὑγια-
νεῖ δέοι ἂν ὁμαλυνθῆναι τί οὖν ἐστὶ τὸ ὁμαλυνθῆναι; τοδί
20 τοῦτο δ' ἐστὶ εἰ θερμανθήσεται τοῦτο δὲ τί ἐστὶ; τοδί ὑπάρ-
χει δὲ τοδί δυνάμει· τοῦτο δὲ ἤδη ἐπ' αὐτῷ τὸ δὴ ποιοῦν
καὶ ὅθεν ἄρχεται ἢ κίνησις τοῦ ὑγιαίνειν ἂν μὲν ἀπὸ
τέχνης τὸ εἶδος ἐστὶ τὸ ἐν τῇ ψυχῇ ἐὰν δ' ἀπὸ ταῦτο
μάτου ἀπὸ τούτου ὅποτε τοῦ ποιεῖν ἄρχει τῷ ποιοῦντι ἀπὸ
τέχνης ὡσπερ καὶ ἐν τῷ ἰατρεύειν ἴσως ἀπὸ τοῦ θερμαίνειν
ἢ ἀρχή τοῦτο δὲ ποιεῖ τῇ τρίψει· ἢ θερμότης τοίνυν ἢ ἐν
τῷ σώματι ἢ μέρος τῆς ὑγιείας ἢ ἔπεται τι αὐτῇ τοιοῦτον
ὅ ἐστὶ μέρος τῆς ὑγιείας ἢ διὰ πλείονων· τοῦτο δ' ἔσχα-
τόν ἐστὶ τὸ ποιοῦν τὸ μέρος τῆς ὑγιείας καὶ τῆς οἰκίας
30 οἶον οἱ λίθοι καὶ τῶν ἄλλων· ὡσπερ καθάπερ λέγεται ἀδύ-
νατον γενέσθαι εἰ μὴδὲν προϋπάρχοι ὅτι μὲν οὖν τι μέρος
ἐξ ἀνάγκης ὑπάρξει φανερόν· ἢ γὰρ ὕλη μέρος ἐνυπάρ-
1033α χει γὰρ καὶ γίγνεται αὕτη ἀλλ' ἄρα καὶ τῶν ἐν τῷ
λόγῳ; ἀμφοτέρως δὴ λέγομεν τοὺς χαλκοὺς κύκλους τί εἰσι
καὶ τὴν ὕλην λέγοντες ὅτι χαλκός καὶ τὸ εἶδος ὅτι σχῆμα
τοιόνδε καὶ τοῦτό ἐστὶ τὸ γένος εἰς ὃ πρῶτον τίθεται ὁ δὴ
χαλκοὺς κύκλος ἔχει ἐν τῷ λόγῳ τὴν ὕλην ἐξ οὗ δὲ ὡς

[1032b 15] Entre os tipos de geração e movimento, um se denomina “pensamento”, o outro se denomina “produção”: é pensamento aquele que se dá a partir do princípio, isto é, da forma, ao passo que é produção aquele que se dá a partir do último item do pensamento.

[1032b 17] É também de modo semelhante que cada um dos demais intermediários vem a ser. Quero dizer, por exemplo: se há de estar saudável, é preciso estar equilibrado. Mas o que é, então, estar equilibrado? É *isto aqui*; e isto se dará se [sc. o corpo] for esquentado. Mas este, por sua vez, o esquentar-se, o que é? É *tal e tal coisa*. E tal coisa já se encontra disponível em potência. E isto já está em seu próprio poder.

[1032b 21] Assim, o fator que produz, isto é, do qual se inicia o movimento de se tornar saudável, se for pela técnica, é a forma na alma; mas, se for pelo espontâneo, o movimento se dará a partir daquilo que inicia o produzir para quem produz pela técnica, por exemplo, ao curar, o princípio se dá, certamente, pelo esquentar (e isto se faz por fricção). Assim, o calor no corpo é uma parte da saúde, ou se lhe segue algo tal que é uma parte da saúde (ou isto se dá através de mais itens); e este é o item último, o que produz uma parte da saúde – também da casa (por exemplo, as pedras) e das demais coisas. Por conseguinte, conforme se diz, é impossível que algo venha a ser se nada estiver previamente disponível.

[1032b 31] Assim, é manifesto que, necessariamente, alguma parte estará disponível: de fato, a matéria é uma parte (pois ela sofre o processo de vir a ser e se encontra inerente [sc. no resultado]).

[1033a 1] Mas será, então, que a matéria se conta também entre os itens que estão na definição? Ora, é certo que dizemos de ambas as maneiras o que são os círculos de bronze, tanto dizendo que a matéria é bronze, como dizendo que a forma é figura de tal e tal qualidade, e isto é o gênero em que ele primeiramente é posto. Assim, é certo que o círculo de bronze comporta matéria na definição.

ύλης γίγνεται ἕνια λέγεται ὅταν γένηται οὐκ ἐκεῖνο ἀλλ ἐκείνινον οἷον ὁ ἀνδριάς οὐ λίθος ἀλλὰ λίθινος ὁ δὲ ἄνθρωπος ὁ ὑγιαίνων οὐ λέγεται ἐκεῖνο ἐξ οὗ· αἴτιον δὲ ὅτι γίγνεται ἐκ τῆς στέρησεως καὶ τοῦ ὑποκειμένου ὃ λέγομεν τὴν

- 10 ὕλην οἷον καὶ ὁ ἄνθρωπος καὶ ὁ κάμνων γίγνεται ὑγιής μᾶλλον μέντοι λέγεται γίγνεσθαι ἐκ τῆς στέρησεως οἷον ἐκ κάμνοντος ὑγιής ἢ ἐξ ἀνθρώπου διὸ κάμνων μὲν ὁ ὑγιής οὐ λέγεται ἄνθρωπος δὲ καὶ ὁ ἄνθρωπος ὑγιής· οἷον δ' ἡ στέρησις ἄδηλος καὶ ἀνόνητος οἷον ἐν χαλκῇ σχήματος ὁποιοῦσιν ἢ ἐν πλίνθοις καὶ ξύλοις οἰκίας ἐκ τούτων δοκεῖ γίγνεσθαι ὡς ἐκεῖ ἐκ κάμνοντος· διὸ ὡσπερ οὐδ' ἐκεῖ ἐξ οὗ τοῦτο ἐκεῖνο οὐ λέγεται οὐδ' ἐνταῦθα ὁ ἀνδριάς ξύλον ἀλλὰ παράγεται ξύλινος οὐ ξύλον καὶ χαλκοῦς ἀλλ' οὐ χαλκός καὶ λίθινος ἀλλ' οὐ λίθος καὶ ἡ οἰκία πλινθίνη ἀλλ' οὐ πλίνθοι ἐπεὶ οὐδὲ
- 20 ὡς ἐκ ξύλου γίγνεται ἀνδριάς ἢ ἐκ πλίνθων οἰκία· ἐάν τις ἐπιβλέπῃ σφόδρα οὐκ ἂν ἀπλῶς εἴπειεν διὰ τὸ δεῖν μεταβάλλοντος γίγνεσθαι ἐξ οὗ ἀλλ' οὐχ ὑπομένουτος διὰ μὲν οὖν τοῦτο οὕτως λέγεται

[1033a 5] Algumas coisas, quando vêm a ser, são designadas não como “aquilo” a partir de que vêm a ser (a título de matéria), mas, de preferência, como “daquilo”; por exemplo: a estátua não é “pedra”, mas sim “de pedra”; por outro lado, o homem que se torna saudável não é designado como aquilo a partir de que vem a ser; e a causa disso é que vem a ser a partir da privação e do subjacente, o qual designamos como matéria (isto é, tanto o homem como o doente se tornam saudáveis), mas, de preferência, se diz que vem a ser a partir da privação, por exemplo, se diz “a partir de doente vem a ser saudável”, de preferência a “a partir de homem vem a ser saudável”, porque o saudável não é designável como “doente”, mas é designável como “homem”, e o homem é designável como “saudável”.

[1033a 13] Mas, para as coisas cuja privação é pouco evidente e desprovida de denominação (por exemplo: a privação de uma figura qualquer no bronze, ou a de uma casa nos tijolos e madeiras), parece que elas vêm a ser a partir desses materiais, tal como, naquele caso, a partir de doente. Por isso, tal como lá naquele caso a coisa que vem a ser não se designa como “aquilo” a partir de que vem a ser, tampouco aqui neste caso a estátua se diz “madeira”, mas é apresentada como “de madeira”, não “madeira”; e como “de bronze”, mas não “bronze”, e “de pedra”, mas não “pedra”, assim como a casa é “de tijolos”, mas não “tijolos” – uma vez que, se alguém observar tenazmente, não dirá, sem mais, nem sequer que a partir de madeira vem a ser estátua, ou, a partir de tijolos, casa, porque é preciso que venha a ser a partir de algo que sofra mudança, mas não a partir de algo que permanece. Por isso, portanto, se diz dessa maneira.

8. Ἐπεὶ δὲ ὑπὸ τινός τε γίγνεται τὸ γιγνόμενον τοῦτο δὲ λέγω ὅθεν ἢ ἀρχὴ τῆς γενέσεώς ἐστι καὶ ἕκ τινος ἔστω δὲ μὴ ἢ στέρησις τοῦτο ἀλλ' ἢ ὕλη· ἤδη γὰρ διήρισται ὃν τρόπον τοῦτο λέγομεν καὶ τί γίγνεται τοῦτο δ' ἐστὶν ἢ σφαῖρα ἢ κύκλος ἢ ὅ τι ἔτυχε τῶν ἄλλων ὥσπερ οὐδὲ τὸ ὑποκείμενον ποιεῖ τὸν χαλκὸν οὕτως οὐδὲ τὴν σφαῖραν εἰ μὴ

30 κατὰ συμβεβηκὸς ὅτι ἡ χαλκῆ σφαῖρα σφαῖρά ἐστιν ἐκείνην δὲ ποιεῖ τὸ γὰρ τόδε τι ποιεῖν ἐκ τοῦ ὅλως ὑποκείμενου τόδε τι ποιεῖν ἐστὶν λέγω δ' ὅτι τὸν χαλκὸν στρογγύλον ποιεῖν ἐστὶν οὐ τὸ στρογγύλον ἢ τὴν σφαῖραν ποιεῖν ἀλλ' ἕτερόν τι οἷον τὸ εἶδος τοῦτο ἐν ἄλλῳ· εἰ γὰρ ποιεῖ ἕκ

1033β τινος ἂν ποιήῃ ἄλλου τοῦτο γὰρ ὑπέκειτο· οἷον ποιεῖ χαλκῆν σφαῖραν τοῦτο δὲ οὕτως ὅτι ἐκ τουδί ὅ ἐστι χαλκός τουδί ποιεῖ ὅ ἐστι σφαῖρα· εἰ οὖν καὶ τοῦτο ποιεῖ αὐτό δηλονότι ὡσαύτως ποιήσει καὶ βαδιῶνται αἱ γενέσεις εἰς ἄπειρον φανερόν ἄρα ὅτι οὐδὲ τὸ εἶδος ἢ ὀτιδήποτε χρὴ καλεῖν τὴν ἐν τῇ αἰσθητῇ μορφήν οὐ γίγνεται οὐδ' ἐστὶν αὐτοῦ γένεσις οὐδὲ τὸ τί ἦν εἶναι τοῦτο γὰρ ἐστὶν ὃ ἐν ἄλλῳ γίγνεται ἢ ὑπὸ τέχνης ἢ ὑπὸ φύσεως ἢ δυνάμεως τὸ δὲ χαλκῆν σφαῖραν εἶναι ποιεῖ· ποιεῖ γὰρ ἐκ χαλκοῦ καὶ σφαίρας·

10 εἰς τουδί γὰρ τὸ εἶδος ποιεῖ καὶ ἔστι τοῦτο σφαῖρα χαλκῆ τοῦ δὲ σφαῖρα εἶναι ὅλως εἰ ἔσται γένεσις ἕκ τινος τί ἔσται δεήσει γὰρ διαιρετὸν εἶναι ἀεὶ τὸ γιγνόμενον καὶ εἶναι τὸ

Capítulo 8

[1033a 24] Dado que aquilo que vem a ser vem a ser por obra de algo (quero dizer, aquilo “*de onde* provém o princípio do vir a ser”), a partir de algo (considere-se não a privação, mas a matéria, pois já se encontra delimitado de que maneira assumimos isso) e vem a ser algo (e isso é esfera, ou círculo ou qualquer outro que venha a calhar), assim como não se produz aquilo que está subjacente – o bronze –, do mesmo modo tampouco se produz a esfera, a não ser por concomitância, porque a esfera de bronze é esfera, e é ela que se produz.

[1033a 31] De fato, produzir *um certo isto* é produzi-lo a partir de algo que em geral se encontra subjacente; quero dizer que produzir o bronze esférico não é produzir o esférico ou a esfera, mas produzir algo distinto, por exemplo, esta forma em algum outro item; pois, se se produzisse a esfera, produzir-se-ia a partir de algum outro item (isso foi anteriormente estabelecido); por exemplo: produz-se a esfera ênea, e isso é assim porque, a partir desta coisa, que é bronze, se produz isto aqui, que é esfera; ora, se também se produzisse esta última, em si mesma, é evidente que se produziria do mesmo modo, e as gerações procederiam ao infinito.

[1033b 5] Portanto, é evidente que a forma – ou como quer que seja preciso chamar a configuração presente na coisa sensível – não sofre processo de devir (nem há dela processo de geração), nem “aquilo que o ser é” (pois ele é aquilo que vem a ser em outra coisa por obra da técnica, da natureza ou de uma capacidade).

[1033b 8] E se faz que exista esfera ênea: produzem-na a partir do bronze e da esfera; pois se produz a forma nisto aqui, e tal coisa é esfera ênea. Mas, se houvesse geração do *ser para a esfera* em geral, ele seria algo constituído de algo, pois sempre é preciso que aquilo que sofre processo de vir a ser seja divisível,

μὲν τότε τὸ δὲ τότε λέγω δ' ὅτι τὸ μὲν ὕλην τὸ δὲ εἶδος
εἰ δὴ ἐστὶ σφαῖρα τὸ ἐκ τοῦ μέσου σχῆμα ἴσον τούτου τὸ μὲν
ἐν ᾧ ἔσται ὃ ποιεῖ τὸ δ' ἐν ἐκείνῳ τὸ δὲ ἅπαν τὸ γεγονός
οἶον ἢ χαλκῆ σφαῖρα φανερόν δὴ ἐκ τῶν εἰρημένων ὅτι
τὸ μὲν ὡς εἶδος ἢ οὐσία λεγόμενον οὐ γίγνεται ἢ δὲ σύνολος
ἢ κατὰ ταύτην λεγομένη γίγνεται καὶ ὅτι ἐν παντὶ τῷ
γεννωμένῳ ὕλη ἔνεστι καὶ ἔστι τὸ μὲν τότε τὸ δὲ τότε πότε
20 ρον οὖν ἔστι τις σφαῖρα παρὰ τάσδε ἢ οἰκία παρὰ τὰς πλίν
θους; ἢ οὐδ' ἂν ποτε ἐγίγνετο εἰ οὕτως ἦν τότε τι ἀλλὰ τὸ
τοιόνδε σημαίνει τότε δὲ καὶ ὠρισμένον οὐκ ἔστιν ἀλλὰ ποιεῖ
καὶ γεννᾷ ἐκ τοῦδε τοιόνδε καὶ ὅταν γεννηθῆ ἔστι τότε
τοιόνδε; τὸ δὲ ἅπαν τότε Καλλίας ἢ Σωκράτης ἐστὶν ὡσπερ
ἢ σφαῖρα ἢ χαλκῆ ἢ δὲ ὁ δ' ἄνθρωπος καὶ τὸ ζῷον ὡσπερ
σφαῖρα χαλκῆ ὅλως φανερόν ἄρα ὅτι ἢ τῶν εἰδῶν αἰτία
ὡς εἰώθασί τινες λέγειν τὰ εἶδη εἰ ἔστιν ἅττα παρὰ τὰ καθ
ἕκαστα πρὸς γε τὰς γενέσεις καὶ τὰς οὐσίας οὐθὲν χρησίμη
οὐδ' ἂν εἶεν διὰ γε ταῦτα οὐσίαι καθ' αὐτάς ἐπὶ μὲν δὴ
30 τινων καὶ φανερόν ὅτι τὸ γεννῶν τοιοῦτον μὲν οἶον τὸ γεννώ
μενον οὐ μέντοι τὸ αὐτό γε οὐδὲ ἐν τῷ ἀριθμῷ ἀλλὰ τῷ
εἶδει οἶον ἐν τοῖς φυσικοῖς ἄνθρωπος γὰρ ἄνθρωπον γεννᾷ
ἂν μή τι παρὰ φύσιν γένηται οἶον ἵππος ἢ μίονον καὶ

e que um seja isto e o outro, aquilo – quero dizer: um, matéria, e o outro, forma. Ora, assim sendo, se a esfera é a figura igual a partir do meio, disto, um item seria aquilo em que estaria presente o que se produz, o outro seria o que estaria presente naquele primeiro, e o conjunto seria aquilo que se encontra gerado, tal como a esfera ênea

[1033b 16] Assim, pelo que foi dito, é evidente que aquilo que se designa como forma ou essência não é suscetível ao devir, mas que, por outro lado, é suscetível ao devir a essência composta, que se designa conforme àquela; e é evidente que em tudo que se gera há matéria, e que um [sc. dos elementos] é tal e tal coisa, o outro, tal e tal outra.

[1033b 19] Mas será, então, que há alguma esfera à parte destas, ou alguma casa à parte das de tijolos? Ou, pelo contrário, se assim fosse, jamais seria possível que viesse a ser *um certo isto* – antes, significa *de tal e tal qualidade*, mas não é *isto* e algo determinado –, mas, antes, se produz e se gera a partir disto algo *de tal e tal qualidade*, e, quando algo foi gerado, tem-se *isto de tal e tal qualidade*? E todo *isto*, Cálías ou Sócrates, é similar a esta esfera ênea aqui, ao passo que o homem e o animal são similares à esfera ênea em geral.

[1033b 26] É evidente, portanto, que a causalidade das Formas, como alguns costumam conceber as Formas (se há algumas à parte das coisas particulares), não é em nada útil ao menos para as gerações e para as essências. Ao menos, devido a elas, nem sequer existiriam essências em si mesmas. Com efeito, em alguns casos, é de fato evidente que a coisa que gera é tal qual a coisa gerada, embora não sejam precisamente a mesma coisa, tampouco uma só em número, mas sim uma só pela forma específica, como nos entes naturais – de fato, um ser humano gera um ser humano –, se não for algo à parte da natureza que vier a ser, por exemplo, quando um cavalo gera um mulo (mas também este caso é

ταῦτα δὲ ὁμοίως· ὁ γὰρ ἂν κοινὸν εἶη ἐφ' ἵππου καὶ ὄνου
1034a οὐκ ὠνόμασται τὸ ἐγγύτατα γένος εἶη δ' ἂν ἄμφω ἴσως
οἶον ἡμίονος· ὥστε φανερόν ὅτι οὐθὲν δεῖ ὡς παράδειγμα εἶδος
κατασκευάζειν μάλιστα γὰρ ἂν ἐν τούτοις ἐπέξητοῦντο·
οὐσίαι γὰρ αἱ μάλιστα αὐταὶ ἀλλὰ ἱκανὸν τὸ γεννῶν ποιῆ
σαι καὶ τοῦ εἶδους αἴτιον εἶναι ἐν τῇ ὕλῃ τὸ δ' ἅπαν ἤδη
τὸ τοιόνδε εἶδος ἐν ταῖσδε ταῖς σαρκῶσι καὶ ὀστοῖς Καλλιᾶς
καὶ Σωκράτης· καὶ ἕτερον μὲν διὰ τὴν ὕλην ἕτερα γὰρ
ταῦτ' ὁ εἶδει ἄτομον γὰρ τὸ εἶδος

9. Ἀπορήσειε δ' ἂν τις διὰ τί τὰ μὲν γίγνεται καὶ τέχνη
10 καὶ ἀπὸ ταυτομάτου οἶον ὑγίεια τὰ δ' οὐ οἶον οἰκία αἴτιον
δὲ ὅτι τῶν μὲν ἡ ὕλη ἢ ἄρχουσα τῆς γενέσεως ἐν τῇ ποιεῖν
καὶ γίγνεσθαι τι τῶν ἀπὸ τέχνης ἐν ἣ ὑπάρχει τι μέρος
τοῦ πράγματος ἢ μὲν τοιαύτη ἐστὶν οἷα κινεῖσθαι ὑφ' αὐτῆς
ἢ δ' οὐ καὶ ταύτης ἢ μὲν ὠδὶ οἷα τε ἢ δὲ ἀδύνατος· πολλὰ
γὰρ δυνατὰ μὲν ὑφ' αὐτῶν κινεῖσθαι ἀλλ' οὐχ ὠδὶ οἶον
ὀρχήσασθαι ὅσων οὖν τοιαύτη ἡ ὕλη οἶον οἱ λίθοι ἀδύνα
τον ὠδὶ κινηθῆναι εἰ μὴ ὑπ' ἄλλου ὠδὶ μέντοι ναί καὶ τὸ
πῦρ διὰ τοῦτο τὰ μὲν οὐκ ἔσται ἄνευ τοῦ ἔχοντος τὴν τέχνην
τὰ δὲ ἔσται· ὑπὸ γὰρ τούτων κινηθήσεται τῶν οὐκ ἐχόντων

semelhante: aquilo que seria comum ao cavalo e ao asno não se encontra denominado – o gênero mais próximo –, mas seria certamente ambos, como o mulo).

[1034a 2] Por conseguinte, é evidente que não é preciso instituir nenhuma Forma como modelo (pois é sobretudo nestes casos que modelos seriam requisitados, pois são estas coisas que sobretudo são essências), mas é suficiente que aquilo que gera produza e seja causa pela qual a forma se dá na matéria.

[1034a 5] Já o todo, por sua vez – a forma de tal e tal tipo nestas carnes e ossos –, é Cálías ou Sócrates; e são distintos devido à matéria (pois esta é distinta), mas são idênticos pela forma específica (pois a forma específica é indivisível).

Capítulo 9

[1034a 9] É plausível que alguém pergunte por que algumas coisas vêm a ser tanto por técnica como também pelo espontâneo (por exemplo, saúde), ao passo que outras não (por exemplo, casa). A explicação é que, em algumas coisas, a matéria que principia a geração no produzir ou vir a ser algo que resulta da técnica, e na qual se encontra dada alguma parte da coisa – esta matéria, em certos casos, é de tal qualidade que é capaz de se mover por si mesma, ao passo que, em outros casos, não. E, naquele primeiro caso, às vezes ela é capaz de se mover de tal e tal modo determinado, mas, às vezes, é incapaz disso; de fato, várias coisas são capazes de se mover por si mesmas, mas não de certo modo determinado, por exemplo, dançar.

[1034a 16] Assim, para tudo aquilo cuja matéria é desta qualidade (por exemplo, pedras), é impossível se mover de uma tal e tal determinada maneira, a não ser pela ação de outro; é possível, porém, que se movam de uma outra maneira – também o fogo. Por isso, algumas coisas não podem existir sem aquele que detém a técnica, mas outras podem, pois, neste caso, elas serão movidas

- 20 τὴν τέχνην κινεῖσθαι δὲ δυναμένων αὐτῶν ὑπ' ἄλλων οὐκ ἐχόντων τὴν τέχνην ἢ ἐκ μέρους· δῆλον δ' ἐκ τῶν εἰρημένων καὶ ὅτι τρόπον τινὰ πάντα γίγνεται ἐξ ὁμωνύμου ὡς περ τὰ φύσει· ἢ ἐκ μέρους ὁμωνύμου οἶον ἢ οἰκία ἐξ οἰκίας ἢ ὑπὸ νοῦ· ἢ γὰρ τέχνη τὸ εἶδος ἢ ἐκ μέρους ἢ ἔχοντός τι μέρος· ἐὰν μὴ κατὰ συμβεβηκὸς γίγνηται· τὸ γὰρ αἷτιον τοῦ ποιεῖν πρῶτον καθ' αὐτὸ μέρος θερμότης γὰρ ἢ ἐν τῇ κινήσει θερμότητα ἐν τῇ σῶματι ἐποίησεν· αὕτη δὲ ἐστὶν ἢ ὑγεία ἢ μέρος ἢ ἀκολουθεῖ αὐτῇ μέρος τι τῆς ὑγείας ἢ αὐτὴ ἢ ὑγεία· διὸ καὶ λέγεται ποιεῖν ὅτι ἐκεῖνο
- 30 ποιεῖ τὴν ὑγείαν ἢ ἀκολουθεῖ καὶ συμβέβηκε θερμότης ὥστε ὡς περ ἐν τοῖς συλλογισμοῖς πάντων ἀρχὴ ἢ οὐσία· ἐκ γὰρ τοῦ τί ἐστὶν οἱ συλλογισμοὶ εἰσιν ἐνταῦθα δὲ αἱ γενέσεις ὁμοίως δὲ καὶ τὰ φύσει συνιστάμενα τούτοις ἔχει τὸ μὲν γὰρ σπέρμα ποιεῖ ὡς περ τὰ ἀπὸ τέχνης ἔχει γὰρ δυνά
- 1034β μὲν τὸ εἶδος καὶ ἀφ' οὗ τὸ σπέρμα ἐστὶ πως ὁμώνυμον οὐ γὰρ πάντα οὕτω δεῖ ζητεῖν ὡς ἐξ ἀνθρώπου ἄνθρωπος· καὶ γὰρ γυνὴ ἐξ ἀνδρός· ἐὰν μὴ πῆρωμα ἦ· διὸ ἡμίονος οὐκ ἐξ ἡμίονου· ὅσα δὲ ἀπὸ ταυτομάτου ὡς περ ἐκεῖ γίγνεται ὅσων ἢ ἕλη δύναται καὶ ὑφ' αὐτῆς κινεῖσθαι ταύτην τὴν κίνησιν ἢ τὸ σπέρμα κινεῖ· ὅσων δὲ μὴ ταῦτα ἀδύ

pela ação de itens que não possuem a técnica, mas que são eles próprios capazes de serem movidos por outros que não possuem a técnica, ou serão movidos a partir de alguma parte.

[1034a 21] Pelo que foi dito, é também evidente que, de algum modo, tudo vem a ser a partir de um homônimo – tal como os entes por natureza –, ou a partir de uma parte homônima (por exemplo, uma casa vem a ser a partir de casa, na medida em que ela se dá por meio do pensamento, pois a técnica é a forma), ou a partir de algo que possui uma parte – se não vier a ser por concomitância. De fato, a causa primeira responsável pelo produzir é em si mesma uma parte: o calor no movimento produz o calor no corpo, e este é saúde, ou uma parte da saúde, ou lhe acompanha uma parte da saúde, ou a própria saúde; por isso, inclusive, se diz que o calor produz saúde, porque aquilo que o acompanha e a que se atribui calor produz saúde.

[1034a 30] Por conseguinte, a essência é princípio de todas essas coisas, tal como é princípio nos silogismos: de fato, os silogismos procedem a partir do ‘o que é’ e, aqui neste caso, as gerações procedem a partir do ‘o que é’.

[1034a 33] As coisas que se constituem por natureza comportam-se de modo semelhante a estes: de fato, a semente produz tal como se produz os produtos da técnica (pois possui em potência a forma, e, de certo modo, é um homônimo aquilo de que provém a semente – pois não se deve requerer tudo tal como um homem a partir de um homem; de fato, também uma mulher pode vir a ser a partir de um varão – se não for algo coxo; por isso, um mulo não se gera a partir de um mulo); e as coisas que se geram pelo espontâneo, tal como naquele caso, são todas aquelas cuja matéria é capaz de ser movida também por si mesma com aquele movimento com que a semente a move; mas

- νατα γίνεσθαι ἄλλως πως ἢ ἐξ αὐτῶν οὐ μόνον δὲ περὶ τῆς οὐσίας ὁ λόγος δηλοῖ τὸ μὴ γίνεσθαι τὸ εἶδος ἀλλὰ περὶ πάντων ὁμοίως τῶν πρώτων κοινὸς ὁ λόγος οἷον ποσοῦ
- 10 ποιοῦ καὶ τῶν ἄλλων κατηγοριῶν γίνεται γὰρ ὡσπερ ἢ χαλκῆ σφαῖρα ἀλλ οὐ σφαῖρα οὐδὲ χαλκός καὶ ἐπὶ χαλκοῦ εἰ γίνεται ἀεὶ γὰρ δεῖ προϋπάρχειν τὴν ὕλην καὶ τὸ εἶδος οὕτως καὶ ἐπὶ τοῦ τί ἐστὶ καὶ ἐπὶ τοῦ ποιοῦ καὶ ποσοῦ καὶ τῶν ἄλλων ὁμοίως κατηγοριῶν· οὐ γὰρ γίνεται τὸ ποιὸν ἀλλὰ τὸ ποιὸν ξύλον οὐδὲ τὸ ποσὸν ἀλλὰ τὸ ποσὸν ξύλον ἢ ζῆρον ἀλλ ἴδιον τῆς οὐσίας ἐκ τούτων λαβεῖν ἔστιν ὅτι ἀναγκαῖον προϋπάρχειν ἑτέραν οὐσίαν ἐντελεχεία οὖσαν ἢ ποιεῖ οἷον ζῆρον εἰ γίνεται ζῆρον· ποιὸν δ ἢ ποσὸν οὐκ ἀνάγκη ἀλλ ἢ δυνάμει μόνον
- 20 10. Ἐπεὶ δὲ ὁ ὀρισμὸς λόγος ἐστὶ πᾶς δὲ λόγος μέρη ἔχει ὡς δὲ ὁ λόγος πρὸς τὸ πρᾶγμα καὶ τὸ μέρος τοῦ λόγου πρὸς τὸ μέρος τοῦ πράγματος ὁμοίως ἔχει ἀπορεῖται ἤδη πότερον δεῖ τὸν τῶν μερῶν λόγον ἐνυπάρχειν ἐν τῷ τοῦ ὅλου λόγῳ ἢ οὐ ἐπ ἐνίων μὲν γὰρ φαίνονται ἐνόντες ἐνίων δ οὐ τοῦ μὲν γὰρ κύκλου ὁ λόγος οὐκ ἔχει τὸν τῶν τμημάτων ὁ δὲ τῆς συλλαβῆς ἔχει τὸν τῶν στοιχείων· καίτοι διαιρεῖται καὶ ὁ κύκλος εἰς τὰ τμήματα ὡσπερ καὶ ἡ συλλαβὴ εἰς τὰ στοι

todas aquelas cuja matéria não é capaz disso, é impossível que sejam geradas de outro modo que não seja a partir de si mesmas.

[1034b 7] Não apenas a respeito da essência o argumento mostra que a forma não é suscetível ao devir, mas o argumento é semelhantemente comum a respeito de todos os itens primeiros, isto é, o *de tal e tal quantidade*, o *de tal e tal qualidade* e as demais categorias. De fato, tal como vem a ser uma esfera ênea, mas não a esfera, nem o bronze, (também no caso do bronze, quando ele vem a ser; pois sempre é preciso que a matéria e a forma estejam previamente dadas), do mesmo modo, também no caso do “o que é”, do *de tal e tal qualidade*, do *de tal e tal quantidade* e demais categorias semelhantes; pois não é o *de tal qualidade* que vem a ser, mas sim um lenho de tal qualidade, nem o *de tal tamanho*, mas sim um lenho (ou animal) de tal tamanho. Mas, por essas considerações, é possível apreender como próprio da essência o seguinte: é necessário estar previamente dada em efetividade uma outra essência, a que produz, por exemplo, um animal, se vem a ser um animal; mas não é necessário que *tal qualidade* ou *tal quantidade* estejam previamente dadas em efetividade, mas apenas em potência.

Capítulo 10

[1034b 20] Dado que a definição é um enunciado, e que todo enunciado tem partes, e que, assim como o enunciado se tem para a coisa, do mesmo modo a parte do enunciado se tem para a parte da coisa, constitui já um impasse saber se é preciso ou não que o enunciado das partes esteja contido no enunciado do todo. Pois, em alguns casos, o enunciado das partes se manifesta inerente no enunciado do todo, mas, em outros, não. De fato, o enunciado do círculo não contém o dos segmentos, ao passo que o enunciado da sílaba, por sua vez, contém o das letras, embora o círculo divida-se nos segmentos assim como a sílaba divide-se nas letras.

χειῖα ἔτι δὲ εἰ πρότερα τὰ μέρη τοῦ ὅλου τῆς δὲ ὀρθῆς ἢ ὀξεῖα μέρος καὶ ὁ δάκτυλος τοῦ ζῆου πρότερον ἢ εἴη ἢ ὀξεῖα
30 τῆς ὀρθῆς καὶ ὁ δάκτυλος τοῦ ἀνθρώπου δοκεῖ δ' ἐκεῖνα εἶναι
πρότερα· τῆι λόγῳ γὰρ λέγονται ἐξ ἐκείνων καὶ τῆι εἶναι
δὲ ἄνευ ἀλλήλων πρότερα ἢ πολλαχῶς λέγεται τὸ μέρος
ἦν εἰς μὲν τρόπος τὸ μετροῦν κατὰ τὸ ποσόν ἀλλὰ τοῦτο
μὲν ἀφείσθω· ἐξ ἦν δὲ ἡ οὐσία ὡς μερῶν τοῦτο σκεπτέον
1035α εἰ οὖν ἐστὶ τὸ μὲν ὕλη τὸ δὲ εἶδος τὸ δ' ἐκ τούτων καὶ
οὐσία ἢ τε ὕλη καὶ τὸ εἶδος καὶ τὸ ἐκ τούτων ἔστι μὲν ὡς
καὶ ἡ ὕλη μέρος τινὸς λέγεται ἔστι δ' ὡς οὐ ἀλλ' ἐξ ἦν
ὁ τοῦ εἶδους λόγος οἷον τῆς μὲν κοιλότητος οὐκ ἔστι μέρος
ἢ σάρξ αὕτη γὰρ ἡ ὕλη ἐφ' ἧς γίγνεται τῆς δὲ σιμό
τητος μέρος· καὶ τοῦ μὲν συνόλου ἀνδριάντος μέρος ὁ χαλ
κὸς τοῦ δ' ὡς εἶδους λεγομένου ἀνδριάντος οὐ λεκτέον γὰρ
τὸ εἶδος καὶ ἡ εἶδος ἔχει ἕκαστον τὸ δ' ὑλικὸν οὐδέποτε
καθ' αὐτὸ λεκτέον· διὸ ὁ μὲν τοῦ κύκλου λόγος οὐκ ἔχει
10 τὸν τῶν τμημάτων ὁ δὲ τῆς συλλαβῆς ἔχει τὸν τῶν στοιχείων·
τὰ μὲν γὰρ στοιχεῖα τοῦ λόγου μέρη τοῦ εἶδους καὶ οὐχ ὕλη
τὰ δὲ τμήματα οὕτως μέρη ὡς ὕλη ἐφ' ἧς ἐπιγίγνεται·
ἐγγυτέρω μέντοι τοῦ εἶδους ἢ ὁ χαλκὸς ὅταν ἐν χαλκῇ ἢ
στρογγυλότης ἐγγένηται ἔστι δ' ὡς οὐδὲ τὰ στοιχεῖα πάντα
τῆς συλλαβῆς ἐν τῆι λόγῳ ἐνέσται οἷον ταδὶ τὰ κήρινα
ἢ τὰ ἐν τῆι ἀέρι· ἥδη γὰρ καὶ ταῦτα μέρος τῆς συλλα
βῆς ὡς ὕλη αἰσθητή καὶ γὰρ ἡ γραμμὴ οὐκ εἰ διαιρου

[1034b 28] Além do mais, se as partes são anteriores ao todo, e se o ângulo agudo é parte do ângulo reto e o dedo é parte do animal, o agudo e o dedo seriam respectivamente anteriores ao ângulo reto e ao homem. No entanto, reputa-se que estes últimos é que são anteriores, pois, pela definição, aqueles se dizem a partir deles, e eles são anteriores também por serem sem aqueles. Ou “parte” se diz de muitos modos, um dos quais é “o mensurador pela quantidade” – mas isso deve ser deixado de lado; eis o que, por sua vez, deve ser investigado: que partes constitui-se a essência.

[1035a 1] Dado que há matéria, forma e o composto delas, e dado que é essência tanto a matéria como a forma e também o composto delas, de certo modo, a matéria se diz parte de alguma essência, mas, de outro modo, se diz ser parte da essência não a matéria, mas aquilo de que se constitui a definição da forma. Por exemplo, a carne não é parte da concavidade (pois ela é a matéria na qual vem a ser a concavidade), mas é parte da *aduncidade*; e o bronze é parte da estátua composta, mas não da estátua assumida como forma (devemos dizer que é “tal e tal coisa” a forma, ou aquilo que tem a forma, ao passo que o material, em si mesmo, jamais deve receber tal designação); por isso, a definição do círculo não contém a dos segmentos, mas a definição da sílaba contém a das letras, pois as letras são partes da definição da forma, e não matéria, ao passo que os segmentos são partes enquanto matéria na qual sobrevém a forma; no entanto, os segmentos estão mais próximos da forma do que o bronze, quando a esfericidade realiza-se no bronze.

[1035a 14] Mas, de certo modo, tampouco é verdade que qualquer letra deverá estar contida na definição da sílaba, por exemplo, estas letras aqui de cera, ou estas no ar: pois também elas já são parte da sílaba enquanto matéria sensível. De fato, não é verdade que a linha, por se corromper nas metades (quando

μένη εἰς τὰ ἡμίση φθείρεται ἢ ὁ ἄνθρωπος εἰς τὰ ὀστᾶ
καὶ νεῦρα καὶ σάρκας διὰ τοῦτο καὶ εἰσὶν ἐκ τούτων οὕτως
20 ὡς ὄντων τῆς οὐσίας μερῶν ἀλλ ὡς ἐξ ὕλης καὶ τοῦ μὲν
συνόλου μέρη τοῦ εἶδους δὲ καὶ οὐδ' ὁ λόγος οὐκέτι· διόπερ οὐδ'
ἐν τοῖς λόγοις τῷ μὲν οὖν ἐνέσται ὁ τῶν τοιούτων μερῶν
λόγος τῷ δ' οὐ δεῖ ἐνεῖναι ἂν μὴ ἢ τοῦ συνειλημμένου·
διὰ γὰρ τοῦτο ἔνια μὲν ἐκ τούτων ὡς ἀρχῶν ἐστὶν εἰς ἃ
φθείρονται ἔνια δὲ οὐκ ἔστιν ὅσα μὲν οὖν συνειλημμένα τὸ
εἶδος καὶ ἡ ὕλη ἐστὶν οἷον τὸ σιμόν ἢ ὁ χαλκοῦς κύκλος
ταῦτα μὲν φθείρεται εἰς ταῦτα καὶ μέρος αὐτῶν ἡ ὕλη·
ὅσα δὲ μὴ συνείληπται τῇ ὕλει ἀλλὰ ἄνευ ὕλης οἷν οἱ
λόγοι τοῦ εἶδους μόνον ταῦτα δ' οὐ φθείρεται ἢ ὄλως ἢ
30 οὔτοι οὔτω γε· ὥστ' ἐκείνων μὲν ἀρχαὶ καὶ μέρη ταῦτα
τοῦ δὲ εἶδους οὔτε μέρη οὔτε ἀρχαὶ καὶ διὰ τοῦτο
φθείρεται ὁ πῆλινος ἀνδριάς εἰς πηλὸν καὶ ἡ σφαιρα
εἰς χαλκὸν καὶ ὁ Καλλίας εἰς σάρκα καὶ ὀστᾶ ἔτι δὲ
ὁ κύκλος εἰς τὰ τμήματα· ἔστι γὰρ τις ὃς συνείληπται τῇ
1035β ὕλει· ὁμωνύμως γὰρ λέγεται κύκλος ὃ τε ἀπλῶς λεγόμενος
καὶ ὁ καθ' ἕκαστα διὰ τὸ μὴ εἶναι ἴδιον ὄνομα τοῖς
καθ' ἕκαστον εἴρηται μὲν οὖν καὶ νῦν τὸ ἀληθές ὅμως δ' ἔτι
σαφέστερον εἴπωμεν ἐπαναλαβόντες ὅσα μὲν γὰρ τοῦ λόγου
μέρη καὶ εἰς ἃ διαιρεῖται ὁ λόγος ταῦτα πρότερα ἢ
πάντα ἢ ἔνια· ὁ δὲ τῆς ὀρθῆς λόγος οὐ διαιρεῖται εἰς
ὀξεῖας λόγον ἀλλ' ὁ τῆς ὀξεῖας εἰς ὀρθήν· χρῆται γὰρ ὁ
ὀριζόμενος τὴν ὀξεῖαν τῇ ὀρθῇ· “ἐλάττων” γὰρ “ὀρθῆς” ἢ ὀξεῖα

dividida), seja, por isso, constituída delas como se elas fossem partes de sua essência; antes, ela se constitui delas como matéria (o mesmo vale para o ser humano, que se corrompe em ossos, tendões e carnes). Tais partes são partes do composto, não mais, porém, partes da forma e daquilo de que é a definição; por isso, precisamente, tais partes tampouco estão presentes nas definições.

[1035a 22] Assim, em certo tipo de definição, estará contida a definição de tais partes, mas, em outro tipo, não é preciso que esteja contida, se não for a definição do composto; por isso, alguns entes têm por princípios de que se constituem as coisas nas quais se corrompem, ao passo que outros, não. Corrompe-se em tais coisas todo composto que é forma e matéria, por exemplo, o adunco e o círculo êneo, e é parte destes compostos a matéria; no entanto, não se corrompe em tais coisas (ou em geral, ou, ao menos, não deste modo) tudo aquilo que não está composto com sua matéria, mas que é sem matéria, cujas definições são apenas da forma. Conseqüentemente, tais coisas são princípios e partes daqueles compostos, ao passo que, da forma, não são nem partes nem princípios. Por isso, a estátua de argila corrompe-se em argila, a esfera corrompe-se em bronze, Cálías, em carnes e ossos, e, ainda, o círculo, nos segmentos (de fato, há certo círculo que é tomado juntamente com a matéria, pois denominam-se hominamente “círculo” o que assim se denomina sem mais e um particular, por não haver nome próprio para os círculos particulares).

[1035b 3] Assim, já agora está dito algo verdadeiro; entretanto, pronunciemo-nos ainda mais claramente, retomando. São anteriores (ou todos, ou alguns) os itens que são partes da definição, isto é, nos quais se divide a definição; no entanto, a definição do ângulo reto não se divide na definição do ângulo agudo, mas é a do agudo que se divide na do ângulo reto, pois quem define o agudo se utiliza do ângulo reto: de fato, o agudo é “menor que o ângulo reto”. E reportam-se

- 10 γὰρ ἡμικύκλιον τῆ κύκλιῳ ὀρίζεται καὶ ὁ δάκτυλος τῆ ὄλιῳ· “τὸ” γὰρ “τοιόνδε μέρος ἀνθρώπου” δάκτυλος ὥσθ ὅσα μὲν μέρη ὡς ὕλη καὶ εἰς ἃ διαιρεῖται ὡς ὕλην ὕστερα· ὅσα δὲ ὡς τοῦ λόγου καὶ τῆς οὐσίας τῆς κατὰ τὸν λόγον πρότερα ἢ πάντα ἢ ἓνια ἐπεὶ δὲ ἡ τῶν ζῴων ψυχὴ τοῦτο γὰρ οὐσία τοῦ ἐμφύχου ἢ κατὰ τὸν λόγον οὐσία καὶ τὸ εἶδος καὶ τὸ τί ἦν εἶναι τῆ τοιῶδε σώματι ἕκαστον γούν τὸ μέρος ἐὰν ὀρίζεται καλῶς οὐκ ἄνευ τοῦ ἔργου ὀριεῖται ὁ οὐχ ὑπάρξει ἄνευ αἰσθήσεως ὥστε τὰ ταύτης μέρη πρότερα ἢ πάντα ἢ ἓνια τοῦ συνόλου ζῴου καὶ καθ ἕκα
- 20 στον δὴ ὁμοίως τὸ δὲ σῶμα καὶ τὰ τούτου μέρη ὕστερα ταύτης τῆς οὐσίας καὶ διαιρεῖται εἰς ταῦτα ὡς εἰς ὕλην οὐχ ἡ οὐσία ἀλλὰ τὸ σύνολον τοῦ μὲν οὖν συνόλου πρότερα ταῦτ ἔστιν ὡς ἔστι δ ὡς οὐ οὐδὲ γὰρ εἶναι δύναται χωρὶ ζόμενα· οὐ γὰρ ὁ πάντως ἔχων δάκτυλος ζῴου ἀλλ ὁμόνυμος ὁ τεθνεώς· ἓνια δὲ ἅμα ὅσα κύρια καὶ ἐν ᾧ πρώτῳ ὁ λόγος καὶ ἡ οὐσία οἷον εἰ τοῦτο καρδία ἢ ἐγκέφαλος· διαφέρει γὰρ οὐθὲν πότερον τοιοῦτον ὁ δ ἄνθρωπος καὶ ὁ ἵππος καὶ τὰ οὕτως ἐπὶ τῶν καθ ἕκαστα καθόλου δὲ οὐκ ἔστιν οὐσία ἀλλὰ σύνολόν τι ἐκ τουδὶ τοῦ λόγου καὶ τησδὶ
- 30 τῆς ὕλης ὡς καθόλου· καθ ἕκαστον δ ἐκ τῆς ἐσχάτης ὕλης ὁ Σωκράτης ἤδη ἔστιν καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων ὁμοίως μέρος μὲν οὖν ἔστι καὶ τοῦ εἶδους εἶδος δὲ λέγω τὸ τί ἦν εἶναι καὶ τοῦ συνόλου

entre si de modo semelhante também o círculo e o semi-círculo: é o semi-círculo que se define pelo círculo, e é o dedo que se define pelo todo; de fato, o dedo é “tal e tal parte de homem”. Por conseguinte, são posteriores todos os itens que são partes enquanto matéria, isto é, nos quais o todo se divide como matéria; mas, por outro lado, são anteriores (ou todos, ou alguns) aqueles que são partes da definição e da essência segundo a definição.

[1035b 14] Dado que a alma dos animais (com efeito, isso é a essência daquilo que é animado) é a essência segundo a definição, isto é, a forma e “o aquilo que ser é” para um corpo de tal e tal qualidade (isto, ao menos, é certo: cada parte, se for definida acertadamente, não poderá ser definida sem a função, a qual não se pode dar sem a sensação) – de modo que as partes dela (ou todas, ou algumas) são anteriores ao animal composto (semelhantemente se dá também em cada caso particular), ao passo que o corpo e suas partes são posteriores a essa essência, e o que se divide nestas partes como matéria não é essa essência, mas sim o composto –, estas partes são, de certo modo, anteriores ao composto, mas, de certo modo, não (pois nem sequer são capazes de ser, ao serem separadas; de fato, não é parte do animal o dedo que se dispõe de qualquer maneira, mas é homônimo o dedo morto); algumas partes são simultâneas, a saber, todas as decisivas, isto é, nas quais reside primeiramente a definição e a essência, por exemplo, se isso é o coração ou o cérebro (não faz nenhuma diferença qual dos dois é de tal qualidade). E o “homem” e o “cavalo”, isto é, os que assim estão universalmente sobre os particulares, não são essência, mas algo composto de tal e tal definição e desta matéria aqui enquanto universal; e, em particular, a partir da matéria última, já é Sócrates, e semelhantemente nos outros casos.

[1035b 31] Assim, há partes tanto da forma (por “forma” quero dizer “aquilo que o ser é”) como do composto que se dá a partir da forma, assim como há

- τοῦ ἐκ τοῦ εἶδους καὶ τῆς ὕλης αὐτῆς ἀλλὰ
τοῦ λόγου μέρη τὰ τοῦ εἶδους μόνον ἐστίν ὁ δὲ λόγος ἐστὶ τοῦ
- 1036α καθόλου· τὸ γὰρ κύκλω εἶναι καὶ κύκλος καὶ ψυχῇ εἶναι
καὶ ψυχῇ ταυτό τοῦ δὲ συνόλου ἤδη οἷον κύκλου τουδὶ
καὶ τῶν καθ' ἕκαστά τινος ἢ αἰσθητοῦ ἢ νοητοῦ λέγω δὲ νοητοῦς
μὲν οἷον τοὺς μαθηματικούς αἰσθητοῦς δὲ οἷον τοὺς χαλκοῦς
καὶ τοὺς ξυλίνοὺς τούτων δὲ οὐκ ἔστιν ὀρισμός ἀλλὰ μετὰ
νοήσεως ἢ αἰσθήσεως γνωρίζονται ἀπελθόντες δὲ ἐκ τῆς
ἐντελεχείας οὐ δῆλον πότερον εἰσὶν ἢ οὐκ εἰσὶν· ἀλλ
ἀεὶ λέγονται καὶ γνωρίζονται τῷ καθόλου λόγῳ ἢ δ' ὕλη
ἄγνωστος καθ' αὐτήν ὕλη δὲ ἢ μὲν αἰσθητὴ ἐστὶν ἢ δὲ
- 10 νοητὴ αἰσθητὴ μὲν οἷον χαλκὸς καὶ ξύλον καὶ ὄση κινητὴ
ὕλη νοητὴ δὲ ἢ ἐν τοῖς αἰσθητοῖς ὑπάρχουσα μὴ ἢ αἰσθητὰ
οἷον τὰ μαθηματικά πῶς μὲν οὖν ἔχει περὶ ὅλου καὶ μέ
ρους καὶ περὶ τοῦ προτέρου καὶ ὑστέρου εἴρηται· πρὸς δὲ τὴν
ἐρώτησιν ἀνάγκη ἀπαντᾶν ὅταν τις ἔρηται πότερον ἢ ὀρθὴ
καὶ ὁ κύκλος καὶ τὸ ζῆον πρότερον ἢ εἰς ἃ διαιροῦνται
καὶ ἐξ ὧν εἰσὶ τὰ μέρη ὅτι οὐχ ἀπλῶς εἰ μὲν γὰρ ἐστὶ
καὶ ἡ ψυχὴ ζῆον ἢ ἔμψυχον ἢ ἕκαστον ἢ ἐκάστου καὶ
κύκλος τὸ κύκλω εἶναι καὶ ὀρθὴ τὸ ὀρθῇ εἶναι καὶ ἡ
οὐσία ἢ τῆς ὀρθῆς τί μὲν καὶ τινὸς φατέον ὑσπερον οἷον
- 20 τῶν ἐν τῷ λόγῳ καὶ τινὸς ὀρθῆς καὶ γὰρ ἢ μετὰ τῆς
ὕλης ἢ χαλκῇ ὀρθῇ καὶ ἢ ἐν ταῖς γραμμαῖς ταῖς καθ'
ἕκαστα ἢ δ' ἄνευ ὕλης τῶν μὲν ἐν τῷ λόγῳ ὑστέρα τῶν
δ' ἐν τῷ καθ' ἕκαστα μορίων προτέρα ἀπλῶς δ' οὐ φατέον·

partes da própria matéria. Entretanto, são partes da definição apenas as partes da forma, mas a definição é do universal (pois o *ser para o círculo* e o círculo são o mesmo, assim como o *ser para a alma* e a alma). Já dos compostos, no entanto, não há definição, por exemplo, deste círculo aqui e de qualquer um dos particulares, seja sensível, seja inteligível (chamo inteligíveis os matemáticos, sensíveis, os de bronze e de madeira), mas eles são reconhecidos com intuição ou sensação; porém, quando estão afastados destas atividades, não é evidente se são ou se não são; mas sempre são designados e reconhecidos pela definição universal. E a matéria não pode ser reconhecida sozinha em si mesma. E certas coisas são matéria sensível, outras, matéria inteligível: é sensível, por exemplo, bronze, madeira, e toda matéria suscetível de movimento; inteligível, por sua vez, é a que pertence às coisas sensíveis não enquanto sensíveis, por exemplo, os entes matemáticos.

[1036a 12] Está dito, portanto, a respeito do todo e da parte, a respeito do anterior e do posterior, de que maneira se dá. E, quando alguém pergunta se são anteriores o ângulo reto, o círculo e o animal, ou antes os itens nos quais eles se dividem e dos quais se constituem, é necessário replicar, contra tal pergunta, que não são anteriores sem mais. Por um lado, se também a alma é animal ou animado, ou se a de cada um é cada um, e se é círculo o *ser para o círculo* e se é ângulo reto o *ser para o ângulo reto* e a essência do ângulo reto, deve-se dizer, certamente, que algo é posterior a algo: por exemplo, posterior às partes contidas na definição e a certo ângulo reto (pois é assim posterior o ângulo reto com matéria: o ângulo reto êneo e também o ângulo presente nas linhas particulares), ao passo que o ângulo reto sem matéria é, certamente, posterior às partes contidas na sua definição, mas anterior às partes contidas no ângulo particular; no entanto, sem mais, não se deve dizer que isto é anterior àquilo. Por outro lado, se a

εἰ δ' ἑτέρα καὶ μὴ ἔστιν ἡ ψυχὴ ζῶον καὶ οὕτω τὰ μὲν
φατέον τὰ δ' οὐ φατέον ὡς περ εἴρηται

11. Ἀπορεῖται δὲ εἰκότως καὶ ποῖα τοῦ εἶδους μέρη καὶ
ποῖα οὐ ἄλλα τοῦ συνειλημμένου καίτοι τούτου μὴ δήλου
ὄντος οὐκ ἔστιν ὀρίσασθαι ἕκαστον· τοῦ γὰρ καθόλου καὶ τοῦ
εἶδους ὁ ὀρισμός· ποῖα οὖν ἐστὶ τῶν μερῶν ὡς ὕλη καὶ ποῖα
30 οὐ ἂν μὴ ἦ φανερά· οὐδὲ ὁ λόγος ἔσται φανερός ὁ τοῦ
πράγματος ὅσα μὲν οὖν φαίνεται ἐπιγιγνώμενα ἐφ' ἑτέ
ρων τῶν εἶδει οἷον κύκλος ἐν χαλκῷ καὶ λίθος καὶ ξύλον
ταῦτα μὲν δήλα εἶναι δοκεῖ ὅτι οὐδὲν τῆς τοῦ κύκλου οὐσίας
ὁ χαλκὸς οὐδ' ὁ λίθος διὰ τὸ χωρίζεσθαι αὐτῶν· ὅσα δὲ
μὴ ὁράται χωρίζομενα οὐδὲν μὲν κωλύει ὁμοίως ἔχειν
1036β τούτοις ὡς περ κἂν εἰ οἱ κύκλοι πάντες ἐωρῶντο χαλκοῖ·
οὐδὲν γὰρ ἂν ἦττον ἦν ὁ χαλκὸς οὐδὲν τοῦ εἶδους· χαλεπὸν
δὲ ἀφελεῖν τοῦτον τῇ διανοίᾳ οἷον τὸ τοῦ ἀνθρώπου εἶδος
ἀεὶ ἐν σαρκὶ φαίνεται καὶ ὅστοις καὶ τοῖς τοιούτοις μέρεσιν·
ἄρ' οὖν καὶ ἐστὶ ταῦτα μέρη τοῦ εἶδους καὶ τοῦ λόγου; ἢ οὐ
ἀλλ' ὕλη ἄλλα διὰ τὸ μὴ καὶ ἐπ' ἄλλων ἐπιγιγνεσθαι
ἀδυνατοῦμεν χωρίσαι; ἐπεὶ δὲ τοῦτο δοκεῖ μὲν ἐνδέχεσθαι
ἄδηλον δὲ πότε ἀποροῦσιν τινες ἤδη καὶ ἐπὶ τοῦ κύκλου καὶ
τοῦ τριγώνου ὡς οὐ προσήκον γραμμαῖς ὀρίζεσθαι καὶ τῶ
10 συνεχεῖ ἄλλα πάντα καὶ ταῦτα ὁμοίως λέγεσθαι ὡς ἀνεῖ

alma for distinta e não for animal, também assim, conforme foi dito, certas coisas deverão ser tidas como anteriores ou posteriores a outras, mas outras, não.

Capítulo 11

[1036a 26] É razoável que se pergunte quais partes são da forma e quais não são da forma, mas sim do composto. De fato, se isso não estiver claro, não será possível definir cada coisa, pois a definição é do universal e da forma; assim, se não estiver claro quais, entre as partes, são partes enquanto matéria e quais não o são, tampouco será clara a definição da coisa.

[1036a 31] Para todas as coisas que manifestamente sobrevêm a materiais distintos em forma – por exemplo, o círculo sobrevém ao bronze, à pedra e à madeira –, parece ser evidente que o bronze e a pedra não são algo que pertença à essência do círculo, pelo fato de que o círculo se separa deles; por outro lado, nada impede que seja de maneira semelhante para todas as coisas que não percebemos separadas [sc. de seus materiais], como se todos os círculos percebidos fossem de bronze, pois, neste caso, não menos que no caso anterior, o bronze não seria algo que pertencesse à forma; mas seria difícil subtrair-lo pelo pensamento.

[1036b 3] Por exemplo: a forma do homem sempre se manifesta em carnes, ossos e partes desse tipo; mas será que elas seriam inclusive partes da forma e da definição? Ou não o seriam, mas seriam matéria, mas, porque [sc. a forma do homem] não sobrevém também a outros materiais, somos incapazes de separá-la [sc. desses materiais]?

[1036b 7] Dado que esta última alternativa parece ser cabível, embora não seja claro em quais circunstâncias, alguns já se embarçam também a respeito do círculo e do triângulo, como se não fosse adequado defini-los por linhas e pelo contínuo, mas como se todas estas coisas fossem afirmadas com relação a eles

σάρκες καὶ ὀστᾶ τοῦ ἀνθρώπου καὶ χαλκὸς καὶ λίθος τοῦ ἀν-
δριάντος· καὶ ἀνάγουσι πάντα εἰς τοὺς ἀριθμούς· καὶ γραμ-
μῆς τὸν λόγον τὸν τῶν δύο εἶναι φασιν· καὶ τῶν τᾶς
ιδέας λεγόντων οἱ μὲν αὐτογραμμὴν τὴν δυάδα· οἱ δὲ τὸ
εἶδος τῆς γραμμῆς· ἓνα μὲν γὰρ εἶναι τὸ αὐτὸ τὸ εἶδος
καὶ οὐ τὸ εἶδος οἷον δυάδα καὶ τὸ εἶδος δυάδος· ἐπὶ
γραμμῆς δὲ οὐκέτι συμβαίνει δὴ ἓν τε πολλῶν εἶδος
εἶναι ὡς τὸ εἶδος φαίνεται ἕτερον ὕπερ καὶ τοῖς Πυθα-
γορείοις συνέβαιεν· καὶ ἐνδέχεται ἐν πάντων ποιεῖν αὐτὸ
20 εἶδος· τὰ δ' ἄλλα μὴ εἶδη· καίτοι οὕτως ἐν πάντα ἔσται
Ὅτι μὲν οὖν ἔχει τινὰ ἀπορίαν τὰ περὶ τοὺς ὀρισμούς· καὶ
διὰ τίν' αἰτίαν εἴρηται· διὸ καὶ τὸ πάντα ἀνάγειν οὕτω καὶ
ἀφαιρεῖν τὴν ὕλην περιέργον· ἓνα γὰρ ἴσως τόδ' ἐν τῆδ'
ἐστὶν ἢ ἰσθὶ ταδὶ ἔχοντα· καὶ ἢ παραβολὴ ἢ ἐπὶ τοῦ ζήφου
ἢ ἐπιώθει λέγειν Σωκράτης ὁ νεώτερος· οὐ καλῶς ἔχει·
ἀπάγει γὰρ ἀπὸ τοῦ ἀληθοῦς· καὶ ποιεῖ ὑπολαμβάνειν ὡς
ἐνδεχόμενον εἶναι τὸν ἄνθρωπον ἄνευ τῶν μερῶν· ὡσπερ
ἄνευ τοῦ χαλκοῦ τὸν κύκλον· τὸ δ' οὐχ ὅμοιον· αἰσθητὸν
γάρ τι τὸ ζῆφον· καὶ ἄνευ κινήσεως οὐκ ἔστιν ὀρίσασθαι· διὸ
30 οὐδ' ἄνευ τῶν μερῶν ἐχόντων πῶς· οὐ γὰρ πάντως τοῦ ἀν-
θρώπου μέρος ἢ χεῖρ· ἀλλ' ἢ δυναμένη τὸ ἔργον ἀποτελεῖν
ὥστε ἔμψυχος οὐσα· μὴ ἔμψυχος δὲ οὐ μέρος· περὶ δὲ τὰ
μαθηματικά· διὰ τί οὐκ εἰσὶ μέρη οἱ λόγοι τῶν λόγων
οἷον τοῦ κύκλου τὰ ἡμικύκλια; οὐ γὰρ ἐστὶν αἰσθητὰ ταῦτα

do mesmo modo pelo qual se afirma que as carnes e ossos são partes do homem, e do mesmo modo pelo qual se afirma que o bronze e a pedra são partes da estátua. E reduzem tudo aos números, e afirmam que a definição da linha é a definição do dois. E, entre os que propõem as Idéias, uns afirmam que a Díada é a linha-em-si, outros afirmam que é a Forma da linha, pois afirmam que, em alguns casos, a Forma é idêntica àquilo de que ela é Forma (por exemplo, a díada e a Forma da díada), mas que, no caso da linha, isto não mais ocorre. Ora, decorre, para eles, haver uma única Forma de muitas coisas cujas formas são manifestamente distintas (como ocorreu também aos Pitagóricos), e seria possível fazer uma única e mesma Forma de todas as coisas, ao passo que as demais não seriam Formas; e, deste modo, todas as coisas seriam uma só.

[1036b 21] Assim, está dito que o assunto concernente às definições tem certa dificuldade, e por que causa. Por isso, é também despropositado reduzir todas as coisas desta maneira e eliminar a matéria, visto que certas coisas, seguramente, são *isto nisto* ou *tais itens se comportando de tal e tal modo*. E a comparação a respeito do animal, a que Sócrates jovem costuma enunciar, não é acertada: ela se desvia do que é verdadeiro e faz conceber que seria possível que o homem fosse sem as partes, assim como o círculo é sem o bronze. Os dois casos, entretanto, não são semelhantes, pois o animal é algo sensível, e não é possível defini-lo sem o movimento e, por isso, tampouco sem suas partes dispostas de uma determinada maneira; de fato, a mão é parte do homem não de qualquer modo, mas apenas a que é capaz de executar a função, de modo a ser animada; no entanto, não sendo animada, não é parte do homem.

[1036b 32] No que concerne aos entes matemáticos, por que as definições não são partes das definições, por exemplo, do círculo, os semicírculos? Pois estes não são sensíveis. Ou isso não faz nenhuma diferença? Pois haveria matéria

ἢ οὐθὲν διαφέρει; ἔσται γὰρ ὕλη ἐνίων καὶ μὴ αἰσθητῶν·
1037a καὶ παντὸς [γὰρ ὕλη τις ἔστιν] ὃ μὴ ἔστι τί ἦν εἶναι [καὶ
εἶδος αὐτὸ καθ' αὐτὸ ἀλλὰ τότε τι] κύκλου μὲν οὖν οὐκ
ἔσται τοῦ καθόλου τῶν δὲ καθ' ἕκαστα ἔσται μέρη ταῦτα
ὥσπερ εἴρηται πρότερον· ἔστι γὰρ ὕλη ἢ μὲν αἰσθητὴ ἢ
δὲ νοητὴ· δῆλον δὲ καὶ ὅτι ἢ μὲν ψυχὴ οὐσία ἢ πρώτη
τὸ δὲ σῶμα ὕλη ὃ δ' ἄνθρωπος ἢ τὸ ζῷον τὸ ἐξ ἀμφοῖν
ὡς καθόλου· Σωκράτης δὲ καὶ Κορίσκος εἰ μὲν καὶ ἢ ψυχὴ
Σωκράτης διπτόν οἱ μὲν γὰρ ὡς ψυχὴν οἱ δ' ὡς τὸ σύνολον
εἰ δ' ἀπλῶς ἢ ψυχὴ ἢ δὲ καὶ τὸ σῶμα τότε ὥσπερ τὸ
10 καθόλου τε καὶ τὸ καθ' ἕκαστον πρότερον δὲ ἔστι παρὰ
τὴν ὕλην τῶν τοιούτων οὐσιῶν τις ἄλλη καὶ δεῖ ζητεῖν
οὐσίαν ἐτέραν τινὰ οἷον ἀριθμοὺς ἢ τι τοιοῦτον σκεπτέον
ὑστερον· τούτου γὰρ χάριν καὶ περὶ τῶν αἰσθητῶν οὐσιῶν
πειρώμεθα διορίζειν· ἐπεὶ τρόπον τινὰ τῆς φυσικῆς καὶ
δευτέρας φιλοσοφίας ἔργον ἢ περὶ τὰς αἰσθητὰς οὐσίας
θεωρία· οὐ γὰρ μόνον περὶ τῆς ὕλης δεῖ γνωρίζειν τὸν φυ-
σικὸν ἀλλὰ καὶ τῆς κατὰ τὸν λόγον καὶ μᾶλλον ἐπὶ
δὲ τῶν ὀρισμῶν πῶς μέρη τὰ ἐν τῷ λόγῳ καὶ διὰ τί εἰς
λόγος ὁ ὀρισμὸς δῆλον γὰρ ὅτι τὸ πρᾶγμα ἐν τὸ δὲ
20 πρᾶγμα τίνι ἐν μέρη γε ἔχον; σκεπτέον ὑστερον
Τί μὲν οὖν ἔστι τὸ τί ἦν εἶναι καὶ πῶς αὐτὸ καθ'
αὐτὸ καθόλου περὶ παντὸς εἴρηται καὶ διὰ τί τῶν μὲν ὁ
λόγος ὁ τοῦ τί ἦν εἶναι ἔχει τὰ μόρια τοῦ ὀριζομένου τῶν

também de alguns entes não sensíveis e de tudo aquilo que não é “aquilo que o ser é” [nem é, ele mesmo em si mesmo, uma forma, mas *um certo isto*]. Assim, eles não serão partes do círculo universal, mas serão partes dos círculos particulares, como foi dito anteriormente. De fato, certas coisas são matéria sensível, outras, matéria inteligível.

[1037a 5] É evidente também que a alma é a essência primeira, ao passo que o corpo é matéria, e o homem (ou o animal), por sua vez, é o composto de ambas enquanto universal. Mas Sócrates (ou Corisco), se Sócrates é também sua alma, é sob dois aspectos (com efeito, uns dizem que ele é sua alma, outros, que ele é o composto), mas, por outro lado, se Sócrates é, sem mais, esta alma e este corpo, o particular é tal como o universal.

[1037a 10] Devemos posteriormente examinar se há, além da matéria de tais essências, alguma outra, e se é preciso procurar alguma outra essência, por exemplo, números ou algo de tal qualidade. Com efeito, é por isso que estamos tentando delimitar algo também a respeito das essências sensíveis, dado que, de certo modo, o estudo das essências sensíveis é tarefa da ciência da natureza e da filosofia segunda. De fato, é preciso que o estudioso da natureza tenha conhecimentos não apenas a respeito da matéria, mas também, e preferencialmente, a respeito da essência segundo a definição.

[1037a 17] A respeito das definições, devemos posteriormente examinar de que maneira são partes os itens contidos no enunciado, e por que a definição é um enunciado uno (pois é evidente que seu objeto é uno; no entanto, *devido a que tal objeto, tendo partes, é uno?*).

[1037a 21] Está dito, portanto, de maneira geral, o que é “aquilo que o ser é” e como ele próprio se atribui a em por si mesmo; também está dito por que a definição do “aquilo que o ser é”, em alguns casos, contém as partes da coisa

- δ οὐ καὶ ὅτι ἐν μὲν τῷ τῆς οὐσίας λόγῳ τὰ οὕτω μέρη
ὡς ὕλη οὐκ ἐνέσται οὐδὲ γὰρ ἔστιν ἐκείνης μέρη τῆς οὐσίας
ἀλλὰ τῆς συνόλου ταύτης δέ γ' ἔστι πως λόγος καὶ οὐκ
ἔστιν· μετὰ μὲν γὰρ τῆς ὕλης οὐκ ἔστιν ἀόριστον γὰρ
κατὰ τὴν πρώτην δ' οὐσίαν ἔστιν οἷον ἀνθρώπου ὁ τῆς ψυχῆς
λόγος· ἢ γὰρ οὐσία ἐστὶ τὸ εἶδος τὸ ἐνόν ἐξ οὗ καὶ τῆς
30 ὕλης ἢ σύνολος λέγεται οὐσία οἷον ἢ κοιλότης ἐκ γὰρ
ταύτης καὶ τῆς ῥινός σιμῆ ῥίς καὶ ἢ σιμότης ἐστὶ δις γὰρ
ἐν τούτοις ὑπάρξει ἢ ῥίς ἐν δὲ τῇ συνόλῳ οὐσία οἷον ῥινὶ
σιμῇ ἢ Καλλία ἐνέσται καὶ ἢ ὕλη· καὶ ὅτι τὸ τί ἦν
1037β εἶναι καὶ ἕκαστον ἐπὶ τινῶν μὲν ταυτό ὡσπερ ἐπὶ τῶν πρώ-
των οὐσιῶν οἷον καμπυλότης καὶ καμπυλότητι εἶναι εἰ
πρώτη ἐστὶν λέγω δὲ πρώτην ἢ μὴ λέγεται τῷ ἄλλο ἐν
ἄλλῳ εἶναι καὶ ὑποκειμένῳ ὡς ὕλη ὅσα δὲ ὡς ὕλη ἢ
ὡς συνειλημμένα τῇ ὕλῃ οὐ ταυτό οὐδ' εἰ κατὰ συμβεβη-
κὸς ἐν οἷον Σωκράτης καὶ τὸ μουσικόν· ταῦτα γὰρ ταῦτα
κατὰ συμβεβηκός
12. Νῦν δὲ λέγωμεν πρῶτον ἐφ' ὅσον ἐν τοῖς ἀναλυτι-
κοῖς περὶ ὀρισμοῦ μὴ εἴρηται· ἢ γὰρ ἐν ἐκείνοις ἀπορία
10 λεχθεῖσα πρὸ ἔργου τοῖς περὶ τῆς οὐσίας ἐστὶ λόγοις λέγω
δὲ ταύτην τὴν ἀπορίαν διὰ τί ποτε ἐν ἔστιν οὐ τὸν λόγον
ὀρισμὸν εἶναι φάμεν οἷον τοῦ ἀνθρώπου τὸ ζῆον δίπουν·
ἔστω γὰρ οὗτος αὐτοῦ λόγος διὰ τί δὴ τοῦτο ἐν ἔστιν ἀλλ

definida, mas, em outros casos, não contém. Também está dito que, na definição da essência, não podem estar contidas as coisas que são partes como matéria – pois nem sequer são partes desta essência, mas sim da essência composta, da qual, de certo modo, há e não há definição: junto com a matéria certamente não há (de fato, não é possível determinar qual é a matéria), mas há definição segundo a essência primeira, por exemplo: de homem, é definição a definição da alma; de fato, a essência é a forma inerente, a partir da qual, juntamente com a matéria, designa-se a essência composta – por exemplo, a concavidade (com efeito, a partir dela e do nariz se dá o nariz adunco e a aduncidade: “nariz” ocorrerá, neste caso, duas vezes) – mas, na essência composta, por exemplo, em nariz adunco ou em Cálías, deve estar contida também a matéria. Também está dito que cada coisa e “aquilo que seu ser é” são, em alguns casos, idênticos, como no caso das essências primeiras – por exemplo, curvatura e o *ser para curvatura*, se é primeira (entendo por “primeira” a essência que não se diz por certa coisa estar presente em algo diverso, em algo que subjaz como matéria) –, mas que não são idênticos no caso das coisas que são como matéria ou tomadas juntamente com a matéria, nem se forem uma só por concomitância, como Sócrates e o musical (pois estes são idênticos por concomitância).

Capítulo 12

[1037a 8] Agora, discutamos primeiramente tudo quanto não foi discutido nos *Analíticos* a respeito da definição, pois a dificuldade neles formulada é propícia às discussões a respeito da essência. Refiro-me a tal dificuldade: por que, porventura, é uno aquilo cujo enunciado dizemos ser definição, por exemplo, de homem, o *animal bípede*? Que seja este seu enunciado. Pois bem: por que isto é um, mas não muitos, *animal e bípede*?

οὐ πολλά ζῆρον καὶ δίπουν· ἐπὶ μὲν γὰρ τοῦ ἀνθρώπου
καὶ λευκὸν πολλὰ μὲν ἐστὶν ὅταν μὴ ὑπάρχη θατέρῳ
θάτερον· ἐν δὲ ὅταν ὑπάρχη καὶ πάθῃ τι τὸ ὑποκείμενον
ὁ ἀνθρώπος τότε γὰρ ἐν γίγνεται καὶ ἔστιν ὁ λευκὸς ἀν-
θρώπος· ἐνταῦθα δ' οὐ μετέχει θατέρου θάτερον· τὸ γὰρ
γένος οὐ δοκεῖ μετέχειν τῶν διαφορῶν ἅμα γὰρ ἀν τῶν
20 ἐναντίων τὸ αὐτὸ μετεῖχεν· αἱ γὰρ διαφοραὶ ἐναντία αἷς
διαφέρει τὸ γένος· εἰ δὲ καὶ μετέχει ὁ αὐτὸς λόγος εἴ-
περ εἰσὶν αἱ διαφοραὶ πλείους· οἷον πεζὸν δίπουν ἄπτερον
διὰ τί γὰρ ταῦθ' ἐν ἀλλ' οὐ πολλά; οὐ γὰρ ὅτι ἐνυπάρ-
χει· οὕτω μὲν γὰρ ἐξ ἀπάντων ἔσται ἐν· δεῖ δὲ γε ἐν
εἶναι ὅσα ἐν τῇ ὀρισμῷ· ὁ γὰρ ὀρισμὸς λόγος τίς ἐστιν
εἷς καὶ οὐσίας ὥστε ἐνός τινος δεῖ αὐτὸν εἶναι λόγον· καὶ
γὰρ ἢ οὐσία ἐν τι καὶ τότε τι σημαίνει ὡς φασί· δεῖ
δὲ ἐπισκοπεῖν πρῶτον περὶ τῶν κατὰ τὰς διαιρέσεις ὀρι-
σμῶν· οὐδὲν γὰρ ἕτερόν ἐστιν ἐν τῇ ὀρισμῷ πλὴν τὸ
30 πρῶτον λεγόμενον γένος καὶ αἱ διαφοραί· τὰ δ' ἄλλα
γένη ἐστὶ τό τε πρῶτον καὶ μετὰ τούτου αἱ συλλαμβανό-
μεναι διαφοραὶ οἷον τὸ πρῶτον ζῆρον τὸ δὲ ἐχόμενον
ζῆρον δίπουν καὶ πάλιν ζῆρον δίπουν ἄπτερον· ὁμοίως δὲ
1038a καὶν διὰ πλείονων λέγηται ὅλως δ' οὐδὲν διαφέρει διὰ
πολλῶν ἢ δι' ὀλίγων λέγεσθαι ὥστ' οὐδὲ δι' ὀλίγων ἢ
διὰ δυοῖν· τοῖν δυοῖν δὲ τὸ μὲν διαφορὰ τὸ δὲ γένος οἷον
τοῦ ζῆρον δίπουν τὸ μὲν ζῆρον γένος διαφορὰ δὲ θάτερον

[1037b 14] No caso de *homem* e *branco*, eles são muitos quando um não se atribui ao outro, mas são um só quando um deles se atribui ao outro, isto é, quando o que está subjacente, o *homem*, padece algo (pois, neste caso, se tornam um só, e há um homem branco). No caso de *animal bípede*, no entanto, um não participa do outro, pois não se reputa que o gênero participe das diferenças (dado que, neste caso, o mesmo participaria dos contrários, pois são contrárias as diferenças pelas quais se diferencia o gênero). Mas, mesmo se o gênero participasse das diferenças, seria o mesmo argumento, se, precisamente, as diferenças são muitas, como *dotado de pés*, *bípede*, *sem-asas*. Por que elas constituem uma só coisa, mas não muitas? De fato, não é porque estão contidas no gênero, pois, se assim fosse, a partir de todas as diferenças haveria uma só coisa. No entanto, é preciso que seja uno tudo aquilo que está sob definição, pois a definição é certo enunciado uno e é um enunciado da essência; por conseguinte, é preciso que ela seja um enunciado de algo uno, precisamente porque a essência, como dissemos, designa algo uno e *um certo isto*.

[1037b 27] Mas é preciso investigar primeiramente a respeito das definições por divisões. Não há na definição nenhum outro item, a não ser o gênero dito primeiro e as diferenças; os outros gêneros são o primeiro e, com ele, as diferenças conjuntamente assumidas; por exemplo, o gênero primeiro é *animal*, o seguinte é *animal bípede* e, por sua vez, *animal bípede sem-asas*; se dá de modo semelhante mesmo se se enunciar através de um maior número de itens. De modo geral, é indiferente que o enunciado se dê através de muitos ou através de poucos itens, de modo que tampouco faz diferença que se dê através de poucos ou através de dois. E, destes dois, um é diferença, outro é gênero; por exemplo, de *animal bípede*, o *animal* é gênero, ao passo que o outro é diferença.

εἰ οὖν τὸ γένος ἀπλῶς μὴ ἔστι παρὰ τὰ ὡς γένους εἶδη
ἢ εἰ ἔστι μὲν ὡς ὕλη δ' ἔστιν ἢ μὲν γὰρ φωνὴ γένος καὶ
ὕλη αἱ δὲ διαφοραὶ τὰ εἶδη καὶ τὰ στοιχεῖα ἐκ ταύτης
ποιοῦσιν φανερόν ὅτι ὁ ὀρισμὸς ἔστιν ὁ ἐκ τῶν διαφορῶν
λόγος ἀλλὰ μὴν καὶ δεῖ γε διαιρεῖσθαι τὴν τῆς διαφο

- 10 ρᾶς διαφορὰν οἷον ζῆου διαφορὰ τὸ ὑπόπουν· πάλιν τοῦ
ζῆου τοῦ ὑπόποδος τὴν διαφορὰν δεῖ εἶναι ἢ ὑπόπουν
ὥστ' οὐ λεκτέον τοῦ ὑπόποδος τὸ μὲν πτερωτὸν τὸ δὲ ἄπτε
ρον ἕανπερ λέγει καλῶς ἀλλὰ διὰ τὸ ἀδυνατεῖν ποιήσῃ
τοῦτο ἀλλ' ἢ τὸ μὲν σχιζόπουν τὸ δ' ἄσχιστον· αὐτὰ
γὰρ διαφοραὶ ποδός· ἢ γὰρ σχιζοποδία ποδότης τις καὶ
οὕτως αἰεὶ βούλεται βαδίζειν ἕως ἂν ἔλθῃ εἰς τὰ ἀδιάφορα·
τότε δ' ἔσονται τὸσαῦτα εἶδη ποδός ὅσαιπερ αἱ διαφοραὶ
καὶ τὰ ὑπόποδα ζῆα ἴσα ταῖς διαφοραῖς εἰ δὴ ταῦτα
οὕτως ἔχει, φανερόν ὅτι ἡ τελευταία διαφορὰ ἢ οὐσία τοῦ
- 20 πράγματος ἔσται καὶ ὁ ὀρισμὸς εἴπερ μὴ δεῖ πολλάκις
ταῦτ' ἀλέγειν ἐν τοῖς ὅροις· περίεργον γὰρ συμβαίνει δέ
γε τοῦτο· ὅταν γὰρ εἴπῃ ζῆον ὑπόπουν δίπουν οὐδὲν ἄλλο
εἴρηκεν ἢ ζῆον πόδας ἔχον δύο πόδας ἔχον· καὶ τοῦτο
διαιρῆ τῆ οἰκείᾳ διαιρέσει πλεονάκις ἐρεῖ καὶ ἰσάκις ταῖς
διαφοραῖς ἕαν μὲν δὴ διαφορᾶς διαφορὰ γίγνηται μία
ἔσται ἢ τελευταία τὸ εἶδος καὶ ἢ οὐσία· ἕαν δὲ κατὰ συμ
βεβηκός οἷον εἰ διαιροῖ τοῦ ὑπόποδος τὸ μὲν λευκὸν τὸ δὲ
μέλαν τὸσαῦται ὅσαι ἂν αἱ τομαὶ ᾧσιν ὥστε φανερόν ὅτι

[1038a 5] Pois bem: se um gênero não existe, sem mais, à parte de suas formas específicas, ou se existe à parte, sim, mas enquanto matéria (com efeito, a voz é gênero e matéria, e as diferenças fazem a partir dela as formas específicas e as letras), é evidente que a definição é o enunciado que se constitui pelas diferenças.

[1038a 9] No entanto, eis o ponto: é preciso, também, dividir justamente a diferença da diferença, por exemplo, de *animal*, é diferença o *dotado de pés*; por sua vez, é preciso que a diferença do *animal dotado de pés* lhe pertença enquanto ele é *dotado de pés*; por conseguinte, não se deve afirmar, a respeito do *dotado de pés*, o *alado* e o *sem-asas* – se se afirma acertadamente (mas poder-se-á fazer isso por ser incapaz) –, mas sim o *de pés segmentados* e o *de pés não-segmentados*, pois estas são diferenças do pé (com efeito, a *segmentação dos pés* é certa *dotação de pés*). E há de se prosseguir sempre deste modo, até que se chegue nos indiferenciáveis: neste momento, haverá tantas formas específicas de pé quantas forem as diferenças, e os animais dotados de pés serão em número igual às diferenças.

[1038a 18] Ora, se isso é assim, é evidente que a diferença última será a essência e a definição da coisa, dado que, justamente, não é preciso enunciar os mesmos itens várias vezes nas definições (pois isso é supérfluo). No entanto, é isto que ocorre, precisamente: quando alguém diz *animal dotado de pés bípede*, nada mais diz senão *animal que tem pés, que tem dois pés*; e se dividir tal item pela divisão apropriada, dirá o mesmo mais vezes e em um número de vezes igual ao das diferenças. Assim, se a diferença surgir da diferença, uma única diferença última será a forma e a essência; mas, se a diferença surgir por concomitância – por exemplo, se alguém dividir o *dotado de pés* em branco e negro – as diferenças serão tantas quantos forem os recortes.

ὁ ὀρισμὸς λόγος ἐστὶν ὁ ἐκ τῶν διαφορῶν καὶ τούτων τῆς τε
30 λευταίας κατὰ γε τὸ ὀρθόν· δῆλον δ' ἂν εἴη εἴ τις μετατά-
ξειε τοὺς τοιούτους ὀρισμούς· οἷον τὸν τοῦ ἀνθρώπου λέγων ζῶον
δίπουν ὑπόπουν· περίεργον γὰρ τὸ ὑπόπουν εἰρημένου τοῦ δι-
ποδος τάξις δ' οὐκ ἐστὶν ἐν τῇ οὐσίᾳ· πῶς γὰρ δεῖ νοῆσαι τὸ
μὲν ὕστερον τὸ δὲ πρότερον; περὶ μὲν οὖν τῶν κατὰ τὰς διαιρέ-
σεις ὀρισμῶν τοσαῦτα εἰρήσθω τὴν πρώτην· ποιοὶ τινές εἰσιν
1038β 13. Ἐπεὶ δὲ περὶ τῆς οὐσίας ἢ σκέψις ἐστί· πάλιν ἐπαν-
έλθωμεν λέγεται δ' ὡς περὶ τὸ ὑποκείμενον οὐσία εἶναι καὶ
τὸ τί ἦν εἶναι καὶ τὸ ἐκ τούτων καὶ τὸ καθόλου· περὶ μὲν
οὖν τοῖν δυοῖν εἴρηται καὶ γὰρ περὶ τοῦ τί ἦν εἶναι καὶ τοῦ
ὑποκειμένου ὅτι διχῶς ὑπόκειται ἢ τόδε τι ὄν ὡς περὶ τὸ
ζῶον τοῖς πάθεσιν ἢ ὡς ἡ ὕλη τῇ ἐντελεχείᾳ· δοκεῖ δὲ
καὶ τὸ καθόλου αἰτιὸν τισιν εἶναι μάλιστα καὶ εἶναι ἀρχὴν
τὸ καθόλου· διὸ ἐπέλθωμεν καὶ περὶ τούτου· ἔοικε γὰρ ἀδύ-
νατον εἶναι οὐσίαν εἶναι ὅτι οὖν τῶν καθόλου λεγομένων· πρώτου
10 μὲν γὰρ οὐσία ἐκάστου ἢ ἴδιος ἐκάστου ἢ οὐχ ὑπάρχει ἄλλω
τὸ δὲ καθόλου κοινόν· τούτο γὰρ λέγεται καθόλου ὃ πλείοσιν
ὑπάρχειν πέφυκεν· τίνος οὖν οὐσία τοῦτ' ἐσται; ἢ γὰρ πάν-
των ἢ οὐδενός· πάντων δ' οὐχ οἷόν τε· ἐνός δ' εἰ ἐσται καὶ

[1038a 28] Por conseguinte, é evidente que a definição é o enunciado que se constitui pelas diferenças e, entre elas, pela última, ao menos segundo a divisão correta. E isso se torna evidente, se alguém inverte a ordem em tais definições, por exemplo, na de *homem*, afirmando *animal bípede dotado de pés*: de fato, o *dotado de pés* é supérfluo, uma vez já dito o *bípede*.

[1038a 33] Mas não há ordem na essência; de fato, como seria preciso pensar um item como posterior, e outro, como anterior?

[1038a 34] Assim, a respeito das definições por divisões, considere-se dito este tanto, numa primeira abordagem: de que qualidade elas são.

Capítulo 13

[1038b 1] Dado que esta investigação é a respeito da essência, retornemos novamente. Afirma-se ser essência o subjacente, o “aquilo que o ser é” e o composto deles, bem como o universal. Ora, a respeito dos dois primeiros, foi discutido (de fato, foi discutido tanto o “aquilo que o ser é” como o subjacente, que subjaz de duas maneiras, ou sendo *um certo isto*, como o animal subjaz às afecções, ou como a matéria subjaz à efetividade); mas também o universal alguns julgam ser sobretudo causa, e julgam que é princípio o universal; por isso, volte-mo-nos também a ele – pois afigura-se impossível ser essência qualquer um entre os que se chamam “universais”.

[1038b 9] Em primeiro lugar, é essência de cada coisa a que é própria a cada coisa, a que não se atribui a outra; o universal, no entanto, é comum, pois se diz universal aquilo que naturalmente se atribui a muitos. Ora, de que, então, ele seria essência? Ou de todos, ou de nenhum. Mas não é possível que seja essência de todos. Por outro lado, se fosse essência de uma coisa, também todas as demais seriam esta coisa; pois as coisas cuja essência (isto é, cujo “aquilo que o ser é”) é uma só são também elas próprias uma só.

ἐν καὶ αὐτὰ ἐν ἔτι οὐσία λέγεται τὸ μὴ καθ' ὑποκειμένου
τὸ δὲ καθόλου καθ' ὑποκειμένου τινὸς λέγεται αἰεὶ ἄλλ
ἄρα οὕτω μὲν οὐκ ἐνδέχεται ὡς τὸ τί ἦν εἶναι ἐν τούτῳ δὲ
ἐνυπάρχειν οἷον τὸ ζῆον ἐν τῇ ἀνθρώπῳ καὶ ἵππῳ; οὐκοῦν
δηλον ὅτι ἔστι τις αὐτοῦ λόγος διαφέρει δ' οὐθὲν οὐδ' εἰ μὴ
20 πάντων λόγος ἔστι τῶν ἐν τῇ οὐσίᾳ· οὐδὲν γὰρ ἦττον οὐσία
τοῦτ' ἔσται τινός ὡς ὁ ἄνθρωπος τοῦ ἀνθρώπου ἐν ᾧ
ὑπάρχει ὥστε τὸ αὐτὸ συμβήσεται πάλιν· ἔσται γὰρ ἐκείνου
οὐσία οἷον τὸ ζῆον ἐν ᾧ ὡς ἴδιον ὑπάρχει ἔτι δὲ καὶ
ἀδύνατον καὶ ἄτοπον τὸ τόδε καὶ οὐσίαν εἰ ἔστιν ἕκ τινων
μὴ ἐξ οὐσιῶν εἶναι μὴδ' ἐκ τοῦ τόδε τι ἄλλ' ἐκ ποιοῦ·
πρότερον γὰρ ἔσται μὴ οὐσία τε καὶ τὸ ποῖον οὐσίας τε καὶ
τοῦ τόδε ὑπερ ἀδύνατον· οὔτε λόγῳ γὰρ οὔτε χρόνῳ οὔτε
γενέσει οἷον τε τὰ πάθη τῆς οὐσίας εἶναι πρότερα· ἔσται
γὰρ καὶ χωριστά ἔτι τῇ Σωκράτει ἐνυπάρξει οὐσία οὐσία
30 ὥστε δυοῖν ἔσται οὐσία ἄλλως δὲ συμβαίνει εἰ ἔστιν οὐσία
ὁ ἄνθρωπος καὶ ὅσα οὕτω λέγεται μὴθὲν τῶν ἐν τῇ λόγῳ
εἶναι μὴδενὸς οὐσίαν μὴδὲ χωρὶς ὑπάρχειν αὐτῶν μὴδ' ἐν
ἄλλῳ λέγω δ' οἷον οὐκ εἶναί τι ζῆον παρὰ τὰ τινά οὐδ'
ἄλλο τῶν ἐν τοῖς λόγοις οὐδὲν ἕκ τε δὴ τούτων θεωροῦσι

[1038b 15] Além disso, denomina-se essência aquilo que não se afirma de algo subjacente, ao passo que o universal sempre se afirma de algo subjacente.

[1038b 16] Mas será que, embora não caiba que o universal seja essência enquanto “aquilo que o ser é”, seria possível que fosse essência enquanto inerente no “aquilo que o ser é”? Por exemplo: o animal, inerente no homem e no cavalo? Então, seria evidente que haveria alguma definição dele. Tampouco faria diferença se não fosse definição de todos os itens que se encontram na essência; pois, neste caso, ele não menos seria essência de algo, como o homem é essência do homem no qual se encontra; por conseguinte, sucederia novamente o mesmo resultado: o universal seria essência daquele item (isto é, o animal) no qual se encontrasse enquanto próprio.

[1038b 23] Além do mais, seria impossível e absurdo se o *isto* e a essência, se fossem constituídos de certos itens, fossem constituídos não de essências, nem de *um certo isto*, mas sim de *tal e tal qualidade*; pois, neste caso, o que não é essência, isto é, o *de tal e tal qualidade*, seria anterior à essência e ao *isto*. Mas isso, precisamente, é impossível. Pois não é possível que as afecções sejam anteriores à essência, nem por definição, nem no tempo, nem no vir a ser, pois, se o fossem, seriam também separadas.

[1038b 29] Além do mais, em Sócrates, sendo ele uma essência, estaria inerente uma essência; por conseguinte, esta seria essência de duas coisas.

[1038b 30] Em geral, decorre que, se são essência o homem e todos os que se enunciam deste modo, os itens contidos em suas definições não são essência de nada, tampouco encontram-se à parte daqueles primeiros, nem em outras coisas; quero dizer, por exemplo, que não há animal algum à parte dos *alguns animais*, tampouco há um outro que fosse diverso dos que estão contidos nas definições.

φανερὸν ὅτι οὐδὲν τῶν καθόλου ὑπαρχόντων οὐσία ἐστὶ καὶ
1039α ὅτι οὐδὲν σημαίνει τῶν κοινῇ κατηγορουμένων τόδε τι ἀλλὰ
τοιόνδε εἰ δὲ μή ἄλλα τε πολλὰ συμβαίνει καὶ ὁ τρί-
τος ἄνθρωπος ἔτι δὲ καὶ ὠδε δῆλον ἀδύνατον γὰρ οὐσίαν
ἐξ οὐσιῶν εἶναι ἐνυπαρχουσῶν ὡς ἐντελεχεία· τὰ γὰρ δύο
οὕτως ἐντελεχεία οὐδέποτε ἐν ἐντελεχεία· ἀλλ' ἐὰν δυνάμει
δύο ἢ ἔσται ἐν οἷον ἢ διπλασία ἐκ δύο ἡμίσεων δυνάμει
γε· ἢ γὰρ ἐντελέχεια χωρίζει ὥστ' εἰ ἡ οὐσία ἐν οὐκ
ἔσται ἐξ οὐσιῶν ἐνυπαρχουσῶν καὶ κατὰ τοῦτον τὸν τρόπον,
ὃν λέγει Δημόκριτος ὀρθῶς ἀδύνατον γὰρ εἶναι φησι ἐκ
10 δύο ἐν ἢ ἐξ ἑνὸς δύο γενέσθαι· τὰ γὰρ μεγέθη τὰ ἄτομα
τὰς οὐσίας ποιεῖ ὁμοίως τοίνυν δῆλον ὅτι καὶ ἐπ' ἀριθμοῦ
ἔξει εἴπερ ἐστὶν ὁ ἀριθμὸς σύνθεσις μονάδων ὥσπερ λέγε-
ται ὑπό τινων· ἢ γὰρ οὐχ ἐν ἢ δυὰς ἢ οὐκ ἔστι μονὰς ἐν
αὐτῇ ἐντελεχεία· ἔχει δὲ τὸ συμβαῖνον ἀπορίαν εἰ γὰρ
μήτε ἐκ τῶν καθόλου οἷον τ' εἶναι μηδεμίαν οὐσίαν διὰ τὸ
τοιόνδε ἀλλὰ μή τόδε τι σημαίνει μὴτ' ἐξ οὐσιῶν ἐνδέ-
χεται ἐντελεχεία εἶναι μηδεμίαν οὐσίαν σύνθετον ἀσύνθε-
τον ἂν εἴη οὐσία πᾶσα ὥστ' οὐδὲ λόγος ἂν εἴη οὐδεμιᾶς
οὐσίας ἀλλὰ μὴν δοκεῖ γε πᾶσι καὶ ἐλέχθη πάσαι ἢ
20 μόνον οὐσίας εἶναι ὄρον ἢ μάλιστα· νῦν δ' οὐδὲ ταύτης
οὐδενὸς ἄρ' ἔσται ὀρισμός· ἢ τρόπον μὲν τινα ἔσται τρόπον
δέ τινα οὐ· δῆλον δ' ἔσται τὸ λεγόμενον ἐκ τῶν ὑστερον
μᾶλλον

[1038b 34] Assim, para os que consideram estes argumentos, é evidente que nenhum item que se atribui universalmente é essência, e que nenhum item que se predica em comum designa *um certo isto*, mas sim *de tal e tal qualidade*. Caso contrário, muitos outros absurdos decorreriam, inclusive o Terceiro Homem.

[1039a 3] Além disso, também deste modo é evidente: é impossível que uma essência seja constituída de essências nela inerentes em efetividade; pois as coisas que são deste modo duas em efetividade jamais poderiam ser uma só em efetividade, mas, antes, se fossem duas em potência, poderiam ser uma só em efetividade (por exemplo, a linha dupla se constitui das duas metades em potência, pois a efetividade as separa); por conseguinte, se a essência é algo uno, ela não pode constituir-se de essências nela inerentes – também desta maneira que Demócrito corretamente enuncia: ele afirma ser impossível que venha a ser um a partir de dois, ou dois a partir de um; com efeito, ele propõe as grandezas indivisíveis como essências. Evidentemente, também no caso do número sucederá de maneira semelhante, se o número for, de fato, uma composição de unidades, como é afirmado por alguns; com efeito, ou a díada não é algo uno, ou nela não há unidade em efetividade.

[1039a 14] Mas a decorrência disso comporta um impasse: se não é possível que uma essência seja composta de universais – porque estes designam *de tal e tal qualidade*, mas não *um certo isto* –, nem é possível que uma essência seja composta de essências em efetividade, toda essência seria não-composta, de modo que tampouco poderia haver definição de essência alguma. No entanto, é admitido por todos (e foi dito há muito) que ou apenas da essência há definição, ou dela sobretudo; agora, no entanto, parece que não há nem sequer dela. Assim, de nada poderia haver definição. Ou, então, de certo modo haverá, mas, de certo modo, não haverá. Este assunto ficará mais evidente nas discussões ulteriores.

14. Φανερόν δ' ἐξ αὐτῶν τούτων τὸ συμβαῖνον καὶ τοῖς
τὰς ἰδέας λέγουσιν οὐσίας τε χωριστὰς εἶναι καὶ ἅμα
τὸ εἶδος ἐκ τοῦ γένους ποιούσι καὶ τῶν διαφορῶν· εἰ γὰρ
ἔστι τὰ εἶδη καὶ τὸ ζῆρον ἐν τῇ ἀνθρώπῳ καὶ ἵππῳ ἤτοι
ἐν καὶ ταύτων τῇ ἀριθμῷ ἐστὶν ἢ ἕτερον· τῇ μὲν γὰρ
λόγῳ δηλὸν ὅτι ἐν· τὸν γὰρ αὐτὸν διέξεισι λόγον ὁ λέγων
30 ἐν ἐκατέρῳ· εἰ οὖν ἐστὶ τις ἄνθρωπος αὐτὸς καθ' αὐτὸν τότε
τι καὶ κεχωρισμένον ἀνάγκη καὶ ἐξ ὧν οἷον τὸ ζῆρον καὶ
τὸ δίπου· τότε τι σημαίνειν καὶ εἶναι χωριστὰ καὶ οὐσίας·
ὥστε καὶ τὸ ζῆρον· εἰ μὲν οὖν τὸ αὐτὸ καὶ ἐν τῇ
ἵππῳ καὶ τῇ ἀνθρώπῳ ὥσπερ σὺ σαυτῇ πῶς τὸ ἐν
1039β ἐν τοῖς οὐσί· χωρὶς ἐν ἔσται· καὶ διὰ τί οὐ καὶ χωρὶς αὐτοῦ
ἔσται τὸ ζῆρον τοῦτο; ἔπειτα εἰ μὲν μεθέξει τοῦ δίποδος καὶ
τοῦ πολύποδος ἀδύνατόν τι συμβαίνει· τάναντία γὰρ ἅμα
ὑπάρξει αὐτῇ ἐνὶ καὶ τῇδὲ τινι ὄντι· εἰ δὲ μή· τίς ὁ τρό-
πος ὅταν εἴπῃ τις τὸ ζῆρον εἶναι δίπου ἢ πεζόν; ἀλλ' ἴσως
σύγκειται καὶ ἄπτεται ἢ μέμικται· ἀλλὰ πάντα ἄτοπα
ἀλλ' ἕτερον ἐν ἐκάστῳ· οὐκοῦν ἄπειρα ὡς ἔπος εἰπεῖν ἔσται
ὧν ἡ οὐσία ζῆρον· οὐ γὰρ κατὰ συμβεβηκὸς ἐκ ζήρου ἄν-
θρωπος ἔτι πολλὰ ἔσται αὐτὸ τὸ ζῆρον· οὐσία τε γὰρ τὸ
10 ἐν ἐκάστῳ ζῆρον οὐ γὰρ κατ' ἄλλο λέγεται· εἰ δὲ μή· ἐξ

Capítulo 14

[1039a 24] Por estas mesmas considerações, é evidente o que decorre também para os que afirmam que as Idéias são essências separadas e, ao mesmo tempo, fazem a forma específica a partir do gênero e das diferenças. Pois, se há Formas, se há o Animal no Homem e no Cavallo, ou ele é um só e idêntico em número, ou é distinto, sendo evidente que ele é um só por sua definição, pois expõe a mesma definição quem o enuncia em cada um daqueles dois casos.

[1039a 30] Ora, se há um Homem, que é, ele mesmo em si mesmo, *um certo isto* e separado, necessariamente, também as coisas de que ele se constitui (por exemplo, o Animal e o Bípede) significam *um certo isto*, são separados e são essências; por conseguinte, isso é necessário também para o Animal.

[1039a 33] Assim, se são um só e idênticos o Animal no Cavallo e o Animal no Homem, como tu és um só e idêntico a ti mesmo, de que modo o Animal único, presente em coisas que estão à parte uma da outra, poderia ser um só? E por que este Animal não estaria também à parte de si mesmo?

[1039b 2] Além do mais, se ele participasse tanto do bípede como do polípede, decorreria algo impossível: coisas contrárias se encontrariam ao mesmo tempo nele, sendo ele um só e *um certo isto*; mas, se ele não participasse, qual seria o modo, quando alguém afirma que o animal é bípede ou dotado de pés? Ora, talvez, “se constitui”, “tem contato” ou “está misturado”. Mas tudo isso é absurdo.

[1039b 7] Admita-se, então, que o Animal inerente em cada um é distinto. Sendo assim, seriam ilimitadas, por assim dizer, as coisas de que o Animal seria essência, pois não é por concomitância que o homem se constitui do animal.

[1039b 9] Além disso, o próprio Animal em si seria muitas coisas: seria essência o Animal inerente em cada um (pois homem se diz animal não por algum

ἐκείνου ἔσται ὁ ἄνθρωπος καὶ γένος αὐτοῦ ἐκεῖνο καὶ ἔτι
ιδέαι ἅπαντα ἐξ ὧν ὁ ἄνθρωπος· οὐκοῦν οὐκ ἄλλου μὲν ιδέα
ἔσται ἄλλου δ' οὐσία ἀδύνατον γάρ· αὐτὸ ἄρα ζῆον ἐν
ἐκαστον ἔσται τῶν ἐν τοῖς ζῴοις· ἔτι ἐκ τίνος τοῦτο καὶ
πῶς ἐξ αὐτοῦ ζῴου; ἢ πῶς οἶόν τε εἶναι τὸ ζῆον ἢ οὐσία
τοῦτο αὐτό παρ' αὐτὸ τὸ ζῆον; ἔτι δ' ἐπὶ τῶν αἰσθητῶν
ταυτά τε συμβαίνει καὶ τούτων ἀτοπιώτερα· εἰ δὴ ἀδύνα-
τον οὕτως ἔχειν· δῆλον ὅτι οὐκ ἔστιν εἶδη αὐτῶν οὕτως ὡς
τινὲς φασιν

- 20 15. Ἐπεὶ δ' ἡ οὐσία ἑτέρα τό τε σύνολον καὶ ὁ λόγος
λέγω δ' ὅτι ἢ μὲν οὕτως ἐστὶν οὐσία· σὺν τῇ ὕλῃ συνειλημ-
μένος ὁ λόγος ἢ δ' ὁ λόγος ὄλωσ' ὅσαι μὲν οὖν οὕτω λέ-
γονται· τούτων μὲν ἔστι φθορά· καὶ γὰρ γένεσις τοῦ δὲ
λόγου οὐκ ἔστιν οὕτως ὥστε φθίρεσθαι οὐδὲ γὰρ γένεσις οὐ
γὰρ γίγνεται τὸ οἰκία εἶναι ἀλλὰ τὸ τῆδε τῆ οἰκία· ἀλλ'
ἄνευ γενέσεως καὶ φθορᾶς εἰσὶ καὶ οὐκ εἰσίν· δέδεικται γὰρ
ὅτι οὐδεὶς ταῦτα γεννᾷ οὐδὲ ποιεῖ· διὰ τοῦτο δὲ καὶ τῶν
οὐσιῶν τῶν αἰσθητῶν τῶν καθ' ἕκαστα οὔτε ὀρισμὸς οὔτε ἀπό-
δειξις ἔστιν ὅτι ἔχουσιν ὕλην ἢς ἡ φύσις τοιαύτη ὥστ' ἐν
30 δέχεσθαι καὶ εἶναι καὶ μὴ· διὸ φθαρτὰ πάντα τὰ καθ'

outro item; caso contrário, o homem seria a partir deste item, e este seria seu gênero), e, além disso, seriam Idéias todas as coisas de que se constitui o Homem; mas o Animal não poderia ser Idéia de uma coisa e essência de outra (pois isso é impossível); assim, cada um dos Animais presentes nos animais seria o próprio Animal em si.

[1039b 14] Além do mais, de que se constituiria esse animal? E de que modo ele proviria do Animal em si? Ou como seria possível que o animal, cuja essência é precisamente isso mesmo, estivesse à parte do Animal em si?

[1039b 16] Além do mais, a respeito das coisas sensíveis, também sucedem estas decorrências e outras mais absurdas que elas. Pois bem: se é impossível que seja assim, é evidente que não há Formas delas da maneira como alguns o afirmam.

Capítulo 15

[1039b 20] Dado que a essência é de dois tipos – o composto e a definição (quero dizer que um dos tipos de essência é do seguinte modo: a definição tomada juntamente com a matéria, ao passo que o outro tipo é a definição em geral) –, de um lado, há corrupção (pois também há geração) de todas que se denominam daquele modo, mas, no caso da definição, não é assim, de tal modo que ela se corrompesse (de fato, dela nem há geração, pois não é suscetível de vir a ser o *ser para a casa*, mas sim o *ser para esta casa*), mas ela existe sem processo de geração e não existe sem processo de corrupção. De fato, foi provado que ninguém as gera nem as produz.

[1039b 27] Por isso, não há nem definição nem demonstração das essências sensíveis particulares, porque elas comportam uma matéria cuja natureza é tal que é suscetível de ser e não ser; pelo que, entre as mesmas, são corruptíveis

ἕκαστα αὐτῶν εἰ οὖν ἢ τ' ἀπόδειξις τῶν ἀναγκαίων καὶ ὁ ὀρισμὸς ἐπιστημονικόν καὶ οὐκ ἐνδέχεται ὡσπερ οὐδ' ἐπιστήμην ὅτε μὲν ἐπιστήμην ὅτε δ' ἄγνοιαν εἶναι ἀλλὰ δόξα τὸ τοιοῦτόν ἐστιν οὕτως οὐδ' ἀπόδειξιν οὐδ' ὀρισμὸν ἀλλὰ δόξα

1040a ἐστὶ τοῦ ἐνδεχομένου ἄλλως ἔχειν δῆλον ὅτι οὐκ ἂν εἴη αὐτῶν οὔτε ὀρισμὸς οὔτε ἀπόδειξις ἄδηλά τε γὰρ τὰ φθειρόμενα τοῖς ἔχουσι τὴν ἐπιστήμην ὅταν ἐκ τῆς αἰσθήσεως ἀπέλθῃ καὶ σωζομένων τῶν λόγων ἐν τῇ ψυχῇ τῶν αὐτῶν οὐκ ἔσται οὔτε ὀρισμὸς ἔτι οὔτε ἀπόδειξις διὸ δεῖ τῶν πρὸς ὅρον ὅταν τις ὀρίζηται τι τῶν καθ' ἕκαστον μὴ ἄγνοεῖν ὅτι αἰ ἀναιρεῖν ἔστιν· οὐ γὰρ ἐνδέχεται ὀρίσασθαι

Οὐδὲ δὴ ἰδέαν οὐδεμίαν ἔστιν ὀρίσασθαι τῶν γὰρ καθ' ἕκαστον ἢ ἰδέα ὡς φασὶ καὶ χωριστή· ἀναγκαῖον δὲ ἐξ ὄνο

10 μάτων εἶναι τὸν λόγον ὄνομα δ' οὐ ποιήσῃ ὁ ὀρίζομενος ἄγνωστον γὰρ ἔσται τὰ δὲ κείμενα κοινὰ πᾶσιν· ἀνάγκη ἄρα ὑπάρχειν καὶ ἄλλῃ ταῦτα· οἷον εἴ τις σὲ ὀρίσαιτο ζῆρον ἐρεῖ ἰσχνὸν ἢ λευκὸν ἢ ἕτερόν τι ὃ καὶ ἄλλῃ ὑπάρξει εἰ δέ τις φαίῃ μὴδὲν κωλύειν χωρὶς μὲν πάντα πολλοῖς ἅμα δὲ μόνῃ τούτῃ ὑπάρχειν λεκτέον πρῶτον μὲν ὅτι καὶ ἀμφοῖν οἷον τὸ ζῆρον δίπουν τῷ ζῆρῃ καὶ τῷ δίποδι καὶ τοῦτο ἐπὶ μὲν τῶν αἰδίων καὶ ἀνάγκη εἶναι πρότερά γ' ὄντα καὶ μέρη τοῦ συνθέτου· ἀλλὰ μὴν καὶ χωριστά· εἴπερ τὸ ἄνθρωπος χωριστόν· ἢ γὰρ οὐθὲν ἢ ἅμφω·

todas as particulares. Ora, se a demonstração e a definição propiciam conhecimento de coisas necessárias, e se não é possível – tal como não é possível que o conhecimento seja, em dado momento, conhecimento, mas, em outro, ignorância (pois algo de tal tipo é, antes, opinião), do mesmo modo, isso tampouco é possível para a demonstração e a definição (pois, daquilo que pode comportar-se de modo diverso, há, antes, opinião) –, é evidente que não pode haver nem definição nem demonstração delas. De fato, as coisas suscetíveis de corrupção, quando se distanciam da sensação, não são evidentes para quem possui conhecimento, e delas – preservando-se na alma as definições – não mais poderá haver nem definição, nem demonstração. Por isso, no que concerne às definições, quando alguém tenta definir algo particular, é preciso não desconhecer que sempre é possível refutá-lo, pois não é possível defini-los.

[1040a 8] Assim, tampouco é possível definir Idéia alguma. Pois, como dizem, a Idéia conta-se entre os particulares e é separada. É necessário que a definição seja constituída de termos; mas quem tenta definir não poderá produzir os termos (pois seria ininteligível), e os termos estabelecidos, por sua vez, são comuns a todos; assim, tais termos, necessariamente, seriam atribuídos também a outras coisas. Por exemplo: se alguém tentasse te definir, diria animal magro ou claro, ou alguma outra coisa desse tipo, que seria atribuível também a outro. Se alguém disser que nada impede que, separadamente, todos os termos sejam atribuídos a várias, mas, juntos, se atribuam apenas a tal e tal coisa, devemos afirmar, primeiramente, que se atribuem juntos também a ambos – por exemplo, “animal bípede” se atribui ao animal e ao bípede (isto é inclusive necessário no caso dos eternos, precisamente na medida em que são anteriores e partes do composto; mas eles são também separados, se o Homem é separado; de fato, ou nenhum deles o seria, ou ambos; se, por um lado, nenhum for separado, o gênero

20 εἰ μὲν οὖν μηθέν οὐκ ἔσται τὸ γένος παρὰ τὰ εἶδη εἰ δὲ
ἔσται καὶ ἡ διαφορά· εἶθ' ὅτι πρότερα τῆ εἶναι ταῦτα
δὲ οὐκ ἀνταναιρεῖται ἔπειτα εἰ ἐξ ἰδεῶν αἰδέαι
ἀσυνθετώτερα γὰρ τὰ ἐξ ὧν ἔτι ἐπὶ πολλῶν δεήσει
κάκεινα κατηγορεῖσθαι ἐξ ὧν ἡ ἰδέα οἶον τὸ ζῆλον καὶ τὸ
δίπουν εἰ δὲ μή πῶς γνωρισθήσεται; ἔσται γὰρ ἰδέα τις
ἣν ἀδύνατον ἐπὶ πλείονων κατηγορησάμεν ἢ ἐνός οὐ δοκεῖ
δὲ ἀλλὰ πᾶσα ἰδέα εἶναι μεθεκτὴ ὥσπερ οὖν εἴρηται
λανθάνει ὅτι ἀδύνατον ὀρίσασθαι ἐν τοῖς αἰδέοις μάλιστα
δὲ ὅσα μοναχά οἶον ἥλιος ἢ σελήνη οὐ μόνον γὰρ δια
30 μαρτάνουσι τῆ προστιθέναι τοιαῦτα ὧν ἀφαιρουμένων ἔτι
ἔσται ἥλιος ὥσπερ τὸ περὶ γῆν ἰὸν ἢ νυκτικρυφές ἂν γὰρ
στῆ ἢ φανῆ οὐκέτι ἔσται ἥλιος· ἀλλ' ἄτοπον εἰ μή· ὁ γὰρ
ἥλιος οὐσίαν τινὰ σημαίνει· ἔτι ὅσα ἐπ' ἄλλου ἐνδέχεται
οἶον ἐὰν ἕτερος γέννηται τοιοῦτος δῆλον ὅτι ἥλιος ἔσται· καὶ
1040β νός ἄρα ὁ λόγος· ἀλλ' ἣν τῶν καθ' ἕκαστα ὁ ἥλιος ὥσπερ
Κλέων ἢ Σωκράτης· ἐπεὶ διὰ τί οὐδεὶς ὄρον ἐκφέρει αὐτῶν
ιδέας; γένοιτο γὰρ ἂν δῆλον πειρωμένων ὅτι ἀληθές τὸ
νῦν εἴρημένον

não existirá à parte das formas específicas; por outro lado, se o gênero for separado, também a diferença o será).

[1040a 21] Em seguida, devemos afirmar que são anteriores pelo ser: itens deste tipo não se destroem conjuntamente. Além do mais, se as Idéias se constituem de Idéias (pois são menos compostas aquelas de que outras se constituem), seria preciso que também os itens dos quais se constitui uma Idéia fossem predicados, ainda, de muitas coisas – por exemplo, o Animal e o Bípede. Caso contrário, como poderiam ser reconhecidos? Pois haveria, neste caso, uma Idéia que seria impossível predicar de mais de uma coisa. Mas isso não parece ser assim; antes, reputa-se que toda Idéia é participável.

[1040a 27] Assim, conforme foi dito, passa despercebido que é impossível definir, no caso dos eternos, sobretudo no caso daqueles que são únicos, por exemplo, o sol ou a lua. De fato, cometem enganos não apenas por acrescentar características tais que, se forem eliminadas, ainda continuará sendo sol, por exemplo, “o que circunda a Terra” ou “o que se esconde à noite” (se parasse, ou se aparecesse [sc. à noite], não mais seria sol; mas seria absurdo se não o fosse, pois o sol designa uma essência); além do mais, cometem enganos por acrescentar características que cabem a outra coisa; isto é: se uma outra coisa viesse a ser de tal e tal qualidade, é evidente que ela seria sol, pois a definição de ambos seria comum; no entanto, o sol fora assumido entre os particulares, como Cleonte ou Sócrates.

[1040b 2] Por que nenhum deles propõe definição de alguma Idéia? Pois, se eles o tentassem, tornar-se-ia evidente que é verdade o que agora foi dito.

16. Φανερόν δὲ ὅτι καὶ τῶν δοκουσῶν εἶναι οὐσιῶν αἰ πλεῖσται δυνάμεις εἰσὶ τὰ τε μέρη τῶν ζῴων οὐθὲν γὰρ κεχωρισμένον αὐτῶν ἐστίν· ὅταν δὲ χωρισθῇ καὶ τότε ὄντα ὡς ὕλη πάντα καὶ γῆ καὶ πῦρ καὶ ἀήρ· οὐδὲν γὰρ αὐτῶν ἐν ἐστίν· ἀλλ' οἶον σωρός· πρὶν ἢ πεφθῆ καὶ γένηται τι
- 10 ἔξ αὐτῶν ἐν μάλιστα δ' ἂν τις τὰ τῶν ἐμφύχων ὑπολάβοι μέρη καὶ τὰ τῆς ψυχῆς πάρεργως ἄμφω γίνεσθαι ὄντα καὶ ἐντελεχεῖα καὶ δυνάμει τῆ ἀρχῆς ἔχει κινήσεως ἀπὸ τινος ἐν ταῖς καμπαῖς· διὸ ἕνια ζῶα διαρούμενα ζῆ ἀλλ' ὅμως δυνάμει πάντ' ἐστὶ ὅταν ἦ ἐν καὶ συνεχὲς φύσει ἀλλὰ μὴ βία ἢ συμφύσει· τὸ γὰρ τοιοῦτον πῆρωσις ἐπεὶ δὲ τὸ ἐν λέγεται ὡς περ καὶ τὸ ὄν καὶ ἡ οὐσία ἢ τοῦ ἐνὸς μία καὶ ὄν μία ἀριθμῶ ἐν ἀριθμῶ φανερόν ὅτι οὔτε τὸ ἐν οὔτε τὸ ὄν ἐνδέχεται οὐσίαν εἶναι τῶν πραγμάτων ὡς περ οὐδὲ τὸ στοιχεῖον εἶναι ἢ ἀρχῆ· ἀλλὰ
- 20 ζητοῦμεν τίς οὖν ἡ ἀρχὴ ἵνα εἰς γνωριμώτερον ἀναγάγωμεν μᾶλλον μὲν οὖν τούτων οὐσία τὸ ὄν καὶ ἐν ἢ ἢ τε ἀρχὴ καὶ τὸ στοιχεῖον καὶ τὸ αἴτιον οὕτω δὲ οὐδὲ ταῦτα εἴπερ μὴδ' ἄλλο κοινὸν μὴδὲν οὐσία· οὐδενὶ γὰρ ὑπάρχει ἢ οὐσία ἀλλ' ἢ αὐτῇ τε καὶ τῆ ἔχοντι αὐτήν οὐδ' ἐστὶν οὐσία ἔτι τὸ ἐν πολλαχῇ οὐκ ἂν εἴη ἅμα τὸ δὲ κοινὸν ἅμα πολλαχῇ ὑπάρχει· ὥστε δῆλον ὅτι οὐδὲν τῶν καθόλου

Capítulo 16

[1040b 5] É evidente também que, entre as essências que assim são admitidas, a maioria são capacidades: as partes dos animais (de fato, nenhuma delas continua existindo, ao ser separada, e, quando se separam, todas elas são como matéria), assim como terra, fogo e ar; de fato, nenhuma dessas coisas é algo uno, a não ser como agregado, antes que surja ou seja gerado a partir delas algo uno.

[1040b 10] Seria mais plausível considerar que as partes dos seres animados e as partes próximas da alma viriam a ser ambas as coisas – entes em efetividade e em potência –, por possuírem princípios de movimento a partir de algo em suas articulações; por isso, alguns animais, ao serem divididos, continuam a viver. Não obstante, todas elas hão de ser em potência, se forem algo uno e contínuo por natureza, não por força ou por justaposição (pois deste tipo é a qualidade de ser coxo).

[1040b 16] Visto que o um se diz tal como o ente, e visto que a essência de uma coisa é uma, isto é, são numericamente uma aquelas coisas cuja essência é numericamente uma, é evidente que não é possível que o um, ou o ente, sejam essência das coisas, assim como tampouco o *ser elemento* ou *ser princípio*. Ora, procuramos qual é porventura o princípio, a fim de que nos reportemos a algo mais familiar. Assim, entre estes itens, seriam mais essência o ente e o uno, mais do que o princípio, o elemento e a causa; mas nem sequer aqueles são essência, dado que, precisamente, nenhum outro item comum é essência, pois a essência não se atribui senão a si mesma e àquilo que a possui, àquilo de que é essência.

[1040b 25] Além do mais, o um não poderia estar em diversos lugares ao mesmo tempo, mas aquilo que é comum encontra-se em diversos lugares ao mesmo tempo. Por conseguinte, é evidente que nenhum universal se dá separadamente

ὑπάρχει παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα χωρὶς ἄλλ' οἱ τὰ εἶδη
λέγοντες τῇ μὲν ὀρθῶς λέγουσι χωρίζοντες αὐτά· εἶπερ
οὐσίαι εἰσὶ τῇ δ' οὐκ ὀρθῶς ὅτι τὸ ἐν ἐπὶ πολλῶν εἶδος
30 λέγουσιν αἴτιον δ' ὅτι οὐκ ἔχουσιν ἀποδοῦναι τίνες αἰ
τοιαῦται οὐσίαι αἱ ἀφθαρτοὶ παρὰ τὰς καθ' ἕκαστα καὶ
αἰσθητάς· ποιοῦσιν οὖν τὰς αὐτὰς τῇ εἰδει τοῖς φθαρτοῖς
ταύτας γὰρ ἴσμεν αὐτοάνθρωπον καὶ αὐτόϊππον προστι
θέντες τοῖς αἰσθητοῖς τὸ ῥῆμα τὸ αὐτό· καίτοι κὰν εἰ μὴ
1041α ἐωράκειμεν τὰ ἄστρα οὐδὲν ἂν ἤττον οἶμαι ἦσαν οὐσίαι
αἰῖδοι παρ' ἃς ἡμεῖς ἤδειμεν· ὥστε καὶ νῦν εἰ μὴ ἔχομεν
τίνες εἰσὶν ἄλλ' εἶναι γέ τινας ἴσως ἀναγκαῖον ὅτι μὲν
οὖν οὔτε τῶν καθόλου λεγομένων οὐδὲν οὐσία οὔτ' ἐστὶν οὐσία
οὐδεμία ἐξ οὐσιῶν δῆλον

17. Τί δὲ χρὴ λέγειν καὶ ὁποῖόν τι τὴν οὐσίαν· πάλιν
ἄλλην οἶον ἀρχὴν ποιησάμενοι λέγωμεν· ἴσως γὰρ ἐκ τού
των ἔσται δῆλον καὶ περὶ ἐκείνης τῆς οὐσίας ἣτις ἐστὶ κεχω
ρισμένη τῶν αἰσθητῶν οὐσιῶν· ἐπεὶ οὖν ἡ οὐσία ἀρχὴ καὶ
10 αἰτία τις ἐστὶν ἐντεῦθεν μετιτέον ζητεῖται δὲ τὸ διὰ τί
ἀεὶ οὕτως διὰ τί ἄλλο ἄλλῃ τινὶ ὑπάρχει τὸ γὰρ ζη
τεῖν διὰ τί ὁ μουσικὸς ἄνθρωπος μουσικὸς ἄνθρωπός ἐστιν
ἦτοι ἐστὶ τὸ εἰρημένον ζητεῖν διὰ τί ὁ ἄνθρωπος μουσικὸς

à parte dos particulares. Contudo, de certo modo aqueles que propõem as Formas pronunciam-se corretamente ao separá-las, se, de fato, são essências, mas, por outro lado, não pronunciam-se corretamente, porque afirmam que é Forma o “um sobre muitos”.

[1040b 30] A causa disso é que não conseguem explicar quais seriam as essências desse tipo, incorruptíveis, à parte das essências particulares e sensíveis; eles as fazem especificamente idênticas às corruptíveis (pois são estas as que conhecemos) – Homem em si e Cavalos em si –, acrescentando às coisas sensíveis a expressão “em-si”. No entanto, mesmo se jamais tivéssemos visto os astros, eles não menos (julgo) seriam essências eternas à parte das que nós já conhecíamos. Por conseguinte, mesmo agora, se ainda não apreendemos quais são, ao menos haver algumas é, certamente, necessário.

[1041a 3] Portanto, é evidente que, entre as coisas que se chamam “universais”, nenhuma é essência, e que não há nenhuma essência constituída de essências.

Capítulo 17

[1041a 6] O que é preciso dizer que a essência é (e de que qualidade ela é), enunciemo-lo mais uma vez, assumindo como que um outro princípio; com efeito, talvez a partir disso será evidente também a respeito da essência que é separada das essências sensíveis.

[1041a 9] Ora, dado que a essência é certo princípio e causa, é a partir do seguinte que se deve examinar. Procura-se o “*por que*” sempre do seguinte modo: por que uma coisa se atribui a outra? Pois investigar por que o homem musical é homem musical, ou é investigar do modo mencionado – por que o homem é musical –, ou outra coisa.

ἐστὶν ἢ ἄλλο τὸ μὲν οὖν διὰ τί αὐτό ἐστὶν αὐτό οὐδὲν ἐστὶ
ζητεῖν δεῖ γὰρ τὸ ὅτι καὶ τὸ εἶναι ὑπάρχειν δῆλα ὄντα
λέγω δ' οἷον ὅτι ἡ σελήνη ἐκλείπει αὐτὸ δὲ ὅτι αὐτό
εἷς λόγος καὶ μία αἰτία ἐπὶ πάντων διὰ τί ὁ ἄνθρωπος
ἄνθρωπος ἢ ὁ μουσικὸς μουσικὸς πλὴν εἴ τις λέγοι ὅτι ἀδιαί
ρετον πρὸς αὐτὸ ἕκαστον τοῦτο δ' ἦν τὸ ἐνὶ εἶναι· ἀλλὰ τοῦτο
20 κοινὸν γε κατὰ πάντων καὶ σύντομον· ζητήσῃε δ' ἂν τις
διὰ τί ἄνθρωπός ἐστι ζῆλον τοιοῦδ'· τοῦτο μὲν τοίνυν
δῆλον ὅτι οὐ ζητεῖ διὰ τί ὅς ἐστιν ἄνθρωπος ἄνθρωπός ἐστιν·
τί ἄρα κατὰ τίνος ζητεῖ διὰ τί ὑπάρχει ὅτι δ' ὑπάρχει
δεῖ δῆλον εἶναι· εἰ γὰρ μὴ οὕτως οὐδὲν ζητεῖ οἷον διὰ τί
βροντᾷ; διὰ τί ψόφος γίγνεται ἐν τοῖς νέφεσιν; ἄλλο γὰρ
οὕτω κατ' ἄλλου ἐστὶ τὸ ζητούμενον καὶ διὰ τί ταδί οἷον
πλίνθοι καὶ λίθοι οἰκία ἐστίν; φανερόν τοίνυν ὅτι ζητεῖ τὸ
αἴτιον (τοῦτο δ' ἐστὶ τὸ τί ἦν εἶναι ὡς εἰπεῖν λογικῶς) ὃ
ἐπ' ἐνίων μὲν ἐστὶ τίνος ἕνεκα οἷον ἴσως ἐπ' οἰκίας ἢ κλί
30 νης ἐπ' ἐνίων δὲ τί ἐκίνησε πρῶτον· αἴτιον γὰρ καὶ τοῦτο
ἀλλὰ τὸ μὲν τοιοῦτον αἴτιον ἐπὶ τοῦ γίγνεσθαι ζητεῖται καὶ
φθείρεσθαι θάτερον δὲ καὶ ἐπὶ τοῦ εἶναι λανθάνει δὲ μά
λιστα τὸ ζητούμενον ἐν τοῖς μὴ κατ' ἀλλήλων λεγομένοις
1041β οἷον ἄνθρωπος τί ἐστὶ ζητεῖται διὰ τὸ ἀπλῶς λέγεσθαι
ἀλλὰ μὴ διορίζειν ὅτι τάδε τόδε ἀλλὰ δεῖ διαρρηθῆ
σαντας ζητεῖν· εἰ δὲ μὴ κοινὸν τοῦ μὴθὲν ζητεῖν καὶ τοῦ

[1041a 14] Assim, investigar por que uma coisa é ela mesma consiste em nada investigar (de fato, é preciso que se apresentem como já evidentes o “*que*” e o “*ser o caso*” – por exemplo: “*que a lua sofre eclipse*” –, mas, que a própria coisa é ela mesma, é o mesmo argumento e uma única causa para todos os casos: “*por que o homem é homem*”, ou “*por que o musical é musical*” – a não ser que alguém afirme que cada coisa é indivisível consigo mesma, e que isso seria o *ser para o Um*; mas isso é sucinto e comum a todos os casos). Por outro lado, é plausível que alguém investigue por que o homem é um animal deste tipo. Isto, então, é evidente, a saber: ele não investiga por que é homem aquele que é homem; ele investiga, portanto, *algo a respeito de algo* – por que algo é atribuído a algo (mas é preciso que esteja evidente que é atribuído, pois, se não for assim, não se investiga nada). Por exemplo: por que troveja? Por que ocorre estrondo nas nuvens? De fato, aquilo que está sob investigação é algo que assim se afirma a respeito de outra coisa. E por que estas coisas aqui, isto é, tijolos e pedras, são uma casa?

[1041a 27] Pois bem: é evidente que se investiga a causa – e esta é “aquilo que o ser é” (de um ponto de vista lógico) – a qual, em alguns casos, é “*em vista de quê?*”, como, seguramente, a respeito de casa ou cama, mas, em outros casos, é “o *que* moveu inicialmente?”, pois também isso é causa. Não obstante, este tipo de causa investiga-se a respeito do vir a ser e corromper-se, ao passo que aquela outra se investiga também a respeito do ser.

[1041a 32] Passa despercebido o que se propõe para a investigação sobretudo no caso dos itens em que não se atribui um a outro. Por exemplo: investiga-se o que é o homem porque tal termo é dito como algo simples, mas não delimita que *tais e tais coisas são isto*. Não obstante, é preciso investigá-lo após desarticulá-lo: caso contrário, sucederia algo comum entre investigar algo e nada investigar.

ζητεῖν τι γίγνεται ἐπεὶ δὲ δεῖ ἔχειν τε καὶ ὑπάρχειν τὸ εἶναι δῆλον δὴ ὅτι τὴν ὕλην ζητεῖ διὰ τί τί ἐστίν· οἶον οἰκία ταδὶ διὰ τί; ὅτι ὑπάρχει ὃ ἦν οἰκία εἶναι καὶ ἂν θρωπος τοδὶ ἢ τὸ σῶμα τοῦτο τοδὶ ἔχον ὥστε τὸ αἷτιον ζητεῖται τῆς ὕλης τοῦτο δ' ἐστὶ τὸ εἶδος ἢ τί ἐστίν· τοῦτο δ' ἢ οὐσία φανερόν τοίνυν ὅτι ἐπὶ τῶν ἀπλῶν οὐκ ἔστι ζήτησις οὐδὲ διδαξις ἀλλ' ἕτερος τρόπος τῆς ζητήσεως τῶν τοιούτων ἐπεὶ δὲ τὸ ἐκ τίνος σύνθετον οὕτως ὥστε ἐν εἶναι τὸ πᾶν ἀλλὰ μὴ ὡς σωρὸς ἀλλ' ὡς ἡ συλλαβὴ ἢ δὲ συλλαβὴ οὐκ ἔστι τὰ στοιχεῖα οὐδὲ τὸ βα ταὐτὸ τῆ β καὶ α οὐδ' ἢ σὰρξ πῦρ καὶ γῆ διαλυθέντων γὰρ τὰ μὲν οὐκέτι ἐστίν οἶον ἢ σὰρξ καὶ ἢ συλλαβὴ τὰ δὲ στοιχεῖα ἐστὶ καὶ τὸ πῦρ καὶ ἢ γῆ· ἐστὶν ἄρα τι ἢ συλλαβὴ οὐ μόνον τὰ στοιχεῖα τὸ φωνῆεν καὶ ἄφωνον ἀλλὰ καὶ ἕτερόν τι καὶ ἢ σὰρξ οὐ μόνον πῦρ καὶ γῆ ἢ τὸ θερμὸν καὶ ψυχρὸν ἀλλὰ καὶ ἕτερόν τι εἰ τοίνυν ἀνάγκη κάκεῖνο ἢ στοιχεῖον

10 ἢ ἐκ στοιχείων εἶναι εἰ μὲν στοιχεῖον πάλιν ὁ αὐτὸς ἔσται λόγος ἐκ τούτου γὰρ καὶ πυρὸς καὶ γῆς ἔσται ἢ σὰρξ καὶ ἔτι ἄλλου ὥστ' εἰς ἄπειρον βαδιεῖται· εἰ δὲ ἐκ στοιχείου δῆλον ὅτι οὐχ ἑνὸς ἀλλὰ πλείονων ἢ ἐκεῖνο αὐτὸ ἔσται ὥστε πάλιν ἐπὶ τούτου τὸν αὐτὸν ἐροῦμεν λόγον καὶ ἐπὶ τῆς σαρκὸς ἢ συλλαβῆς δόξειε δ' ἂν εἶναι τί τοῦτο καὶ οὐ στοιχεῖον καὶ αἷτιόν γε τοῦ εἶναι τοδὶ μὲν σάρκα τοδὶ δὲ συλλαβήν· ὁμοίως δὲ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων οὐσία δὲ ἐκάστου

E, visto que é preciso apreender que é o caso, isto é, que isto já esteja dado, é evidente que se investiga por que a matéria é tal e tal coisa. Por exemplo, por que são uma casa estas coisas aqui? Porque lhes ocorre aquilo *que o ser para a casa é*. E por que isto aqui é homem, ou por que é homem este corpo que tem tal e tal característica? Por conseguinte, o que se investiga é a causa da matéria (e essa é a forma), pela qual ela é tal e tal coisa: e essa causa é a essência.

[1041b 9] É evidente, então, que, no caso dos entes simples, não há investigação, nem ensino, mas é diverso o modo de investigação no caso deles.

[1041b 11] Visto que o que é composto de algo de modo que o todo seja uno, não como agregado, mas como a sílaba – e a sílaba não são as letras, isto é, o BA não é idêntico ao B+A, nem a carne é fogo e terra (pois, quando estes itens se desagregam entre si, não mais são o caso a carne e a sílaba, mas as letras continuam a ser, assim como o fogo e a terra); ora, a sílaba é algo mais, não apenas as letras (a vogal e a consoante), mas também algo distinto, assim como a carne não é apenas fogo e terra, ou o quente e o frio, mas também algo distinto. Pois bem: se fosse necessário que este último também fosse elemento ou constituído de elementos, no primeiro caso, se fosse elemento, sucederia de novo o mesmo argumento (de fato, a carne seria constituída deste elemento, de fogo, terra e, ainda, de algum outro, de modo que se prosseguiria ao infinito); por outro lado, se ele fosse constituído de elementos, é evidente que não seria constituído de um só, mas de mais de um (caso contrário, ele seria o próprio elemento), de modo que, neste caso, afirmaríamos de novo o mesmo argumento a respeito da carne e da sílaba. Mas parece que tal coisa é algo mais e não é elemento, e é precisamente causa de que isto aqui seja carne (assim como causa de que isto aqui seja sílaba, e semelhantemente também nos outros casos).

μὲν τοῦτο τοῦτο γὰρ αἴτιον πρῶτον τοῦ εἶναι ἐπεὶ δ' ἓνα
οὐκ οὐσίαι τῶν πραγμάτων ἀλλ' ὅσαι οὐσίαι κατὰ φύσιν
30 καὶ φύσει συνεστήκασιν φανείη ἂν καὶ αὕτη ἢ φύσις οὐσία
ἢ ἐστὶν οὐ στοιχεῖον ἀλλ' ἀρχή· στοιχεῖον δ' ἐστὶν εἰς ὃ
διαιρεῖται ἐνυπάρχον ὡς ὕλην οἶον τῆς συλλαβῆς τὸ α
καὶ τὸ β

[1041b 27] E é isso que é a essência de cada coisa (pois é isso que é a causa primeira do ser) – mas, dado que, entre as coisas, umas não são essências, ao passo que todas as que são essências se constituem conforme à natureza e por natureza, torna-se claro que é essência a natureza deste tipo, a que não é elemento, mas sim princípio – elemento é aquilo em que algo se divide, inerente como matéria, por exemplo, da sílaba, o A e o B.

ΤΩΝ ΜΕΤΑ ΤΑ ΦΥΣΙΚΑ

Η

- 1042a 3 Ἐκ δὴ τῶν εἰρημένων συλλογίσασθαι δεῖ καὶ συνα-
γαγόντας τὸ κεφάλαιον τέλος ἐπιθεῖναι εἴρηται δὴ ὅτι
τῶν οὐσιῶν ζητεῖται τὰ αἷτια καὶ αἱ ἀρχαὶ καὶ τὰ στοι-
χεῖα οὐσίαι δὲ αἱ μὲν ὁμολογούμεναι εἰσιν ὑπὸ πάντων
περὶ δὲ ἐνίων ἰδίᾳ τινὲς ἀπεφήναντο ὁμολογούμεναι μὲν
αἱ φυσικαὶ οἷον πῦρ γῆ ὕδωρ ἀήρ καὶ τᾶλλα τὰ ἀπλᾶ
σώματα ἔπειτα τὰ φυτὰ καὶ τὰ μέρια αὐτῶν καὶ τὰ
10 ζῷα καὶ τὰ μέρια τῶν ζῶων καὶ τέλος ὁ οὐρανὸς καὶ τὰ
μέρια τοῦ οὐρανοῦ ἰδίᾳ δὲ τινες οὐσίας λέγουσιν εἶναι τὰ τ
εἶδη καὶ τὰ μαθηματικά ἄλλας δὲ δὴ συμβαίνει ἐκ τῶν
λόγων οὐσίας εἶναι τὸ τί ἦν εἶναι καὶ τὸ ὑποκείμενον ἔτι
ἄλλως τὸ γένος μᾶλλον τῶν εἰδῶν καὶ τὸ καθόλου τῶν
καθ' ἕκαστα· τῷ δὲ καθόλου καὶ τῷ γένει καὶ αἱ ἰδέαι
συνάπτουσιν κατὰ τὸν αὐτὸν γὰρ λόγον οὐσίαι δοκοῦσιν εἶναι

ARISTÓTELES

Metafísica

Livro VIII (Heta)

Capítulo 1

[1042a 3] É preciso tirar as conclusões do que foi dito e, concentrando o principal, propor um arremate. Ora, foi dito que se procuram as causas, os princípios e os elementos das essências. Algumas essências são admitidas por todos, mas, a respeito de outras, alguns pronunciaram-se de maneira peculiar; são consensualmente admitidas as naturais, como fogo, terra, água, ar e os demais corpos simples, e, em seguida, as plantas e suas partes, bem como os animais e as partes dos animais, e, enfim, o céu e as partes do céu; por outro lado, alguns, de maneira peculiar, afirmam ser essências as Formas e os entes matemáticos.

[1042a 12] Mas, das discussões, resulta que há outras essências: o “aquilo que o ser é” e o subjacente, e, de uma outra maneira, mais o gênero do que as formas específicas, e o universal mais do que os particulares; e ao universal e ao gênero também as Idéias encontram-se atadas (pois é pelo mesmo argumento que se reputa serem essências).

ἐπεὶ δὲ τὸ τί ἦν εἶναι οὐσία· τούτου δὲ λόγος ὁ ὀρισμὸς διὰ
τοῦτο περὶ ὀρισμοῦ καὶ περὶ τοῦ καθ' αὐτὸ διώρισται· ἐπεὶ δὲ
ὁ ὀρισμὸς λόγος· ὁ δὲ λόγος μέρη ἔχει· ἀναγκαῖον καὶ
20 περὶ μέρους ἦν ἰδεῖν· ποῖα τῆς οὐσίας μέρη καὶ ποῖα οὐ· καὶ
εἰ ταῦτα καὶ τοῦ ὀρισμοῦ ἔτι τοίνυν οὔτε τὸ καθόλου οὐσία
οὔτε τὸ γένος· περὶ δὲ τῶν ἰδεῶν καὶ τῶν μαθηματικῶν
ὑπερὸν σκεπτέον· παρὰ γὰρ τὰς αἰσθητὰς οὐσίας ταύτας
λέγουσιν τινες εἶναι· νῦν δὲ περὶ τῶν ὁμολογουμένων οὐσιῶν
ἐπέλθωμεν· αἷται δ' εἰσὶν αἰ αἰσθηταί· αἰ δ' αἰσθηταὶ
οὐσίαι πᾶσαι ὕλην ἔχουσιν· ἔστι δ' οὐσία τὸ ὑποκείμενον
ἄλλως μὲν ἢ ὕλη· ὕλην δὲ λέγω ἢ μὴ· τότε τι οὐσα
ἐνεργεῖα δυνάμει ἔστι· τότε τι ἄλλως δ' ὁ λόγος καὶ ἡ
μορφή· ὁ τότε τι ὄν τῆι λόγῳ χωριστόν ἔστιν· τρίτον δὲ τὸ
30 ἐκ τούτων· οὐ γένεσις μόνου καὶ φθορά· ἔστι καὶ χωριστόν
ἀπλῶς· τῶν γὰρ κατὰ τὸν λόγον οὐσιῶν αἰ μὲν αἰ δ' οὐ
ὅτι δ' ἔστιν οὐσία καὶ ἢ ὕλη· δηλόν· ἐν πάσαις γὰρ ταῖς
ἀντικειμέναις μεταβολαῖς ἔστι τι τὸ ὑποκείμενον ταῖς μετα
βολαῖς· οἷον κατὰ τόπον τὸ νῦν μὲν ἐνταῦθα· πάλιν δ'
ἄλλοθι· καὶ κατ' αὔξησιν ὁ νῦν μὲν τηλικόνδε· πάλιν δ'
ἔλαττον ἢ μείζον· καὶ κατ' ἀλλοίωσιν ὁ νῦν μὲν ὑγιές
1042β πάλιν δὲ κάμνον· ὁμοίως δὲ καὶ κατ' οὐσίαν ὁ νῦν μὲν ἐν
γενέσει· πάλιν δ' ἐν φθορᾷ· καὶ νῦν μὲν ὑποκείμενον ὡς
τότε τι· πάλιν δ' ὑποκείμενον ὡς κατὰ στέρησιν· καὶ ἀκο
λουθοῦσι δὴ ταύτῃ αἰ ἄλλαι μεταβολαί· τῶν δ' ἄλλων ἢ
μῖα ἢ δυοῖν αὕτη οὐκ ἀκολουθεῖ· οὐ γὰρ ἀνάγκη· εἴ τι

[1042a 17] Visto que “aquilo que o ser é” é essência, e que o enunciado dele é a definição, por isso delimitou-se a respeito da definição e do “em si mesmo”; e, visto que a definição é um enunciado, e que um enunciado comporta partes, foi necessário examinar também a respeito da parte – quais são partes da essência e quais não são, e se aquelas são também partes da definição.

[1042a 21] Além do mais, nem o universal é essência, nem o gênero; e, a respeito das Idéias e entes matemáticos, deve-se examinar depois, dado que alguns afirmam haver tais essências, à parte das sensíveis.

[1042a 24] Agora, porém, voltemos para as essências consensualmente admitidas. Estas são as sensíveis; e as essências sensíveis, todas elas, comportam matéria. É essência o subjacente, de um modo, a matéria (falo da matéria que, não sendo *um certo isto* efetivamente, é em potência *um certo isto*), de outro modo, a definição e a forma (a qual, sendo *um certo isto*, é logicamente separável); em terceiro lugar, o composto de ambas, do qual unicamente há geração e corrupção, e que é separado sem mais (pois, entre as essências que o são como definição, umas são separadas sem mais, ao passo que outras não).

[1042a 32] É evidente que também a matéria é essência: em todas as mudanças opostas, é algo determinado aquilo que subjaz às mudanças, por exemplo, na mudança de lugar, aquilo que agora está aqui, mas depois está num lugar diverso; nas mudanças de crescimento, aquilo que agora é de tal e tal tamanho, mas depois é menor ou maior; nas mudanças de alteração, aquilo que agora tem saúde, mas depois está doente; de maneira semelhante, também nas mudanças conforme à essência, aquilo que agora está em geração, mas depois está em corrupção, e aquilo que agora é subjacente como *um certo isto*, mas depois como que subjacente da privação. E acompanham esta última as demais mudanças, ao passo que ela própria não acompanha uma ou duas das outras; de fato, não é

ἕλην ἔχει τοπικὴν τοῦτο καὶ γεννητὴν καὶ φθαρτὴν ἔχειν
τίς μὲν οὖν διαφορὰ τοῦ ἀπλῶς γίγνεσθαι καὶ μὴ ἀπλῶς
ἐν τοῖς φυσικοῖς εἴρηται

2. Ἐπεὶ δ' ἡ μὲν ὡς ὑποκειμένη καὶ ὡς ἕλη οὐσία ὁμο
10 λογεῖται αὕτη δ' ἐστὶν ἡ δυνάμει λοιπὸν τὴν ὡς ἐνέργειαν
οὐσίαν τῶν αἰσθητῶν εἰπεῖν τίς ἐστὶν Δημόκριτος μὲν οὖν
τρεις διαφορὰς ἔοικεν οἰομένῳ εἶναι τὸ μὲν γὰρ ὑποκεί
μενον σῶμα τὴν ἕλην ἐν καὶ ταῦτόν διαφέρειν δὲ ἢ
ῥυσμῶ ὃ ἐστὶ σχῆμα ἢ τροπῇ ὃ ἐστὶ θέσις ἢ διαθιγῇ ὃ
ἐστὶ τάξις· φαίνονται δὲ πολλαὶ διαφοραὶ οὔσαι οἷον τὰ
μὲν συνθέσει λέγεται τῆς ἕλης ὥσπερ ὅσα κράσει καθά
περ μελίκρατον τὰ δὲ δεσμῶ οἷον φάκελος τὰ δὲ κόλλη
οἷον βιβλίον τὰ δὲ γόμφῳ οἷον κιβώτιον τὰ δὲ πλείοσι
τούτων τὰ δὲ θέσει οἷον οὐδὸς καὶ ὑπέρθυρον ταῦτα γὰρ
20 τῷ κείσθαι πῶς διαφέρει τὰ δὲ χρόνῳ οἷον δεῖπνον καὶ
ἄριστον τὰ δὲ τόπῳ οἷον τὰ πνεύματα· τὰ δὲ τοῖς τῶν
αἰσθητῶν πάθεσιν οἷον σκληρότητι καὶ μαλακότητι καὶ
πυκνότητι καὶ ἀραιότητι καὶ ξηρότητι καὶ ὑγρότητι καὶ
τὰ μὲν ἐνίοις τούτων τὰ δὲ πᾶσι τούτοις καὶ ἄλλως τὰ
μὲν ὑπεροχῇ τὰ δὲ ἐλλείψει ὥστε δῆλον ὅτι καὶ τὸ ἔστι
ποσαυταχῶς λέγεται· οὐδὸς γὰρ ἔστιν ὅτι οὕτως κείται καὶ
τὸ εἶναι τὸ οὕτως αὐτὸ κείσθαι σημαίνει καὶ τὸ κρύσταλ
λον εἶναι τὸ οὕτω πεπυκνωσθαι ἐνίων δὲ τὸ εἶναι καὶ

necessário que algo, por comportar matéria local, comporte também matéria generativa e corruptiva. Qual é a diferença entre vir a ser sem mais e vir a ser não sem mais, foi dito na *Física*.

Capítulo 2

[1042b 9] Dado que a essência enquanto subjacente e matéria é consensualmente admitida, e que esta essência é a em potência, resta afirmar qual é a essência das coisas sensíveis enquanto efetividade.

[1042b 11] Demócrito parece ter julgado haver três diferenças (pois afirma que o corpo subjacente, a matéria, é um único e o mesmo, mas que apresenta diferenças ou por arranjo, que é configuração, ou pelo modo, que é posição, ou por contato, que é ordem); entretanto, há, manifestamente, muitas diferenças – por exemplo, algumas coisas se dizem pela composição da matéria, como todas as que são por fusão, por exemplo, a hidromel; outras, por amarração, como, por exemplo, um facho; outras, por colagem, como um livro; outras, por encaixe, como uma banquetta; outras, por sua vez, por vários desses itens; outras, por posição, como limiar e portal (pois estes diferem entre si por estarem dispostos de certo modo); outras, pelo tempo, como almoço e jantar; outras, pelo lugar, como os ventos; outras, enfim, pelas afecções sensíveis, tais como dureza e moleza, densidade e rareza, secura e umidade; outras, por algumas dessas afecções e outras, por sua vez, por todas elas – e, em geral, umas por excedência e outras por falta.

[1042b 25] Por conseguinte, evidentemente também o “é” se afirma de tantos modos; de fato, um limiar é porque encontra-se assim disposto, e o “ser” significa “estar ele assim disposto”, bem como “ser gelo” significa “estar assim condensado”. Em alguns casos, o ser será definido, de fato, por todas essas diferenças,

πᾶσι τούτοις ὀρισθήσεται τῷ τὰ μὲν μεμιχθαι τὰ δὲ κε
30 κρᾶσθαι τὰ δὲ δεδέσθαι τὰ δὲ πεπυκνῶσθαι τὰ δὲ ταῖς
ἄλλαις διαφοραῖς κεκρησθαι ὡςπερ χεῖρ ἢ πούς λη
πτέα οὖν τὰ γένη τῶν διαφορῶν αὐται γὰρ ἀρχαὶ ἔσον
ται τοῦ εἶναι οἷον τὰ τῷ μᾶλλον καὶ ἥττον ἢ πυκνῷ καὶ
μανῷ καὶ τοῖς ἄλλοις τοῖς τοιούτοις· πάντα γὰρ ταῦτα
ὑπεροχῇ καὶ ἔλλειψίς ἐστιν εἰ δέ τι σχήματι ἢ λειότητι
καὶ τραχύτητι πάντα εὐθεῖ καὶ καμπύλῳ τοῖς δὲ τὸ
1043α εἶναι τὸ μεμιχθαι ἔσται ἀντικειμένως δὲ τὸ μὴ εἶναι
φανερὸν δὴ ἐκ τούτων ὅτι εἶπερ ἢ οὐσία αἰτία τοῦ εἶναι
ἕκαστον ὅτι ἐν τούτοις ζητητέον τί τὸ αἴτιον τοῦ εἶναι τούτων
ἕκαστον οὐσία μὲν οὖν οὐδὲν τούτων οὐδὲ συνδυαζόμενον ὅμως
δὲ τὸ ἀνάλογον ἐν ἐκάστῳ· καὶ ὡς ἐν ταῖς οὐσίαις τὸ τῆς
ὑλῆς κατηγορούμενον αὐτῇ ἢ ἐνέργεια, καὶ ἐν τοῖς ἄλλοις
ὀρισμοῖς μάλιστα οἷον εἰ οὐδὸν δέοι ὀρίσασθαι ξύλον ἢ
λίθον ὡδὶ κείμενον ἐροῦμεν καὶ οἰκίαν πλίνθους καὶ ξύλα ὡδὶ
κείμενα ἢ ἔτι καὶ τὸ οὐ ἔνεκα ἐπ' ἐνίων ἔστιν εἰ δὲ κρύσταλ
10 λον ὕδωρ πεπηγὸς ἢ πεπυκνωμένον ὡδί· συμφωνία δὲ ὀξέος
καὶ βαρέος μίξις τοιαδί· τὸν αὐτὸν δὲ τρόπον καὶ ἐπὶ τῶν
ἄλλων φανερόν δὴ ἐκ τούτων ὅτι ἢ ἐνέργεια ἄλλη ἄλλης
ὑλῆς καὶ ὁ λόγος· τῶν μὲν γὰρ ἢ σύνθεσις τῶν δ' ἢ μίξις

pelo fato de alguns itens estarem misturados, outros estarem fundidos, outros estarem atados, outros estarem condensados, outros se utilizarem das demais diferenças – por exemplo, mão ou pé.

[1042b 31] Assim, devemos buscar apreender os tipos das diferenças (pois elas serão os princípios do ser), por exemplo, algumas coisas são por mais e menos, ou pelo denso e pelo raro e outros itens desse tipo; de fato, todos esses itens são excedência e falta. E se algo é pela configuração, ou pela lisura e aspereza, todos são pelo retilíneo e pelo curvo. E, para algumas coisas, o ser será o estar misturado, e de maneira oposta será o não ser.

[1043a 2] Ora, por estas considerações, dado que a essência é causa do ser de cada coisa, é evidente que se deve procurar entre tais itens qual é a causa do ser de cada uma dessas coisas. E nenhuma delas é essência, nem sequer em combinação, mas, em cada uma, há algo análogo. E, tal como nas essências aquilo que se caracteriza a partir da matéria é a própria efetividade, também o é nas demais definições, sobretudo. Por exemplo: se for preciso definir limiar, diremos “madeira ou pedra disposta de tal e tal maneira”, e, se for preciso definir casa, diremos “tijolos e madeiras dispostos de tal e tal maneira” (ou, além do mais, em alguns casos há também o *em vista de que*); e, se for preciso definir gelo, diremos “água congelada ou condensada de tal e tal maneira”; e consonância é “tal e tal mistura de agudo e grave”; do mesmo modo também nos demais casos.

[1043a 12] Assim, por estas considerações, é evidente que a efetividade, isto é, a definição, é diversa para uma matéria respectivamente diversa: pois, de alguns, a efetividade é a composição, de outros, é a mistura, de outros, alguma outra entre as diferenças mencionadas.

τῶν δὲ ἄλλο τι τῶν εἰρημένων διὸ τῶν ὀριζομένων οἱ μὲν λέγοντες τί ἐστὶν οἰκία ὅτι λίθοι πλίνθοι ξύλα τὴν δυνάμει οἰκίαν λέγουσιν ἕλη γὰρ ταῦτα· οἱ δὲ ἀγγεῖον σκεπαστικὸν χρημάτων καὶ σωμάτων ἢ τι ἄλλο τοιοῦτον προτιθέντες τὴν ἐνέργειαν λέγουσιν· οἱ δ' ἄμφω ταῦτα συντιθέντες τὴν τρίτην καὶ τὴν ἐκ τούτων οὐσίαν ἔοικε γὰρ ὁ μὲν διὰ τῶν διαφορῶν λόγος τοῦ εἶδους καὶ τῆς ἐνεργείας εἶναι ὁ δ' ἐκ τῶν ἐνυπαρχόντων τῆς ἕλης μάλλον· ὁμοίως δὲ καὶ οἶους Ἀρχύτας ἀπεδέχετο ὅρους· τοῦ συνάμφω γὰρ εἰσιν οἶον τί ἐστὶ νηνεμία; ἡρεμία ἐν πλήθει ἀέρος· ἕλη μὲν γὰρ ὁ ἀήρ ἐνέργεια δὲ καὶ οὐσία ἢ ἡρεμία τί ἐστὶ γαλήνη; ὁμαλότης θαλάττης· τὸ μὲν ὑποκείμενον ὡς ἕλη ἢ θάλαττα ἢ δὲ ἐνέργεια καὶ ἢ μορφή ἢ ὁμαλότης φανερόν δὴ ἐκ τῶν εἰρημένων τίς ἢ αἰσθητὴ οὐσία ἐστὶ καὶ πῶς· ἢ μὲν γὰρ ὡς ἕλη ἢ δ' ὡς μορφή καὶ ἐνέργεια ἢ δὲ τρίτη ἢ ἐκ τούτων

3. Δεῖ δὲ μὴ ἀγνοεῖν ὅτι ἐνίοτε λαυθάνει πότερον σημαίνει τὸ ὄνομα τὴν σύνθετον οὐσίαν ἢ τὴν ἐνέργειαν καὶ τὴν μορφήν οἶον ἢ οἰκία πότερον σημείον τοῦ κοινοῦ ὅτι σκέπασμα ἐκ πλίνθων καὶ λίθων ὡδὶ κειμένων ἢ τῆς ἐνεργείας καὶ τοῦ εἶδους ὅτι σκέπασμα καὶ γραμμὴ πότερον δυὰς ἐν μήκει ἢ ὅτι δυὰς καὶ ζῆρον πότερον ψυχὴ ἐν σίματι ἢ ψυχὴ· αὕτη γὰρ οὐσία καὶ ἐνέργεια σίματός

[1043a 14] Por isso, entre os que propõem definições, aqueles que afirmam que a casa é “pedras, tijolos, madeiras” enunciam a casa em potência, pois estes itens são matéria; por sua vez, aqueles que propõem “abrigo protetor de bens e de corpos”, ou algo deste tipo, enunciam a efetividade; enfim, aqueles que compõem ambos estes enunciados enunciam a terceira, a essência que se constitui daquelas (pois afigura-se que a definição através das diferenças é da forma e da efetividade, ao passo que a definição a partir dos itens imanentes, é antes, da matéria); semelhantemente para as definições que Arquitas aceitava, pois elas são do conjunto. Por exemplo: o que é calma? Repouso em grande quantidade de ar; com efeito, o ar é matéria, ao passo que o repouso é efetividade e essência. O que é bonança? Uniformidade do mar; o subjacente como matéria é o mar, ao passo que a efetividade e a forma é a uniformidade.

[1043a 26] Assim, por estas considerações, é evidente o que é a essência sensível e como ela é. De fato, uma é como matéria, outra, como forma e efetividade, e a terceira é a que se constitui destas.

Capítulo 3

[1043a 29] É preciso não ignorar que, às vezes, passa despercebido se o nome designa a essência composta ou a efetividade e a forma, por exemplo, se “casa” é designador daquilo que é comum – a saber, abrigo constituído de tijolos e pedras dispostos de tal e tal maneira –, ou designador da efetividade e da forma, que é abrigo; e se “linha” é díade em comprimento, ou díade; e se “animal” é alma no corpo, ou alma (pois é ela que é essência e efetividade de certo tipo de corpo).

τινος εἴη δ' ἂν καὶ ἐπ' ἀμφοτέροις τὸ ζῆρον οὐχ ὡς ἐνὶ
λόγῳ λεγόμενον ἀλλ' ὡς πρὸς ἓν ἀλλὰ ταῦτα πρὸς μὲν
τι ἄλλο διαφέρει πρὸς δὲ τὴν ζήτησιν τῆς οὐσίας τῆς
1043β αἰσθητῆς οὐδέν· τὸ γὰρ τί ἦν εἶναι τῷ εἶδει καὶ τῇ ἐνεργείᾳ
ὑπάρχει ψυχῇ μὲν γὰρ καὶ ψυχῇ εἶναι ταυτόν
ἄνθρωπον δὲ καὶ ἄνθρωπος οὐ ταυτόν· εἰ μὴ καὶ ἡ ψυχὴ
ἄνθρωπος λεχθήσεται· οὕτω δὲ τινὶ μὲν τινὶ δ' οὐ οὐ φαί
νεται δὴ ζητοῦσιν ἢ συλλαβὴ ἐκ τῶν στοιχείων οὔσα καὶ
συνθέσεως οὐδ' ἡ οἰκία πλίνθοι τε καὶ σύνθεσις καὶ τοῦτο
ὀρθῶς· οὐ γὰρ ἐστὶν ἡ σύνθεσις οὐδ' ἡ μίξις ἐκ τούτων ὅν
ἐστὶ σύνθεσις ἢ μίξις ὁμοίως δὲ οὐδὲ τῶν ἄλλων οὐθέν
οἶον εἰ ὁ οὐδὸς θέσει οὐκ ἐκ τοῦ οὐδοῦ ἢ θέσις ἀλλὰ μάλλον
10 οὔτος ἐξ ἐκείνης οὐδὲ δὴ ὁ ἄνθρωπός ἐστι τὸ ζῆρον καὶ δί
πουν ἀλλὰ τι δεῖ εἶναι ὃ παρὰ ταῦτά ἐστιν· εἰ ταῦθ' ἕλη
οὔτε δὲ στοιχεῖον οὔτ' ἐκ στοιχείου ἀλλ' ἡ οὐσία· ὃ ἐξαιροῦντες
τὴν ἕλην λέγουσιν· εἰ οὖν τοῦτ' αἴτιον τοῦ εἶναι καὶ οὐσία
τοῦτο αὐτὴν ἂν τὴν οὐσίαν οὐ λέγοιεν ἀνάγκη δὴ ταύτην ἢ
αἰδῖον εἶναι ἢ φθαρτὴν ἄνευ τοῦ φθείρεσθαι καὶ γεγονέναι
ἄνευ τοῦ γίγνεσθαι· δέδεικται δὲ καὶ δεδήλωται ἐν ἄλλοις
ὅτι τὸ εἶδος οὐθεὶς ποιεῖ οὐδὲ γεννᾷ ἀλλὰ ποιεῖται τόδε
γίγνεται δὲ τὸ ἐκ τούτων· εἰ δ' εἰσὶ τῶν φθαρτῶν αἱ οὐσίαι
χωρισταί· οὐδέν πω δῆλον· πλὴν ὅτι γ' ἐνίων οὐκ ἐνδέχεται
20 δῆλον ὅσα μὴ οἶον τε παρὰ τὰ τινὰ εἶναι οἶον οἰκίαν ἢ

[1043a 36] É plausível que “animal” aplique-se a ambas as coisas, não enquanto definido por uma única definição, mas, antes, tomado em relação a algo único. Mas isto faz diferença para outro assunto; para a investigação da essência sensível, porém, não faz nenhuma diferença, pois “aquilo que o ser é” encontra-se na forma e na efetividade. De fato, a alma e o *ser para a alma* são idênticos, ao passo que não são idênticos o *ser para o homem* e homem, a não ser que também a alma possa ser dita homem; é assim em alguns casos, mas, em outros, não.

[1043b 4] É certo que a sílaba, para quem a examina, não se manifesta como constituída das letras e de composição; e a casa não é tijolos e composição. E isso é correto, pois a composição não resulta daqueles itens de que é composição (tampouco a mistura resulta daqueles itens de que é mistura). Semelhantemente, tampouco nenhum dos outros casos. Por exemplo: se o limiar se dá por posição, não é a partir do limiar que resulta a posição, mas, antes, é aquele que resulta desta. Assim, tampouco o homem é “animal e bípede”, mas, antes, é preciso haver algo que seja à parte deles, se eles são matéria, algo que não seja nem elemento, nem constituído de elementos, mas que seja a essência, por eliminação da qual enunciam a matéria. Se, então, isto é causa do ser, e se é a essência que é tal coisa, eles não podem enunciar a própria essência!

[1043a 14] (É necessário que esta seja ou eterna, ou corruptível sem passar por processo de corrupção, e que se torne dada sem processo de vir a ser. Foi provado e elucidado alhures que ninguém produz ou gera a forma, antes, se produz *isto*, e que é o composto delas que é suscetível de vir a ser. Mas, se as essências das coisas corruptíveis são separáveis, ainda não está claro; não obstante, é evidente que isso não é possível ao menos em alguns casos – para todas as coisas que não podem ser à parte dos *alguns*, por exemplo, casa e equipamento.

σκεῦος ἴσως μὲν οὖν οὐδ' οὐσίαι εἰσὶν οὐτ' αὐτὰ ταῦτα οὐτε
τι τῶν ἄλλων ὅσα μὴ φύσει συνέστηκεν· τὴν γὰρ φύσιν
μόνην ἂν τις θείη τὴν ἐν τοῖς φθαρτοῖς οὐσίαι· ὥστε ἢ
ἀπορία ἦν οἱ Ἀντισθένειοι καὶ οἱ οὕτως ἀπαιδευτοὶ ἠπόρου
ἔχει τινὰ καιρὸν ὅτι οὐκ ἔστι τὸ τί ἔστιν ὀρίσασθαι τὸν
γὰρ ὄρον λόγον εἶναι μακρόν· ἀλλὰ ποῖον μὲν τί ἔστιν
ἐνδέχεται καὶ διδάξαι ὥσπερ ἄργυρον τί μὲν ἔστιν οὐ
ὅτι δ' οἶον καττίτερος· ὥστ' οὐσίας ἔστι μὲν ἢς ἐνδέχεται
εἶναι ὄρον καὶ λόγον οἶον τῆς συνθέτου ἕαν τε αἰσθητῆ
30 ἕαν τε νοητῆ ἢ· ἐξ ὧν δ' αὕτη πρώτων οὐκέτι εἴπερ τί
κατὰ τινὸς σημαίνει ὁ λόγος ὁ ὀριστικὸς καὶ δεῖ τὸ μὲν
ὥσπερ ἕλην εἶναι τὸ δὲ ὡς μορφὴν φανερόν δὲ καὶ
διότι εἴπερ εἰσὶ πῶς ἀριθμοὶ αἱ οὐσίαι οὕτως εἰσὶ καὶ οὐχ
ὥς τινες λέγουσι μονάδων· ὅ τε γὰρ ὀρισμὸς ἀριθμὸς τις·
διαιρετός τε γὰρ καὶ εἰς ἀδιαίρετα οὐ γὰρ ἄπειροί οἱ
λόγοι καὶ ὁ ἀριθμὸς δὲ τοιοῦτον καὶ ὥσπερ οὐδ' ἀπ
ἀριθμοῦ ἀφαιρεθέντος τινὸς ἢ προστεθέντος ἐξ ὧν ὁ ἀριθμὸς
ἔστιν οὐκέτι ὁ αὐτὸς ἀριθμὸς ἔστιν ἀλλ' ἕτερος κὰν τοῦλά
1044α χιστον ἀφαιρεθῆ ἢ προστεθῆ οὕτως οὐδὲ ὁ ὀρισμὸς οὐδὲ τὸ τί
ἦν εἶναι οὐκέτι ἔσται ἀφαιρεθέντος τινὸς ἢ προστεθέντος καὶ
τὸν ἀριθμὸν δεῖ εἶναι τι ἢ εἷς ὃ νῦν οὐκ ἔχουσι λέγειν τίνι
εἷς εἴπερ ἔστιν εἷς ἢ γὰρ οὐκ ἔστιν ἀλλ' οἶον σωρός ἢ
εἴπερ ἐστὶ λεκτέον τί τὸ ποιῶν ἐν ἑκ πολλῶν· καὶ ὁ ὀρι

Na verdade, estas coisas mesmas nem são essências, assim como nenhuma outra que não seja constituída por natureza; pois, entre os entes corruptíveis, é plausível que se considere apenas a natureza como essência).

[1043b 23] Por conseguinte, tem algum acerto o impasse com o qual os Antistênicos e outros assim desprovidos de formação se embaraçaram, a saber, que não é possível definir o “o que é” (pois a definição seria um enunciado longo), mas que seria possível, sim, ensinar *de que qualidade é*, mas não *o que é* (por exemplo, que a prata é tal como estanho). Por conseguinte, haveria uma essência da qual seria possível haver definição e enunciado – isto é, a composta, seja ela sensível ou inteligível –; por outro lado, dos itens primeiros de que ela se constitui, não mais seria possível haver definição, visto que o enunciado definitório indica *algo a respeito de algo*, e é preciso que um destes itens seja como matéria, e o outro, como forma.

[1043b 32] É evidente também, se as essências são, de certo modo, números, por que elas são deste modo e não são constituídas de unidades, como alguns afirmam. Com efeito, também a definição é um certo número, pois ela é divisível, e divisível em itens indivisíveis (pois os enunciados não são ilimitados), e o número é de tal qualidade. E assim como, quando se subtrai de algum número – ou quando se lhe acrescenta – algo de que tal número se constitui, não mais se tem o mesmo número, mas sim outro, mesmo se o menor item possível for subtraído ou acrescentado, do mesmo modo, também a definição e “aquilo que o ser é” não mais serão o mesmo, se algo lhe for subtraído ou acrescentado.

[1044a 2] E, com relação a um número, deve haver algo pelo qual ele é um – mas, agora, não conseguem afirmar por meio de que ele é um, dado que é um número (com efeito, ou não seria um a não ser como um agregado, ou, se de fato é um, deve-se enunciar o que é que o faz um só a partir de muitos).

σμὸς εἷς ἐστίν· ὁμοίως δὲ οὐδὲ τοῦτον ἔχουσι λέγειν καὶ τοῦτο εἰκότως συμβαίνει· τοῦ αὐτοῦ γὰρ λόγου καὶ ἡ οὐσία ἐν οὕτως ἄλλ· οὐχ ὡς λέγουσιν τινες οἶον μόνας τις οὐσα ἢ στιγμὴ ἄλλ· ἐντελέχεια καὶ φύσις τις ἐκάστη καὶ ὡςπερ οὐδὲ ὁ
10 ἀριθμὸς ἔχει τὸ μᾶλλον καὶ ἥττον οὐδ' ἢ κατὰ τὸ εἶδος οὐσία ἄλλ· εἴπερ ἢ μετὰ τῆς ὕλης περὶ μὲν οὖν γενέσεως καὶ φθορᾶς τῶν λεγομένων οὐσιῶν πῶς τ' ἐνδέχεται καὶ πῶς ἀδύνατον καὶ περὶ τῆς εἰς τὸν ἀριθμὸν ἀναγωγῆς ἔστω μέχρι τούτων διωρισμένον

4. Περὶ δὲ τῆς ὑλικῆς οὐσίας δεῖ μὴ λανθάνειν ὅτι εἰ καὶ ἐκ τοῦ αὐτοῦ πάντα πρώτου ἢ τῶν αὐτῶν ὡς πρώτων καὶ ἡ αὐτὴ ὕλη ὡς ἀρχὴ τοῖς γιγνομένοις ὅμως ἔστι τις οἰκεία ἐκάστου οἶον φλέγματος ἐστὶ πρώτη ὕλη τὰ γλυκέα ἢ λιπαρά· χολῆς δὲ τὰ πικρά ἢ ἄλλ' ἅττα· ἴσως δὲ
20 ταῦτα ἐκ τοῦ αὐτοῦ γίνονται δὲ πλείους ὕλαι τοῦ αὐτοῦ ὅταν θατέρου ἢ ἐτέρα ἢ οἶον φλέγμα ἐκ λιπαροῦ καὶ γλυκέος εἰ τὸ λιπαρὸν ἐκ τοῦ γλυκέος ἐκ δὲ χολῆς τῆ ἀναλύεσθαι εἰς τὴν πρώτην ὕλην τὴν χολῆν διχῶς γὰρ τόδ' ἐκ τοῦδε ἢ ὅτι πρὸ ὁδοῦ ἔσται ἢ ὅτι ἀναλυθέντος εἰς τὴν

Também a definição é una, e, semelhantemente, tampouco conseguem explicá-la. Isso ocorre conforme à expectativa, pois ambos os casos competem ao mesmo argumento, e a essência é “um” desta maneira, mas não (como afirmam alguns) como que sendo uma unidade ou um ponto – antes, cada uma é uma certa efetividade e natureza.

[1044a 9] E assim como um número não admite o mais e o menos, tampouco a essência segundo a forma, mas, se é que alguma o comporta, é a essência com matéria.

[1044a 11] Assim, a respeito da geração e corrupção das essências mencionadas – como seria possível e como seria impossível –, e também a respeito da redução a números, esteja delimitado até este tanto.

Capítulo 4

[1044a 15] A respeito da essência material, é preciso não passar despercebido que, mesmo se tudo fosse constituído de um mesmo item primeiro (ou dos mesmos como primeiros), e mesmo se houvesse uma mesma matéria como princípio para as coisas que vêm a ser, há, não obstante, uma matéria própria a cada uma. Por exemplo, da fleuma, são matéria primeira os doces ou as gorduras, e da bile, os ácidos, ou outros itens; e talvez eles se constituam de um mesmo item.

[1044a 20] Ocorre haver várias matérias de uma mesma coisa, quando uma delas é matéria da outra, por exemplo: a fleuma constitui-se de gordura e de doce, se a gordura se constitui de doce; no entanto, a fleuma constitui-se da bile por se resolver na bile como em sua matéria primeira. De fato, “*A* a partir de *B*” se diz de duas maneiras: ou quer dizer que *A* se dá depois de *B*, ou que *A* resolve-se em *B* como em seu princípio.

ἀρχὴν ἐνδέχεται δὲ μιᾶς τῆς ὕλης οὐσης ἕτερα γίγνεσθαι
διὰ τὴν κινουῦσαν αἰτίαν οἷον ἐκ ξύλου καὶ κιβωτὸς καὶ
κλίνη ἐνίων δ' ἕτερα ἢ ὕλη ἐξ ἀνάγκης ἑτέρων ὄντων
οἷον πρίων οὐκ ἂν γένοιτο ἐκ ξύλου οὐδ' ἐπὶ τῇ κινούσῃ αἰτίᾳ
τοῦτο· οὐ γὰρ ποιήσει πρίονα ἐξ ἐρίου ἢ ξύλου· εἰ δ' ἄρα

30 τὸ αὐτὸ ἐνδέχεται ἐξ ἄλλης ὕλης ποιῆσαι· δῆλον ὅτι ἢ
τέχνη καὶ ἢ ἀρχὴ ἢ ὡς κινουσα ἢ αὐτὴ· εἰ γὰρ καὶ ἢ ὕλη
ἕτερα καὶ τὸ κινουῦν καὶ τὸ γεγονὸς ὅταν δὴ τις ζητῇ
τὸ αἴτιον ἐπεὶ πλεοναχῶς τὰ αἴτια λέγεται πάσας δεῖ
λέγειν τὰς ἐνδεχομένας αἰτίας οἷον ἀνθρώπου τίς αἰτία ὡς
ὕλη; ἄρα τὰ καταμήνια; τί δ' ὡς κινουῦν; ἄρα τὸ σπέρμα;
τί δ' ὡς τὸ εἶδος; τὸ τί ἦν εἶναι τί δ' ὡς οὐ ἕνεκα; τὸ

1044β τέλος ἴσως δὲ ταῦτα ἄμφω τὸ αὐτὸ δεῖ δὲ τὰ ἐγγύ
τατα αἴτια λέγειν τίς ἢ ὕλη; μὴ πῦρ ἢ γῆν ἀλλὰ
τὴν ἴδιον· περὶ μὲν οὖν τὰς φυσικὰς οὐσίας καὶ γενητὰς
ἀνάγκη οὕτω μετιέναι εἰ τις μέτεισιν ὀρθῶς· εἴπερ ἄρα
αἰτία τε ταῦτα καὶ τοσαῦτα καὶ δεῖ τὰ αἴτια γνωρίζειν·
ἐπὶ δὲ τῶν φυσικῶν μὲν αἰθίων δὲ οὐσιῶν ἄλλος λόγος
ἴσως γὰρ ἔνια οὐκ ἔχει ὕλην ἢ οὐ τοιαύτην ἀλλὰ μόνον
κατὰ τόπον κινήτην οὐδ' ὅσα δὴ φύσει μὲν μὴ οὐσίαι δὲ
οὐκ ἔστι τούτοις ὕλη ἀλλὰ τὸ ὑποκείμενον ἢ οὐσία οἷον τί

[1044a 25] É possível que, sendo a matéria uma única, surjam coisas distintas, devido à causa que move; por exemplo: da madeira, surge tanto banco como cama. De certas coisas, porém, a matéria é necessariamente distinta, na medida em que elas são distintas entre si; por exemplo: um serrote jamais poderia vir a ser constituído de madeira, e isso nem sequer está no poder da causa que move, pois ela não poderia produzir um serrote de lã ou de madeira. Por outro lado, se é possível produzir uma mesma coisa a partir de matérias diversas, é evidente que é a mesma a técnica, isto é, o princípio que move; pois, se fossem distintos não só a matéria como também aquilo que move, também o seria aquilo que se gera.

[1044a 32] Quando alguém procura a causa – dado que as causas se afirmam de diversos modos –, é preciso relatar todas as causas possíveis. Por exemplo: do homem, qual é a causa enquanto matéria? Seriam os sangues menstruais? E qual seria enquanto causa motora? Seria o esperma? E qual seria enquanto forma? O “aquilo que o ser é”. E qual seria como *em vista de que?* O acabamento. E, certamente, ambas as últimas são uma mesma coisa.

[1044b 1] E é preciso relatar as causas mais próximas. Qual é a matéria? Não fogo, ou terra, mas sim aquela que é própria.

[1044a 2] Portanto, no que respeita às essências naturais e suscetíveis de geração, é necessário proceder assim, se se pretende proceder corretamente, dado que as causas são precisamente estas tantas, e dado que é preciso vir a conhecer as causas. Por outro lado, no que respeita às essências naturais, porém eternas, é diverso o tipo de explicação. Com efeito, algumas, certamente, não comportam matéria, ou não comportam uma matéria de tal e tal qualidade, mas apenas uma matéria capaz de se mover pelo lugar. Tampouco há matéria para aquelas coisas que, embora sejam por natureza, não são essências; antes, é uma essência que se

10 αἴτιον ἐκλείψεως τίς ὕλη; οὐ γὰρ ἔστιν ἄλλ' ἢ σελήνη τὸ
πάσχον τί δ' αἴτιον ὡς κινήσαν καὶ φθειραν τὸ φῶς; ἢ
γῆ τὸ δ' οὐ ἔνεκα ἴσως οὐκ ἔστιν τὸ δ' ὡς εἶδος ὁ λόγος
ἀλλὰ ἄδηλος ἐὰν μὴ μετὰ τῆς αἰτίας ἢ ὁ λόγος οἶον τί
ἐκλείψεις; στέρησις φωτός ἐὰν δὲ προστεθῆ τὸ ὑπὸ γῆς ἐν
μέσῳ γιγνομένης ὁ σὺν τῇ αἰτίῳ λόγος οὗτος ὕπνου δ'
ἄδηλον τί τὸ πρῶτον πάσχον ἄλλ' ὅτι τὸ ζῆον; ναί
ἀλλὰ τοῦτο κατὰ τί καὶ τί πρῶτον; καρδία ἢ ἄλλο τι
εἶτα ὑπὸ τίνος; εἶτα τί τὸ πάθος τὸ ἐκείνου καὶ μὴ τοῦ
ὄλου; ὅτι ἀκίνησία τοιαδί; ναί ἄλλ' αὕτη τῇ τί πάσχειν
20 τὸ πρῶτον;

5. Ἐπεὶ δ' ἓνα ἄνευ γενέσεως καὶ φθορᾶς ἔστι καὶ οὐκ
ἔστιν οἶον αἰ στιγμαί εἶπερ εἰσί καὶ ὅλως τὰ εἶδη
οὐ γὰρ τὸ λευκὸν γίγνεται ἀλλὰ τὸ ξύλον λευκὸν εἰ
ἐκ τίνος καὶ τί πᾶν τὸ γιγνόμενον γίγνεται οὐ πάντα
ἂν τὰναντία γίγνοιτο ἐξ ἀλλήλων ἀλλ' ἐτέρως λευκὸς
ἄνθρωπος ἐκ μέλανος ἀνθρώπου καὶ λευκὸν ἐκ μέλανος·
οὐδὲ παντὸς ὕλη ἔστιν ἀλλ' ὅσων γένεσις ἔστι καὶ μεταβολή
εἰς ἀλλήλα· ὅσα δ' ἄνευ τοῦ μεταβάλλειν ἔστιν ἢ μὴ οὐκ
ἔστι τούτων ὕλη ἔχει δ' ἀπορίαν πῶς πρὸς τὰναντία ἢ
30 ὕλη ἢ ἐκάστου ἔχει οἶον εἰ τὸ σῶμα δυνάμει ὑγιεινόν
ἐναντίον δὲ νόσος ὑγεία ἄρα ἀμφω δυνάμει; καὶ τὸ

encontra subjacente. Por exemplo: qual é a causa do eclipse, qual é a matéria? Não há, a não ser a lua, que o sofre. E qual é a causa que moveu, isto é, destruiu a luz? A Terra. E certamente não há *em vista de que*. E a causa enquanto forma é a definição, mas, se a definição não envolver a causa, não será evidente. Por exemplo: o que é eclipse? Privação de luz. Mas, se for acrescentado “devido à Terra interposta no meio”, eis a definição com a causa.

[1044b 15] E, do sono, não é evidente qual seria o item que primeiramente o sofreria. Seria o animal? Sim, mas em qual parte? E qual seria a primeira? Coração ou alguma outra. Além disso, por obra de quê? Além disso, qual seria a afecção, a que seria de tal parte, mas não do todo? Seria certa imobilidade de tal e tal tipo? Sim, mas esta última sucederia pelo fato da parte primeira sofrer o quê?

Capítulo 5

[1044b 21] Dado que alguns entes são o caso e não são o caso, sem os processos de geração e corrupção, por exemplo, os pontos, se de fato são o caso, e, em geral, as formas (com efeito, não é o branco que vem a ser, mas sim o lenho branco, visto que tudo que vem a ser vem a ser algo a partir de algo), não é verdade que todos os contrários poderiam vir a ser um a partir do outro, mas, antes, é de modos distintos que homem branco vem a ser a partir de homem negro e que branco vem a ser a partir de negro; tampouco há matéria de todos os contrários, mas sim de todos aqueles para os quais há geração e mudança de um para o outro; no entanto, não há matéria dos entes que são o caso ou não são o caso sem sofrer processo de mudança.

[1044b 29] Há dificuldade em saber de que maneira a matéria de cada coisa comporta-se em relação aos contrários. Por exemplo: se o corpo é em potência saudável, e se a doença é contrária à saúde, seria o corpo ambos em potência? E

ὕδωρ δυνάμει οἶνος καὶ ὄξος; ἢ τοῦ μὲν καθ' ἑξὶν καὶ
κατὰ τὸ εἶδος ὕλη τοῦ δὲ κατὰ στέρησιν καὶ φθορὰν τὴν
παρὰ φύσιν; ἀπορία δὲ τις ἔστι καὶ διὰ τί ὁ οἶνος οὐχ
ὕλη τοῦ ὄξους οὐδὲ δυνάμει ὄξος καίτοι γίγνεται ἐξ αὐτοῦ
ὄξος καὶ ὁ ζῆν δυνάμει νεκρός ἢ οὐ ἀλλὰ κατὰ συμ

1045a βεβηκὸς αἰ φθοραὶ ἢ δὲ τοῦ ζήου ὕλη αὐτὴ κατὰ φθορὰν
νεκροῦ δύναιμις καὶ ὕλη καὶ τὸ ὕδωρ ὄξους· γίγνεται γὰρ
ἐκ τούτων ὡσπερ ἐξ ἡμέρας νύξ καὶ ὅσα δὴ οὕτω μετα
βάλλει εἰς ἀλλήλα εἰς τὴν ὕλην δεῖ ἐπανελθεῖν οἶον εἰ
ἐκ νεκροῦ ζῆον εἰς τὴν ὕλην πρῶτον εἶθ' οὕτω ζῆον· καὶ
τὸ ὄξος εἰς ὕδωρ εἶθ' οὕτως οἶνος

6. Περὶ δὲ τῆς ἀπορίας τῆς εἰρημένης περὶ τε τοὺς ὀρι
σμοὺς καὶ περὶ τοὺς ἀριθμοὺς τί αἴτιον τοῦ ἐν εἶναι; πάντων
γὰρ ὅσα πλείω μέρη ἔχει καὶ μὴ ἔστιν οἶον σωρὸς τὸ πᾶν
10 ἀλλ' ἔστι τι τὸ ὅλον παρὰ τὰ μέρη ἔστι τι αἴτιον ἐπεὶ
καὶ ἐν τοῖς σώμασι τοῖς μὲν ἀφή αἰτία τοῦ ἐν εἶναι τοῖς
δὲ γλισχρότης ἢ τι πάθος ἕτερον τοιοῦτον ὁ δ' ὀρισμὸς
λόγος ἔστιν εἰς οὐ συνδέσμι καθάπερ ἢ Ἰλιάς ἀλλὰ τῆ
ἐνός εἶναι τί οὖν ἔστιν ὁ ποιεῖ ἐν τὸν ἄνθρωπον καὶ διὰ τί
ἐν ἀλλ' οὐ πολλά οἶον τό τε ζῆον καὶ τὸ δίπουν ἄλλως
τε δὴ καὶ εἰ ἔστιν ὡσπερ φασί τινες αὐτό τι ζῆον καὶ
αὐτὸ δίπουν; διὰ τί γὰρ οὐκ ἐκεῖνα αὐτὰ ὁ ἄνθρωπός ἐστι
καὶ ἔσσονται κατὰ μέθεξιν οἱ ἄνθρωποι οὐκ ἀνθρώπου οὐδ'
ἐνός ἀλλὰ δυοῖν ζήου καὶ δίποδος καὶ ὅλως δὴ οὐκ ἂν

a água, seria em potência vinho e vinagre? Ou, de um deles, ela seria matéria segundo a disposição e a forma, ao passo que, do outro, pela privação e corrupção contra a natureza?

[1044b 34] Há certa dificuldade em saber por que o vinho não é matéria do vinagre, nem é em potência vinagre (embora a partir dele surja vinagre), e por que o vivente não é em potência cadáver. Ou não, mas é por concomitância que se dão as corrupções, e a matéria do animal é ela mesma, pela corrupção, matéria e potência do cadáver, e também a água o é do vinagre (de fato, estes itens vêm a ser a partir daqueles como a partir do dia vem a noite). E, com respeito a todas as coisas que assim se transformam uma na outra, é preciso que retornem à matéria; por exemplo: se, a partir do cadáver, vem a ser animal, é preciso que primeiro retorne à matéria, e, assim, em seguida, venha a ser animal; e é preciso que o vinagre se mude em água e, em seguida, venha a ser vinho.

Capítulo 6

[1045a 7] Sobre o impasse mencionado a respeito das definições e dos números, qual é a causa de ser uno? De fato, há uma causa de tudo que comporta várias partes e que não é um todo como agregado, mas um todo integral para além das partes (dado que, inclusive entre os corpos, para uns, é o contato que é causa de ser uno, para outros, é viscosidade, ou uma outra afecção desse tipo). A definição é um enunciado uno não por conjunção (como a *Ilíada*), mas por ser de algo uno. Ora, o que é, então, que faz uno o homem, e por que o homem é um e não muitos, isto é, animal e bípede – principalmente se há, como alguns afirmam, um Animal em si e um Bípede em si? Por que o homem não é estes *Em Si*, e por que os homens não poderiam ser por participação não em homem, nem em algo único, mas por participação em dois itens – em animal e em bípede –

- 20 εἴη ὁ ἄνθρωπος ἐν ἀλλὰ πλείω ζῶον καὶ δίπουν; φανε
ρὸν δὴ ὅτι οὕτω μὲν μετιοῦσιν ὡς εἰκόθασιν ὀρίζεσθαι καὶ
λέγειν οὐκ ἐνδέχεται ἀποδοῦναι καὶ λῦσαι τὴν ἀπορίαν·
εἰ δ' ἐστὶν ὡςπερ λέγομεν τὸ μὲν ὕλη τὸ δὲ μορφή καὶ
τὸ μὲν δυνάμει τὸ δὲ ἐνεργείᾳ οὐκέτι ἀπορία δόξειεν ἂν
εἶναι τὸ ζητούμενον ἔστι γὰρ αὕτη ἢ ἀπορία ἢ αὕτη κἂν
εἰ ὁ ὄρος εἴη ἱματίου στρογγύλος χαλκός· εἴη γὰρ ἂν
σημεῖον τοῦνομα τοῦτο τοῦ λόγου ὥστε τὸ ζητούμενόν ἐστι
τί αἴτιον τοῦ ἐν εἶναι τὸ στρογγύλον καὶ τὸν χαλκόν
οὐκέτι δὴ ἀπορία φαίνεται ὅτι τὸ μὲν ὕλη τὸ δὲ μορφή
- 30 τί οὖν τούτου αἴτιον τοῦ τὸ δυνάμει ὄν ἐνεργείᾳ εἶναι
παρὰ τὸ ποιῆσαν ἐν ὅσοις ἔστι γένεσις; οὐθέν γάρ ἐστιν
αἴτιον ἕτερον τοῦ τὴν δυνάμει σφαιρᾶν ἐνεργείᾳ εἶναι σφαι
ραν ἀλλὰ τοῦτ ἦν τὸ τί ἦν εἶναι ἑκατέρῃ· ἔστι δὲ τῆς
ὕλης ἢ μὲν νοητῆ ἢ δ' αἰσθητῆ καὶ αἰεὶ τοῦ λόγου τὸ μὲν
ὕλη τὸ δὲ ἐνεργείᾳ ἐστὶν οἷον ὁ κύκλος σχῆμα ἐπίπεδον
ὅσα δὲ μὴ ἔχει ὕλην μῆτε νοητὴν μῆτε αἰσθητὴν εὐθύς
- 1045β ὅπερ ἐν τί εἶναί ἐστιν ἕκαστον ὡςπερ καὶ ὅπερ ὄν τι τὸ
τόδε τὸ ποῖον τὸ ποσόν διὸ καὶ οὐκ ἔνεστιν ἐν τοῖς ὀρι
σμοῖς οὔτε τὸ ὄν οὔτε τὸ ἐν καὶ τὸ τί ἦν εἶναι εὐθύς ἐν τί
ἐστὶν ὡςπερ καὶ ὄν τι διὸ καὶ οὐκ ἔστιν ἕτερόν τι αἴτιον τοῦ
ἐν εἶναι οὐθενὶ τούτων οὐδὲ τοῦ ὄν τι εἶναι· εὐθύς γὰρ ἕκαστόν

em suma, por que não seria possível que o homem fosse não um só, mas mais de um – animal e bípede?

[1045a 20] Ora, evidentemente, para os que procedem da maneira como costumam definir e se pronunciar, não é possível explicar e resolver tal impasse; no entanto, se, como dizemos, um é matéria e o outro é forma, e se um é em potência e o outro, efetivamente, a questão que se propôs não mais parecerá ser um impasse.

[1045a 25] Com efeito, este impasse é o mesmo que haveria no caso em que a definição de “veste” fosse *bronze esférico*; neste caso, tal nome seria designador dessa descrição, de modo que a questão investigada seria a seguinte: *qual é a causa de serem um só o esférico e o bronze?* Ora, não mais se manifestaria nenhum impasse, porque um é matéria e o outro é forma. Qual seria, então, a causa disto – de ser efetivamente aquilo que é em potência –, além do fator eficiente no domínio das coisas em que há geração? De fato, não há nenhuma outra causa pela qual a esfera em potência é efetivamente uma esfera, mas tal causa era “aquilo que o ser é” para cada um deles.

[1045a 33] E um tipo de matéria é inteligível, outro, sensível; e, na definição, sempre um item é matéria, e o outro é efetividade, por exemplo: “o círculo é figura plana”.

[1045a 36] Com relação a tudo que não comporta matéria – nem inteligível, nem sensível –, cada coisa é, de modo imediato, aquilo que precisamente certo “um” é, assim como aquilo que precisamente certo ente é – o *isto*, o *de tal qualidade*, o *de tal quantidade* (é por isso, inclusive, que nem o ente nem o um encontram-se presentes em suas definições); e o “aquilo que o ser é” é, de modo imediato, certo “um”, assim como certo ente – por isso, inclusive, para nenhuma dessas coisas há uma causa distinta pela qual são “um” e certo ente: de fato,

ἐστὶν ὄν τι καὶ ἓν τι οὐχ ὡς ἐν γένει τῶ ὄντι καὶ τῶ ἐνί
οὐδ ὡς χωριστῶν ὄντων παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα διὰ ταύτην
δὲ τὴν ἀπορίαν οἱ μὲν μέθεξιν λέγουσι καὶ αἴτιον τί τῆς
μεθέξεως καὶ τί τὸ μετέχειν ἀποροῦσιν· οἱ δὲ συνουσίαν
10 ψυχῆς ὡς περ Λυκόφρων φησὶν εἶναι τὴν ἐπιστήμην τοῦ
ἐπίστασθαι καὶ ψυχῆς· οἱ δὲ σύνθεσιν ἢ σύνδεσμον ψυχῆς
σώματι τὸ ζῆν καίτοι ὁ αὐτὸς λόγος ἐπὶ πάντων· καὶ
γὰρ τὸ ὑγιαίνειν ἔσται ἢ συνουσία ἢ σύνδεσμος ἢ σύνθεσις
ψυχῆς καὶ ὑγείας καὶ τὸ τὸν χαλκὸν εἶναι τρίγωνον
σύνθεσις χαλκοῦ καὶ τριγώνου καὶ τὸ λευκὸν εἶναι σύνθε
σις ἐπιφανείας καὶ λευκότητος αἴτιον δ' ὅτι δυνάμει
καὶ ἐντελεχείας ζητοῦσι λόγον ἐνοποιὸν καὶ διαφορὰν ἔστι
δ' ὡς περ εἴρηται ἢ ἐσχάτη ὕλη καὶ ἢ μορφή ταυτὸ καὶ
ἓν δυνάμει τὸ δὲ ἐνεργείᾳ ὥστε ὅμοιον τὸ ζητεῖν τοῦ
20 ἐνὸς τί αἴτιον καὶ τοῦ ἐν εἶναι· ἐν γὰρ τι ἕκαστον καὶ τὸ
δυνάμει καὶ τὸ ἐνεργείᾳ ἐν πῶς ἔστιν ὥστε αἴτιον οὐθὲν
ἄλλο πλὴν εἴ τι ὡς κινήσαν ἐκ δυνάμει εἰς ἐνεργείαν
ὅσα δὲ μὴ ἔχει ὕλην πάντα ἀπλῶς ὅπερ ἓν τι

cada uma é, de modo imediato, certo ente e certo “um”, não como se se encontrassem no Ente e no Um como em um gênero, nem como se estes últimos fossem separados à parte dos particulares.

[1045b 7] Devido a esse impasse, alguns propõem a participação e se embaraçam em dizer qual é a causa da participação e o *que é* o participar; outros, por sua vez, propõem a co-presença da alma, como Licofrão disse que o conhecimento é uma co-presença do conhecer e da alma; outros, enfim, afirmam que o viver é composição ou conjunção da alma ao corpo. No entanto, o mesmo argumento se daria em todos os casos: também o *estar saudável* seria co-presença, ou conjunção, ou composição entre alma e saúde, e *ser o bronze um triângulo* seria composição de bronze e triângulo, e o *ser branco* seria composição de superfície e brancura.

[1045b 16] Mas a causa é que procuram uma definição e uma diferença que produza uma unificação entre potência e efetividade. No entanto, conforme foi dito, a matéria última e a forma são uma só e mesma coisa, a primeira, em potência, a segunda, efetivamente. Por conseguinte, é semelhante procurar qual é a causa de uma coisa e qual é a causa de ela ser una, pois cada uma é algo uno, e, de certo modo, aquilo que é em potência e aquilo que é efetivamente são algo uno, de modo que não há nenhuma outra causa, a não ser algo que mova desde a potência até a efetividade.

[1045b 23] Tudo que não comporta matéria é sem mais aquilo que precisamente algo uno é.

NOTAS

1028a 25-26: variante possível: “porque aquilo que lhes subjaz é algo determinado”.

1028b 4: em português, a questão “que é o ente?” é ambígua entre duas possibilidades de leitura: (i) “quais são as notas que definem aquilo que o ente é em si mesmo”, uma pergunta pela *conotação* do termo; (ii) “quais itens merecem ser designados como ‘ente?’”, uma pergunta pela *denotação* do termo. Por sua vez, a questão “qual é a essência” incide sobre a denotação do termo. Não obstante, tal questão recuará para o fundo da cena: em 1028b 7 e 1028b 32, a questão selecionada como objeto da investigação subsequente consiste numa pergunta pelas notas conotativas pelas quais a *ousia* poderia ser definida.

1029a 1-2: variante de tradução: “reputa-se ser essência sobretudo o *subjacente primeiro*” (lendo “πρ• τον” como adjetivo, e não como advérbio).

1029b 3-12: Não segui os editores (Christ, Ross, Jaeger) que, desde Bonitz, deslocam esta passagem 1029b 3-12 para o final do capítulo 3. Segui Bekker – e Yebra –, que conservam tal passagem após a primeira frase do capítulo 4, lugar que ela ocupa nos códices. A referência do “α•το•” em 1029b 13 ao mesmo “α•το•” de “θεωρητέον περ• α•το•” em 1029b 3 torna-se clara se considerarmos este pará-

Lucas Angioni

grafo como uma digressão parentética. Há boas razões filosóficas para manter esse texto em seu lugar original. Ver Angioni [2000], p. 176-7.

1029a 14: Segui a correção de Ross, embora não julgue difícil manter o texto dos códices, com Bekker. Neste caso, “*cada coisa que...*” poderia ser tomado no sentido de “*todas as coisas que, em seu respectivo caso...*”, “•καστον • λέγεται καθ’ α•τό” seria algo equivalente a “το•το • λέγεται •καστον καθ’ α•τό”.

1030a 2: Mantenho a pontuação de Bekker, com a qual podemos ao mesmo tempo entender “•λλ• τ• •ματί• ε•ναι” como resposta a “ο• μέντοι” de 1030a 1 e, além disso, como *sujeito subentendido* na questão subsequente iniciada com “•ρα”.

1030a 3: a frase “não o é, pois...” poderia parecer uma tradução arbitrária e demasiadamente interpretativa. Trata-se, no entanto, de um uso muito comum da partícula “γάρ”, no qual ela subentende e passa a justificar uma resposta negativa à questão anteriormente levantada. Ver Denniston [1954], p. 62 e Humbert [1954], p. 389-390.

1030b 17: “aduncidade” não é a melhor tradução para “*simotes*”, mas há razões plausíveis que justificam sua adoção, conforme encontra-se exposto no glossário.

1030b 19-20: “*são afecções do nariz em si mesmo*”: o “mesmo” na expressão “em si mesmo” (ou “por si mesmo”, “καθ’ α•τό”) se refere originalmente ao sujeito da predicação, como nesta frase: “o nariz, por si mesmo (mas não por concomitân-

cia), é côncavo ou adunco”. Não obstante, a designação “por si mesmo” passa a funcionar como uma etiqueta que identifica certos tipos de atributos; assim se diz, conforme a tradução consagrada, “atributos *per se*” (por exemplo, em 1030b 22-23).

1032a 21: “cada um deles é capaz de ser e de não ser”: o infinitivo “*einai*” (“ser”) não pode ser entendido simplesmente segundo um valor existencial (“cada um deles é capaz de existir e não existir”). Essa “existência” pode ser entendida apenas como um fato complexo: o fato de um tal subjacente apresentar tais conjuntos de propriedades. Assim, é a matéria que é capaz de apresentar ou não apresentar as propriedades que a forma lhe instila, e em virtude disso o composto de matéria e forma pode “existir” ou não “existir”. Mas o verbo “ser” não envolve aqui uma noção abstrata de existência que fosse independente da composição de propriedades num subjacente.

1032b 21: “em seu próprio poder” traduz “•π’ α•τ•”, expressão condensada, muito comum nas discussões éticas (ver *Ética a Nicômaco* 1110a 17, 1113b 30, 1114a 18, 1135a 28, 32, 1136b 11, 1144a 10, etc.), e que comporta o significado de “[estar] sob o poder de sua decisão”, “sob sua dependência”. É claro, pelo contexto, que se trata do poder do médico.

1033a 31-32: poderíamos obter interessante alternativa, lendo na linha 32 o texto dos manuscritos EJ, com omissão do “τ”, e considerando “τόδε τ”, na linha 31, não como o jargão consagrado, mas como mera justaposição de “τόδε” (objeto direto de “ποιε•ν”) e “τ” (predicativo do objeto direto de “ποιε•ν”). Para construção semelhante, mas com o verbo “γίγνεσθαι” (e as expressões na função respec-

Lucas Angioni

tiva de sujeito e predicativo), ver *Física* I 7, 190a 32. A tradução ficaria assim: “pois fazer que *isto* seja *algo* é fazê-lo a partir de algo que em geral se encontra subjacente”.

1033b 3: não assumo o parêntese de Ross a partir da linha 1033a 32; pela leitura de Ross, a frase “α•τ• το•το” retomaria o *subjacente* e deveria ser traduzida como “aquilo mesmo [que subjaz]”. Mas o argumento se tornaria assim menos claro e articulado em seu contexto.

1033b 9: “e se faz com que exista esfera ênea”: note-se que a existência da esfera ênea é compreendida como um fato complexo, a saber, a pertinência de certa propriedade a um subjacente. Cf. nota a 1032a 21.

1033b 20: “à parte destas” traduz “παρ• τάσδε”. O uso de pronomes demonstrativos (como “estes”, “isto”, etc.) é habitual em Aristóteles para assinalar os entes particulares, suscetíveis de geração e corrupção, sobretudo em oposição às Formas platônicas.

1035a 8-10: entendo “•καστον” (“cada coisa”) como predicativo do adjetivo verbal “λεκτέον” (“devemos dizer que é”, ou “devemos designar como”), ao passo que “τ• ε•δος” (“a forma”) e “τ• •λικόν” (“o material”) seriam os sujeitos. Suponha-se que “•καστον” seja uma estátua. Aristóteles quer dizer o seguinte: dado o esquema predicativo “x é uma estátua”, apenas a forma e o composto (na medida em que possui a forma) podem substituir “x” com verdade, ao passo que não podemos dizer verdadeiramente que “o bronze, *em si mesmo* (isto é, sem tal e tal figura determinada), é uma estátua”.

1036a 3: Não sigo aqui o adendo de Bonitz, adotado timidamente por Ross.

1036b 3: evito traduzir o verbo “•φελε•ν” por “abstrair”. Na verdade, “•φαιρε•ν” e seus derivados comportam usos bastante amplos, que estão na origem da noção de “abstração”; não obstante, o verbo ainda não comporta o sentido técnico que “abstrair” virá a adquirir. Neste contexto, ele poderia ser parafraseado como “tomar o círculo em si mesmo, à parte dos materiais”. Ver Philippe [1948]. Por outro lado, parece-me irrelevante a variação entre “το•τον” (código Ab) e “το•το” (códices EJ, lição adotada por Jaeger). Em ambos os casos, o pronome continuaria a se referir ao círculo.

1036b 19-20: uma alternativa de compreensão igualmente razoável, atestada desde os comentadores gregos, seria a seguinte: “... lhes é possível fazer do próprio Um a Forma de todas as coisas, [...], e, deste modo, todas as coisas seriam Um”. Na verdade, talvez o argumento dos adversários platônicos envolvesse alguma indistinção entre ambas as alternativas.

1036b 28: lendo “α•σθητόν”, segundo toda a tradição manuscrita. Recentemente, propôs-se ler “α•σθητικόν” no lugar de “α•σθητόν” (a edição comentada de Frede-Patzig, de 1988, e Irwin [1988], p. 569. Para uma discussão dessa questão, ver Whiting [1991], p. 629, Bostock [1994], p. 164; Heinaman [1997], p. 293-4). Mas não julgo pertinente essa intervenção no texto transmitido.

1037a 1-2: as frases “γ•ρ •λη τις •στιν” (“pois há uma matéria”) e “κα• ε•δος α•τ• καθ’ α•τ• •λλ• τόδε τι” (“ele mesmo por si mesmo uma forma, mas sim *um*

Lucas Angioni

certo isto”) aparecem apenas no manuscrito Ab, mas não nos manuscritos EJ. Temos razões para suspeitar de sua autenticidade. Na interpretação que propomos, elas seriam inserções espúrias. Ver Angioni [2000], p. 343-4.

1037b 23: a questão que traduzi como “por que elas são uma só coisa, mas não muitas?” deve ser entendida no seguinte sentido: “por que elas perfazem, juntas, uma só coisa, mas não muitas?”. Seria inadequada a seguinte leitura: “por que cada uma delas é uma só coisa...”. Aristóteles freqüentemente entende “•v” (um, uno, um só) de maneira sobredeterminada: trata-se de “uma só coisa”, mas trata-se também de uma coisa “una”, dotada de unidade e coesão interna. Em geral, ele entende a característica de *ser contável como um só* como uma propriedade que depende da característica de *ser dotado de unidade interna*. Mas adiante, nos capítulos H 4 e H 6, esses dois sentidos de “•v” (“um só”, “uno”) novamente aparecerão sobrepostos.

1037b 25: “*tudo aquilo que está sob definição*”: a tradução literal que adotei para “•σα •v τ• •ρισμ•” na primeira versão (“tudo aquilo que está na definição”) deve ser abandonada, pois dá a entender que se trata de “todos os itens que se mencionam num enunciado definitório”. No entanto, o que Aristóteles quer dizer é “tudo aquilo que se presta a definição”, “tudo aquilo que cai sob uma definição”.

1038a 9: assumi o texto dos códices, sem a correção de Joachim (“τ• διαφορ•”), que creio desnecessária.

1038b 19-20: outra leitura gramaticalmente possível seria: “se não houver definição de todos os itens que se encontram na essência”. Mas a alternativa que adotei na tradução (“se não fosse definição de todos os itens que se encontram na essência”) afigura-se mais adequada, pois contribui de maneira mais plausível para o encadeamento de uma argumentação coerente.

1039a 30-31: a frase aqui traduzida por “se há algum Homem, que seja, ele mesmo em si mesmo, *um certo isto* e separado” poderia ser lida de outro modo: “se *certo homem particular* é ele mesmo em si mesmo *um certo isto* e separado”. Tal leitura talvez pudesse contar a seu favor o uso da expressão “τ•ς •νθρωπος” nas *Categorias* para assinalar o homem individual, que designaria “*um certo isto*” (cf. 3b 10-13). No entanto, tal leitura não permitiria apreender nenhum argumento consistente. A tradução que propus pareceu-me preferível não tanto por razões gramaticais, mas sobretudo pela sua inserção no contexto argumentativo em pauta.

1039b 25: “pois não é suscetível de vir a ser o *ser para a casa*, mas sim o *ser para esta casa*”. Poderíamos talvez traduzir o “*ser para esta casa*” como a “existência desta casa”, em contraste com a “essência da casa”, que seria assim uma tradução plausível para “o *ser para a casa*”. No entanto, tal interpretação seria incorreta. O contraste entre “*ser para casa*” e “*ser para esta casa*” não envolve um contraste entre essência e existência. Em ambas as expressões, o infinitivo “ser” comporta um sentido sobredeterminado, que poderia ser entendido como *existência*, mas apenas na medida em que essa existência se traduz no fato de certas propriedades estarem presentes em um subjacente, tendo por resultado uma nova entidade. Assim, o “*ser para a casa*” seria em geral (de um ponto de vista universal) o fato de certas propriedades estarem presentes em uma matéria apropriada para

Lucas Angioni

certo tipo de função, ao passo que o “*ser para esta casa*” seria o fato particular de certas propriedades estarem presentes *nesta matéria particular*, tornando-a apropriada a certo tipo de função. Mas, em ambos os casos, esses “fatos complexos”, analisados em termos de composições entre subjacentes materiais e propriedades ulteriores, apresentam-se justamente como *essência* – embora somente a essência universal possa ser objeto de definição.

1039b 25-26: “*ela [sc. a definição] existe sem processo de geração e não existe sem processo de corrupção*”. Aristóteles se apóia no contraste entre o aspecto durativo do verbo “*einaí*” e o aspecto processual do verbo “*gignesthai*”, que constitui um dado trivial no grego ordinário (cf. 1044b 21-22). Em português, é necessário, neste caso, parafrasear “*gignesthai*” por “processo de geração”.

1039b 30: sobre o sentido do infinitivo “ser” na frase “uma matéria cuja natureza é tal que é suscetível de ser e não ser”, ver acima nota a 1032a 21.

1040b 7: “nenhuma delas continua existindo (*esti*), ao ser separada”. Neste contexto, é patente o valor durativo do verbo “ser” no presente do indicativo. Sentido mais preciso poderia ser dado pela seguinte paráfrase: “nenhuma delas *continua a ser [sendo precisamente aquilo que era]* ao ser separada”. Também o verbo “*zêi*” (“continuam a viver”) em 1040b 14 tem valor durativo.

1041a 15: alternativas igualmente admissíveis seriam: “é preciso que já estejam disponíveis como evidentes o *que* e o *ser*”, ou “é preciso que já se disponham como evidentes o *que* e o *ser*”. Sobre a expressão “•τῖ” (“*que*”), cf. *Segundos Analíticos* II 1, 89a 24 ss. O infinitivo “*ε•ναι*” (“ser”), neste caso, equivale à

resposta pela questão “ε••στιν” (“se é ou existe”), mas tampouco pode ser compreendido como se designasse a mera existência. Trata-se de uma existência que se analisa como fato complexo: o fato de tais e tais propriedades estarem presentes em tal subjacente. Cf. *Segundos Analíticos* II 2, 90a 9.

1041a 20: preferi transformar o optativo num operador à parte da sentença: “é plausível que ...”. Uma tradução como “alguém poderia investigar”, pretensamente mais literal, correria o risco de não captar precisamente o argumento que Aristóteles desenvolve.

1041a 28: considero a sentença “το•το δ•... λογικ•ς” – “e esta é ‘aquilo que o ser é’ (de um ponto de vista lógico)” – como parentética, de modo que o pronome relativo “•” retomaria “α•τιον”, e não “τ• τί •ν ε•ναι” (“o ‘aquilo que o ser é’”).

1041b 4-5: traduzi o infinitivo “ε•ναι” por “é o caso”, pois se trata, neste contexto, da resposta à questão “ε••στιν” (“se é o caso ou se existe”). Cf. *Segundos Analíticos* II 2, 90a 9, e a nota a 1041a 15.

1041b 12: Segui a lição dos manuscritos EJ, Moerbecke e Asclépio (“•λλά”), adotada por Christ. Observemos que o termo “*stoicheion*” serve para designar tanto as letras, como também os elementos materiais.

1041b 13: Segui a lição adotada por Christ, ao invés da lição preferida por Ross. Na medida em que a questão que preocupa Aristóteles consiste na unidade interna do composto hilemórfico, parece-me mais natural que a pergunta seja formu-

Lucas Angioni

lada segundo a lição de Christ, e não segundo a de Ross (“nem ao BA é idêntico o B+A”).

1041b 23: “δόξειεν • v” é um optativo de polidez. Variantes possíveis: “é plausível que se repute que...”; “seria reputável que...”, “pareceria que...”.

1041b 25-26: “*causa de que isto aqui seja carne (assim como causa de que isto aqui seja sílaba)*”: uma alternativa de tradução dessa frase seria: “causa pela qual isto aqui é carne, ou pela qual isto aqui é sílaba”. Quanto ao infinitivo “ε•vαι”, ver acima, notas a 1041a 15 e 1041b 4-5: trata-se do mesmo infinitivo que comparece em *Segundos Analíticos* II 2, 90a 9: longe de indicar a mera existência, ele indica a composição entre certas propriedades e um subjacente determinado, e pode ser entendido como *copulativo* – na medida em que compõe itens (um subjacente e uma propriedade) por cuja conjunção se delimita um ente que conta como uma nova unidade. Ver também *De Interpretatione* 3, 16b 22-25.

1042a 12-13: variante de tradução: “decorre que as essências são outras”. Isto é: decorre haver diversas noções de *ousia*. Aristóteles passa com desenvoltura (ou licenciosidade) do uso à menção do termo “*ousia*”.

1042a 23-24: variante de tradução: “alguns afirmam que estes são essências, à parte das sensíveis”.

1042b 26-28: os exemplos do limiar e do gelo não se prestam aos mesmos propósitos. No primeiro caso, Aristóteles observa que uma sentença como “o limiar é”, na qual aparentemente teríamos um uso intransitivo do verbo “ser”, com o valor de “existir”, deveria ser reescrita como “tal subjacente encontra-se assim

disposto”: pois o “ser” designa, neste caso, o fato de ser, isto é, o fato deste subjacente ter tais e tais propriedades; assim, o fato de “existir um limiar” consiste no fato de “este subjacente material estar disposto assim e assim”. O “ser” se apresenta como a estrutura mínima dos fatos complexos pelos quais os entes se articulam no mundo, e que na linguagem se traduz no esquema das sentenças predicativas: “__ é __”. Para uso semelhante do infinitivo “ser”, ver Z 17, 1041b 26, e *Segundos Analíticos* II 2, 90a 9. No segundo caso, porém, Aristóteles observa que o “ser gelo” consiste num predicado (“__ é gelo”) cujo valor semântico corresponde a “estar assim condensado”. Esses dois usos do verbo “ser” são interdependentes, mas nem por isso deixam de ser distintos. Para uma relação íntima entre os dois usos (isto é, o “ser” como esquema sentencial “ x é F ” e o “ser” como predicado “é F ”), ver *Met.* V 7, 1017a 22-24.

1043a 2-4: uma tradução alternativa a “causa do ser de cada coisa” seria “a causa pela qual cada coisa é”. Trata-se da causa pela qual tais e tais propriedades se encontram em tal subjacente, de modo a resultar em tal e tal composto. O infinitivo “ser” encontra-se utilizado conforme o mesmo modo que comparece em *Segundos Analíticos* II 2, 90a 9, e Z 17, 1041b 26, 28.

1043a 6: o termo “κατηγορούμενον” foi traduzido por “aquilo que se caracteriza”. Uma tradução supostamente literal, que vertesse “κατηγορούμενον” por “predicado”, correria o risco de sugerir que se trata da noção de “predicado” já consolidada na lógica aristotélica. Muitos defendem exatamente essa interpretação, com a qual não concordo. A discussão sobre esse assunto encontra-se modestamente mapeada na bibliografia apresentada no final deste volume (item II.4).

Lucas Angioni

1043a 21: “itens imanentes” traduz “•νυπαρχόντων”, termo com o qual Aristóteles habitualmente designa os constituintes materiais que se encontram imanentes no composto.

1043a 26-27: a questão “τ•ς • α•σθητ• ο•σία”, que traduzi por “o que é a essência sensível”, parece comportar dois sentidos sobrepostos: (i) “quais itens são essências sensíveis?” e (ii) “quais são as notas que definem o que é a essência sensível?”. Em 1028b 4, a mesma frase (sem o adjetivo “sensível”, porém) deveria ser entendida como uma questão do tipo (i). Aqui, não obstante, trata-se de uma questão do tipo (ii), mas que contempla os dois sentidos de *ousia* (ver glossário): como *princípio e causa*, a *ousia* corresponde à matéria e à forma, e deve ser definida através dessas noções; mas como *entidade auto-subsistente*, a *ousia* (sensível) corresponde aos compostos hilemórficos e deve ser definida através das notas que delimitam o que são tais compostos.

1043b 5-7: é preciso deixar claro que a preposição “•κ”, nas linhas 5-6, indica a *constituição material*, aquilo de que algo é feito (e não alguma noção mais lata, como *proveniência*). Assim, a frase “a sílaba não se manifesta como constituída das letras e de composição” quer dizer precisamente que a composição não pode contar como mais um elemento constituinte, ao lado das letras. Por isso mesmo, a mesma preposição “•κ” guarda na linha 7 (“a composição não resulta daqueles itens de que é composição”) um sentido de *proveniência causal*. Trata-se do mesmo argumento desenvolvido na segunda parte de Z 17, 1041b 11 ss. Para esse uso da preposição “ek”, ver *Metafísica* IX 8, 1049b 25-6.

1043b 10: a partícula “δή”, neste contexto, indica um distanciamento crítico (e até mesmo irônico) de Aristóteles em relação aos exemplos que assumiu para expor o argumento. Para tais usos da partícula, ver Denniston [1954], p. 229-230 e Humbert [1954], p. 403-5.

1043b 12-14: o texto de Ross é perfeitamente inteligível e oferece um argumento plenamente satisfatório. São desnecessárias as intervenções de Christ e Bonitz, adotadas por Jaeger.

1043b 18: poderia parecer arbitrária ou demasiadamente explicativa a tradução de “γίγνεται” por “é suscetível de vir a ser”. No entanto, o presente do indicativo (em grego como também em português) presta-se a exprimir certos enunciados universais, que constataam propriedades disposicionais ou suscetibilidades, e não fatos que ocorram sempre ou que estejam ocorrendo no momento em que se fala (por exemplo, “crianças têm mais doenças do que adultos”).

1043b 20: “à parte dos *alguns*” traduz “παρ• τ• τινά”. Cf. 1033b 20: Aristóteles freqüentemente utiliza pronomes para designar os entes particulares suscetíveis de geração e corrupção, sobretudo em oposição às Formas platônicas.

1043b 22-23: traduzi o optativo pela expressão “é plausível que...”. Esse uso do optativo não exprime uma mera possibilidade, ou uma alternativa qualquer dentre outras; antes, ele poderia ser parafraseado do seguinte modo: “é um ponto de vista sensato, que qualquer um assumiria...”.

1043b 30: a frase “o enunciado definitório significa *algo de algo*” exige uma advertência. Seja a seguinte definição: “ x é AB ”. Aristóteles não quer dizer que o inteiro enunciado definitório “designa *algo (AB)* a respeito de *algo (x)*”. Antes, ele quer dizer que a parte direita do enunciado – isto é, o *definiens*, sem o *definiendum* – “designa *algo (B)* de *algo (A)*”, isto é, designa a composição entre certas propriedades (B) e um subjacente material (A). O uso da expressão “*ti kata tinos*” para reportar à estrutura predicativa “ S é P ” é comum em Aristóteles (ver *Da Interpretação* 17a 21, *Segundos Analíticos* 72a 13), mas nem por isso se aplica neste contexto.

1044a 3-4: ver a nota a 1037b 23: há uma sobreposição entre dois sentidos de “• ν ”: “um só” e “uno”, isto é, “dotado de unidade interna”. A *unicidade* dependeria de tal modo da *unidade interna*, que ambas acabariam por se confundir.

1044a 19-20: o advérbio “*isôs*” (“talvez”) poderia ser traduzido, neste contexto, por “de igual modo”. O pronome “eles” (*tauta*) retoma o conjunto formado por doces, gorduras e ácidos.

1044b 6: “*λόγος*” poderia aqui ser parafraseado por “tipo de racionalidade” (ou “tipo de discurso”).

1044b 21-22: ver nota a 1039b 25-26: Aristóteles se reporta ao contraste entre o aspecto durativo do verbo “*einaî*” (“ser”) e o aspecto processual do verbo “*gignesthai*” (“vir a ser”). O que ele quer dizer é que “alguns itens são (existem) sem ter passado por um processo de geração, assim como deixam de ser (passam a não mais existir) sem passar por um processo de corrupção”.

1045a 9-10: infelizmente não dispomos de recursos para traduzir de maneira ágil o contraste entre “π•ν” (que pode designar “todo” no sentido *distributivo* ou no sentido *integral*) e “•λον” (que designa apenas o “todo” no sentido *integral*). Uma paráfrase aceitável seria “que não é um todo como agregado, mas sim um conjunto coeso, para além da justaposição das partes”.

1045a 31: traduzi de maneira enxuta a expressão “παρ• τ• ποι σαν” por “além do fator eficiente”, mas é preciso acrescentar que, neste contexto, conforme interpreto o argumento, Aristóteles quer dizer o seguinte: “deixando à parte o fator eficiente, como algo irrelevante para os interesses em pauta”.

1045a 36-b 1: a frase “ε•θ! ζ •περ •ν τι ε•ναι •στιν •καστον” é extremamente elíptica, e exige que elucidemos de que modo compreendemos as elipses. Evidentemente, o antecedente do pronome relativo (“•περ”) está subentendido, e é predicativo da frase nominal cujo sujeito é “•καστον”. Numa ordem direta e com explicitação de todos os elementos, a frase seria assim como segue: “•καστον •στιν ε•θ! ζ [το•το] •περ •στιν •ν τι ε•ναι”. O problema, no entanto, consiste em saber se o pronome “•περ” é predicativo ou sujeito da oração relativa. Em favor de sua leitura como predicativo, temos o paralelo com expressões como “• •νθρωπος •στι [το•το] •περ [•στι τ•] ζ• ον” (*Segundos Analíticos* I 22, 83a 30), que são bastante freqüentes. Além do mais, se “•περ” fosse sujeito, a utilização do pronome relativo seria um mero pleonasmo enfático para a afirmação simples de que “•καστον •στιν ε•θ! ζ •ν τι ε•ναι”. No entanto, em favor da leitura do pronome “•περ” como sujeito, temos justamente a frase em 1045b 4-5: “ε•θ! ζ γ•ρ •καστον •στιν "ν τι κα• •ν τι” (“cada um é de modo imediato um certo ente e um certo um”). A utilização do pronome relativo, assim, seria neste caso um recurso me-

Lucas Angioni

ramente enfático: “cada um é de modo imediato aquilo que precisamente é ser algum um, assim como também aquilo que precisamente é algum ente”. Por outro lado, julgamos desnecessário suspeitar da autenticidade do infinitivo “ε•ναι”; a expressão daí resultante pode ser estranha, mas não é ininteligível. Veja-se a utilização da expressão “•περ "ν τι” em *Física I 3*, 186b 14 ss.

1045b 19: “um só” poderia ser traduzido também como “algo uno”. Como dissemos nas notas a 1037b 23 e 1044a 3-4, há uma sobreposição entre a noção de *unicidade* (“um só”) e a noção de *unidade interna* (“algo uno”).

GLOSSÁRIO

choriston: “separado” ou “separável”. Ainda preservo essa tradução mais habitual, com grande desconforto, porém. A melhor tradução talvez seja “independente” (conforme já foi apontado por Lacey [1965], p. 58). É também plausível a sugestão de Whiting [1991], p. 626: “self-contained”, isto é, “contido em si mesmo” no sentido de “dotado de completude intrínseca”. Examinei o significado desse termo em Angioni [2000], p. 121-3, 130-1. Referências bibliográficas mais precisas poderão ser lá encontradas. Por outro lado, o termo “*kechorismenon*” foi igualmente traduzido por “separado”.

eidos: “forma”, ou então “forma específica”, nos contextos em que “*eidos*” contrasta com “*genos*” (“gênero”) e “*diaphora*” (“diferença”). Evitei a tradução por “espécie”. A pior opção é a de Yebra, que traduz “*eidos*” sistematicamente por “espécie”, devido a motivos etimológicos que ele pretende serem decisivos. Outras traduções optam por diferenciar os dois usos de “*eidos*”, traduzindo ora por “forma”, ora por “espécie”. Ao invés de “espécie”, traduzi por “forma específica” justamente por julgar não haver a distância que usualmente se concebe entre os dois usos do termo.

energeia: “efetividade”. A tradução habitual por “ato” parece-me inteiramente despropositada e sem sentido, devendo ser irremediavelmente abandonada. Mas cumpre elucidar o que quero dizer, ao optar por “efetividade”. Em português, “efetivo” (do latim *effectivus, a, um*) pode querer dizer, além de seu significado

mais trivial (“realmente existente”, etc.), aquilo “que produz seu efeito próprio”, isto é, “que se desempenha com sucesso nas atividades que lhe são próprias”. Cumpre observar que “efeito” e “atividade” são traduções admissíveis para “*ergon*”. Assim, a “efetividade” seria a disposição pela qual algo é capaz de estar em suas atividades próprias (a “efetividade primeira”, de acordo com *De Anima* II 1, 412b 22), ou o próprio desempenho dessas atividades próprias (a “efetividade segunda”, de acordo com *De Anima* II 1, 412b 23). A expressão no dativo “•νεργεί•” foi traduzida por “em efetividade” ou “efetivamente”.

entelecheia: “efetividade”, ou às vezes “atividade” (como em 1036a 7). Poderia parecer inconveniente traduzir por uma mesma palavra em português dois termos gregos (“*entelecheia*” e “*energeia*”). No entanto, isso me pareceu adequado pela somatória das diversas razões que se seguem: (i) uma análise etimológica de “*entelecheia*” nos levaria ao sentido de “disposição pela qual algo está na posse (“*echein*”) de seu acabamento (“*telos*”)”, isto é, “disposição pela qual algo está na manutenção (“*echein*”) de sua plenitude (“*telos*”) e de seu fim intrínseco (“*telos*”)”. Ora, para Aristóteles, o acabamento de uma *ousia* natural, pelo qual ela atinge sua plenitude e realiza seu fim intrínseco, consiste no desempenho de suas *atividades próprias*. Assim, estar em seu acabamento intrínseco consiste em estar no exercício de suas atividades próprias, de modo que o sentido que o próprio Aristóteles atribui a “*entelecheia*” coincidiria, em última instância, com os resultados da análise etimológica acima exposta, e esse sentido é muito próximo, senão idêntico, àquele que atribuí a “*energeia*”: “disposição pela qual algo é capaz de estar em suas atividades próprias”, ou “o próprio desempenho dessas atividades próprias”. (ii) Salvo alguns contextos (em outras obras, mas não nos livros VII e VIII da *Metafísica*), Aristóteles utiliza “*energeia*” e “*entelecheia*” indiferentemente, e essa variação lexical não exprime nenhuma distinção conceitual re-

levante (tal como a variação entre “*eidos*” e “*morphe*”, ou entre “*horismos*” e certos usos de “*logos*”). Para discussão pormenorizada, ver Menn [1994]. (iii) A tradução por “ato” é inviável. (iv) Parece-me uma capitulação indevida simplesmente usar na tradução o mero termo transliterado, “*entelecheia*”. O termo “efetividade”, no entanto, perde as conotações envolvidas nas noções de completude e perfeição intrínseca. Traduções alternativas seriam “acabamento”, “plenitude”, “perfeição”. No entanto, tenho reservado o termo “acabamento” para traduzir “*telos*”, e as alternativas restantes me pareceram menos preferíveis a “efetividade”.

horismos: “definição”, seja no sentido de “proposição definitiva”, seja no sentido de predicado *definiens*.

hypokeimenon: “subjacente”. Este termo já se encontra sedimentado como um substantivo nos textos aristotélicos. No entanto, é importante lembrar que se trata de um participio e que o valor de participio aparece naturalmente em algumas ocorrências, que foram então traduzidas por “aquilo que subjaz”, “aquilo que se encontra (ou está) subjacente” ou algo desse tipo (ver, por exemplo, 1033a 28-29, 31-32, 1042a 33, b 12). Essa noção de *subjacente* apresenta-se como ponto de convergência (e não como “sinal de confusão”) entre uma teoria semântica da predicação e uma teoria ontológica a respeito do mundo da natureza. Ela permite a articulação entre a noção de *sujeito lógico* e a noção de *substrato físico* – que Aristóteles elabora, por exemplo, em *Física* I 3, I 7. Por essas razões, pareceu-me indesejavelmente unilateral traduzir por “substrato” ou por “sujeito”. Esta segunda opção teria ainda o inconveniente de poder suscitar no leitor a noção moderna de *subjetividade*. Além do mais, dado o estatuto participial do termo, é conveniente dispor de um termo em português que preserve uma relação imediata com o verbo que se apresenta nas traduções em que o participio foi desdobrado

Lucas Angioni

numa oração relativa. Isso é possível com “subjacente” e “aquilo que subjaz”, mas não seria possível com “substrato”, e a ligação entre “sujeito” e “aquilo que subjaz” tornou-se menos imediata e clara na língua comum.

hyle: “matéria”. Não há nenhuma dificuldade quanto a esta tradução. Há dificuldades, porém, em discernir se se trata, em suas diversas ocorrências, de uso ou menção. Do mesmo modo, visto que o termo comporta uma grande maleabilidade *denotativa*, há dificuldades em saber a *que* Aristóteles está se referindo por meio deste termo num dado contexto.

katholou: “universal”. Não há maiores dificuldades com esta tradução consagrada. O problema, no entanto, consiste em saber se, em certos contextos especiais – principalmente nos contextos de disputa contra platônicos (como Z 13) –, o termo “*katholou*” assumiria um escopo mais restrito, ou preservaria sempre o mesmo significado, denotando todo e qualquer nome que possa ser atribuído a *mais de um item*, em qualquer nível de universalidade, conforme à definição do termo em *De Interpretatione* 7, 17a 39-40. Mas essa questão é muito ampla e escapa aos limites deste glossário.

kath' hekaston: “particular”. Esta tradução corresponde ao uso já padronizado da expressão como um substantivo (“*to kath' hekaston*”), utilizado para designar os indivíduos dados no mundo, como Sócrates e Cálidas. No entanto, três observações são necessárias: (i) a mesma expressão substantivada presta-se a designar qualquer sub-classe particular, por oposição ao gênero mais amplo no qual ela se inclui – por exemplo, o *homem* é um “particular” em relação ao *animal*. (ii) A mesma expressão comporta um uso meramente adverbial, “segundo cada caso particular”, como em 1035b 19-20. (iii) Não há nenhuma equivalência imediata entre “*to kath' hekaston*” e “*hekaston*” (“cada”, “cada um”), como muitos pare-

cem presumir. Este ponto é de suma importância para a compreensão do problema levantado em Z 6 (1031a 15-16) e retomado em Z 11 (1037a 33 ss.). Se houver alguma equivalência entre “*to kath’ hekaston*” e “*hekaston*”, será antes devido aos interesses e pressupostos de um dado contexto argumentativo; por isso mesmo, ela deverá ser *provada pelo intérprete*, e não assumida como evidência primária.

logos: este termo pode comportar o sentido mais trivial de “seqüência articulada de palavras” (como em 1030a 8, b 8) – e assim pode-se dizer que até mesmo a *Iliada* seria um “*logos*”. No entanto, além desse sentido bastante geral, há um sentido mais restrito, que designa a enumeração das características essenciais de algo. Conforme àquele uso mais amplo, “*logos*” pode ser traduzido por “enunciado”, e se diz, por exemplo, que a “definição é um (tipo de) *enunciado*” (cf. 1034b 20). Conforme ao uso mais restrito, porém, “*logos*” constitui uma mera variante de “*horismos*” e pode ser traduzido por “definição” (cf. 1028a 34-35, 1033a 2, 1035a 9 ss., 1043a 20, b 36). Nos contextos em que ambos os termos são utilizados lado a lado, traduzi “*logos*” por “enunciado”. Mas é preciso ressaltar que diversas ocorrências do termo “*logos*” situam-se numa região limítrofe entre a lógica e a ontologia: “*logos*” designa, por um lado, o discurso pelo qual nós enumeramos as características essenciais de algo; por outro lado, no entanto, “*logos*” não se restringe a esse sentido “lógico”, mas designa também o próprio conjunto de características essenciais efetivamente presentes nas coisas em si mesmas (cf., por exemplo, 1035b 26, 1039b 20, 1042a 28, 1043a 13). Já contemplei a possibilidade de traduzir esse uso sobredeterminado do termo “*logos*” por “determinação”, “razão”, “organização”. Todas essas alternativas, no entanto, afiguram-se insatisfatórias. Resolvi traduzir esses usos de “*logos*” por “definição”, mesmo sob

Lucas Angioni

o risco de perder de vista a sobreposição de sentidos. O problema parece-me insolúvel, pelo menos até o presente momento.

morphe: este termo foi traduzido por “configuração” nas ocorrências em que aparece ao lado de “*eidos*” – mas por mera comodidade de expressão, pois a variação entre “*eidos*” e “*morphe*” não exprime nenhum contraste conceitual a ser levado em consideração. Por isso, “*morphe*” foi traduzido por “forma” nas ocorrências em que aparece isoladamente, sem a vizinhança de “*eidos*”.

ousia: “essência”, e não “substância”, tampouco “entidade”. Ver a justificativa na Introdução deste volume.

ousia kata ton logon: “essência segundo a definição”. Trata-se do “*logos*” no sentido sobredeterminado de “enunciado discursivo” e, ao mesmo tempo, “conjunto articulado de propriedades presentes na própria coisa”. Como escolhi traduzir esse uso de “*logos*” por “definição”, não tive outra escolha, a não ser que abandonasse qualquer pretensão de coerência interna em minhas opções de tradução.

simon, simotes: “adunco”, “aduncidade”. Na verdade, “adunco” não seria uma boa tradução para “*simon*”. Pois o adjetivo “*σιμῶς* (ή, ὄν)” aplica-se ao nariz (ou a alguém que tenha o nariz) largo e achatado, mas arrebicado na ponta, de modo a formar uma concavidade na parte do meio (tal como o nariz de Sócrates). No entanto, em Z 5, o argumento envolve alguns deslizes sofisticos em torno do significado do adjetivo “*simon*” e do substantivo “*simotes*”. Para melhor reproduzir em português as sutilezas das análises lógico-semânticas envolvidas nesse argumento, precisamos (i) de um adjetivo que se aplique exclusivamente a narizes (ou a pessoas, na medida em que possuem narizes de um certo tipo) e (ii) de um substantivo abstrato formado a partir desse adjetivo. Apostar no adjetivo “achatado” ou “arrebicado”, que seriam traduções mais adequadas de “*simon*”, e in-

troduzir substantivos como “achatadidade” ou “arrebidadade” ou seja lá o que for, seria abusar da paciência do leitor. Para evitar essas aberrações, escolhi como mal menor, *em vista do argumento*, a tradução de “*simon*” por “adunco” e a de “*simotes*” por “aduncidade”. Com tal tradução, corro o risco de perder o contraste entre o *koilon* (“curvo” ou “côncavo”) e o *simon* (“arrebidado” ou “achatado”), mas insisto nela precisamente porque o contraste mais relevante, no argumento de Z 5, se dá entre “*simon*” e “*simotes*”, e não entre “*simon*” e “*koilon*”.

synolon: “composto”. Não se trata simplesmente do composto *individual*, submetido a geração e corrupção, apreensível pelos sentidos, etc. Às vezes, o termo “*synolon*” pode designar unilateralmente ou o composto individual (1039b 20), ou o composto universal (1035b 29). A dificuldade em traçar nítidas fronteiras entre esses dois tipos de composto constitui uma das fontes de embaraço nos capítulos centrais (Z 10-11). Essa dificuldade articula-se a certos embaraços com a referência semântica dos termos “matéria” e “partes (materiais)”. Com relação a Z 10-11, não se pode assumir que “*synolon*” designe ou o composto individual ou o composto universal: este ponto deve ser *provado* mediante meticulosa reconstituição dos argumentos.

tode ti: “um certo isto”. A expressão “τόδε τι” deve ser entendida por comparação e contraste a “ποσόν τι” (83b 14; 1020a 16, 18, 19, 28; 1088a 1, 1089b 34), “ποιόν τι” (3b 16, 18; 10a 14, 15, 16; 107a 21; 121a 7, 8; 122b 17; 128a 28; 144a 18, 20, 21; 144b 36; 989b 11; 1020a 34, 35; 1024b 14; 1030b 12; 1088a 1), etc. Nessas locuções, o “τι” funciona como um adjetivo que introduz uma indefinição (“um certo __”) e que modifica alguma das expressões que usualmente designam as categorias: “τόδε” (“isto”) para a essência, “ποσόν” (“quanto”) para a quantidade, “ποιόν” (“qual”) para a qualidade. O contraste desenhado por meio dessas expressões seria o seguinte: certos entes designam apenas “__ de uma certa quali-

dade”, outros designam “__ *de uma certa quantidade*”, onde a lacuna “__” deve ser preenchida por algum item contido na categoria da essência (cf. 1028a 15). Por sua vez, os itens contidos na categoria da essência, e aptos a preencher as lacunas acima, apresentam-se como “*um certo isto*” – não importa em qual nível de generalidade esteja situado esse “um certo isto”: ele pode ser uma forma específica como *homem*, ou um indivíduo como *Sócrates*. O “isto”, portanto, não tem nenhuma função “dêitica” de apontar para os indivíduos. Para maiores discussões e justificativas da interpretação que aqui proponho, ver minha tese de doutoramento, Angioni [2000], p. 120-1 (principalmente nota 67) e Angioni [1998], p. 81-93. De todo modo, parece-me desastrosa a tentativa de determinar o significado e a tradutibilidade da expressão “τόδε τι” tão somente a partir de uma análise em termos de morfologia, como pretendeu Smith [1920]. Para compreender o que é o “τόδε τι”, devemos observar quais são os contextos argumentativos em que a expressão comparece, quais são as expressões com as quais ele habitualmente é associado, quais são as expressões com as quais ele é contrastado, quais são as pretensões em favor das quais Aristóteles argumenta utilizando-se dessa expressão.

to ek touton: “o composto delas”. O pronome “τούτων” refere-se à forma e à matéria, daí o feminino “delas”, em português. Não julgo conveniente traduzir por expressões mais duras como “o a partir delas”. Creio que o risco de confusão com “*synolon*” não é sério, pois Aristóteles utiliza-se de ambas as expressões de maneira equivalente (o mesmo vale para “*to ex amphoin*”, ver a seguir). Inclusive as dificuldades e ambigüidades envolvendo essas expressões são as mesmas; em 1042a 29-30, “*to ek touton*” refere-se indiscutivelmente ao composto individual suscetível de geração e corrupção (ver também 1043b 18), mas em 1043a 19, 28, a expressão “a essência a partir delas” (“*he ek touton*”) designa um composto hilemórfico suscetível de definição e, portanto, universal e não suscetível de gera-

ção e corrupção. As ocorrências dessa expressão nos capítulos Z 10-11 também parecem situar-se numa região limítrofe entre o indivíduo submetido ao devir e a noção universal.

to ex amphoin: “o composto de ambas”. O pronome “•μφο•ν” refere-se à forma e à matéria, daí o feminino “ambas”, em português. Sobre o possível risco de confusão com “*synolon*”, valem as mesmas observações que acima teci com relação a “*to ek touton*”. De igual modo, não se deve assumir que essa expressão, independentemente do contexto argumentativo, designe unilateralmente seja o composto individual, seja o composto universal.

to ti esti: traduzi por “o que é”, às vezes, por “o ‘o que é’”.

to ti en einai: antes de justificar a tradução aqui adotada, é oportuno dizer que continuo não vendo nessa expressão (de fato obscura) nenhum mistério filosófico a ser desvendado, tampouco algum hermético significado filosoficamente relevante a ser descoberto sob a idiosincrasia terminológica. Trata-se de uma substantivação, com o artigo neutro (“*to*”), da pergunta “o que, afinal, era o ser para tal coisa?” (“*ti en to einai toutoi*”, “τί • ν τ • ε•ναι τούτ•”) – Aristóteles frequentemente substantiva segmentos de sentenças e expressões que, em si mesmas, constituem perguntas gramaticalmente completas: isso ocorre na designação das categorias (“o *qual*”, “τ• πο•ον”, etc.), na designação de algumas das quatro causas (“o *que moveu primeiro*”, “o *em vista de que*”) e em outras expressões (“o *por que*”, “τ• δι• τί” ou “τ• διότι”). O infinitivo “ser” é o mesmo que consta na expressão “ser + *dativo*”, e que designa a essência da coisa, isto é, o conjunto de propriedades e características que deveriam ser enumeradas no enunciado que define o que a coisa é. Trata-se do mesmo infinitivo que comparece em 1041a 32, 1041b 28 e 1042b 27 (e não se trata do infinitivo que poderia eventual-

mente ser entendido como existencial, tal como em 1041a 15). O imperfeito “era” (*ên*), por sua vez, consiste em um resíduo de um costume dialético pelo qual o interlocutor remetia a uma definição anteriormente dada, destinada a funcionar como parâmetro para a discussão ulterior (para referências quanto ao uso desse imperfeito, ver nossa dissertação de mestrado, p. 89, nota 208). A pergunta original seria: “o que *era* o ser para tal coisa?”, mas isso quer apenas dizer: “o que fora estabelecido (anteriormente, na presente discussão) como ser para tal coisa?”, isto é: “o que fora anteriormente estabelecido como descrição essencial definitiva de tal coisa?”. Com o hábito, a expressão teria perdido o significado interrogativo que originalmente possuía e, no final das contas, teria se tornado apenas um jargão para designar a essência (isto é, a descrição essencial de uma coisa qualquer). Em vista disso, “*to ti en einai*” poderia ser parafraseado como “aquilo que fora estabelecido como descrição essencial de tal coisa”. Mas até mesmo a referência a um momento anterior da discussão parece perder-se, na consolidação do jargão: “*to ti ên einai*” passa a ser apenas uma expressão para remeter à descrição essencial de uma coisa qualquer. Em virtude disso, nesta segunda versão da tradução, abandonei a premissa de que seria oportuno preservar o imperfeito, e julguei preferível ressaltar que o núcleo da expressão reside no infinitivo, o qual, como já disse, é o mesmo que aparece no jargão “*ser + dativo*” e que remete à essência ou descrição essencial de algo. Traduzi, assim, por “aquilo que o ser é” ou, em alguns contextos (como no capítulo 6 do livro VII), por “aquilo que seu ser é” (dado que o artigo “*to*” tem, nesses casos, valor de possessivo).

BIBLIOGRAFIA

I. Edições do texto grego da *Metafísica*:

BEKKER, E. [1961]. *Aristotelis Opera*, editio altera Olof Gigon, Berlin: Walter De Gruyter.

CHRIST, W. [1906]. *Aristotelis Metaphysica*, Leipzig: Teubner.

ROSS, D. [1924]. *Aristotle's Metaphysics*, a revised text with introduction and commentary, 2 vols., Oxford: Clarendon Press.

JAEGER, W. [1957]. *Metaphysica*, Oxford: Clarendon Press.

YEBRA, V. G. [1982]. *Metafísica de Aristóteles*, ed. trilingüe, Madrid: Gredos, 2ª ed.

II. Bibliografia secundária:

1. Para uma análise detalhada e paulatina de cada argumento:

BOSTOCK, David. [1994]. *Aristotle Metaphysics - Books Z and H* (tradução e comentário), Oxford: Clarendon Press.

BURNYEAT, M. F. (record.) [1979]. *Notes on Zeta*. Study Aids, Monograph n° 1, Sub-faculty of Philosophy, Oxford.

TOMÁS DE AQUINO, St. [1950]. *In duodecim libros Metaphysicorum Aristotelis Expositio*, iam a Cathala, cura et studio P. Fr. Raymundi M. Spiazzi, Roma/Turim: Marietti Editori.

Lucas Angioni

2. Para interpretações de maior fôlego, que buscam construir um painel filosófico mais amplo que se depreenderia dos livros VII-VIII e das questões aí apresentadas:

ANGIONI, L. [2000]. *A Noção Aristotélica de ousia*, Tese de doutoramento, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, mimeo.

FURTH, Montgomery.[1988]. *Substance, form and Psyche: an Aristotelian metaphysics*. Cambridge: Cambridge University Press.

GILL, Mary Louise. [1989]. *Aristotle on Substance: the Paradox of Unity*, Princeton: Princeton University Press.

LOUX, Michael. [1991]. *Primary Ousia: an Essay on Aristotle's Metaphysics Z and H*. Ithaca: Cornell University Press.

LEWIS, Frank A. [1991]. *Substance and Predication in Aristotle*, Cambridge: Cambridge University Press.

WITT, Charlotte. [1989a]. *Substance and Essence in Aristotle – an interpretation of Metaphysics VII-IX*, Ithaca and London: Cornell University Press.

3. Para análises de conjunto, que buscam discriminar quais seriam as questões fundamentais a serem respondidas pelos livros VII-VIII:

BOLTON, Robert. [1995]. "Science and Science of Substance in Aristotle's *Metaphysics Z*", *Pacific Philosophical Quarterly*, vol. 76, n° 3 & 4 (special double issue), pp. 419- 469.

CODE, Alan. [1984]. "The Aporematic Approach to Primary Being in *Metaphysics Z*", *Canadian Journal of Philosophy*, suppl. vol. X , ed. F. J. Pelletier & J. K.- Farlow, pp. 1-20.

CODE, Alan D. [1997]. "Aristotle's *Metaphysics* as a science of principles", *Revue Internationale de Philosophie*, vol. 51, n° 201, pp. 357-378.

MOSER, Paul. [1983]. "Two Notions of Substance in *Metaphysics Z*", *Apeiron* 17, pp. 103-112.

– Ver também, para a compreensão do pano de fundo que enquadra os livros VII-VIII e para perspectivas mais abrangentes:

BALME, D. M. [1987/1980]. “Aristotle’s biology was not essentialist”, in Gotthelf, A. & Lennox, J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle’s Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 291-302.

COHEN, Sheldon M. [1996]. *Aristotle on Nature and Incomplete Substance*, Cambridge: Cambridge University Press.

FREDE, Michael. [1985]. “Substance in Aristotle’s *Metaphysics*”, in Gotthelf, A. (ed.), *Aristotle on Nature and Living Things*, Pittsburgh: Mathesis publications, pp. 17-26.

IRWIN, Terence. [1988]. *Aristotle’s First Principles*, Oxford: Clarendon Press.

KOSMAN, L.A. “Animals and other beings in Aristotle”, in Gotthelf, A. & Lennox J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle’s Biology*, Cambridge University Press, 1987, pp. 360-391.

KUNG, Joan. [1977]. “Aristotle on Essence and Explanation”, *Philosophical Studies* vol. 31, n°6, pp. 361-383.

OWEN, G. E. L. [1986/1966]. “The Platonism of Aristotle”, in *Logic, Science and Dialectic*, (edited by Martha Nussbaum), London: Duckworth, 1986, pp. 306-325.

WHITING, Jennifer E. [1991]. “Metasubstance: Critical notice of Frede-Patzig and Furth”, *Philosophical Review* 100, n° 4, pp. 603-39.

4. A respeito dos problemas envolvidos na noção de “subjacente”, na relação entre Z-3 e as *Categorias*, bem como a respeito do problema de saber se a forma poderia ser concebida como “predicado da matéria”:

ANGIONI, L. [1998]. “‘Não ser dito de um subjacente’, ‘um isto’ e ‘separado’: o conceito de *ousia* como subjacente e forma (Z-3)”, *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (CLE - Unicamp), série 3, vol. 8, n°. especial, pp. 69-126.

Lucas Angioni

- ANGIONI, L. [2003]. "Subjacente e Forma na Teoria Aristotélica da *ousia*", *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* v. 13, n° 2, p. 245-75.
- BRUNSCHWIG J. [1979]. "La forme, prédicat de la matière?", in Aubenque, P. (ed.), *Études sur la Métaphysique d'Aristote*, Actes du VI° Symposium Aristotelicum, Paris: Vrin, pp.131-158.
- DANCY, Russell. [1975]. "On some of Aristotle's First Thoughts About Substances", *Philosophical Review* 84, n° 3, pp. 338-373.
- DANCY, Russell. [1978]. "Aristotle's Second Thoughts on Substance", *Philosophical Review* 87, n° 3, pp. 372-413.
- HARTER, Edward D. [1975]. "Aristotle on primary *ousia*", *Archiv für Geschichte der Philosophie* 57, pp. 1-20.
- KUNG, Joan. [1978]. "Can Substance Be Predicated of Matter?", *Archiv für Geschichte der Philosophie* 60, pp. 140-159.
- LOUX, Michael. [1979]. "Form, Species and Predication in *Metaphysics Z, H* and *O*", *Mind* vol. 88, n°. 349, pp. 1-23.
- MANSION, S. [1984/46]. "La première doctrine de la substance: la substance chez Aristote", in *Études Aristotéliennes* (ed. J. Follon), Louvain-la-Neuve: Institut Supérieur de Philosophie, pp. 283-303.
- MANSION, S. [1984/49]. "La Doctrine Aristotélienne de la Substance et le Traité des Categories", in *Études Aristotéliennes* (ed. J. Follon), Louvain-la-Neuve: Institut Supérieur de Philosophie, pp. 305-8.
- PAGE, Carl. [1985]. "Predicating Forms of Matter in Aristotle's *Metaphysics*", *Review of Metaphysics* 39, n° 1, pp. 57-82.
- SCALTSAS, T. [1992]. "Substratum, Subject and Substance", in Preus, A. & Anton, J. P. (edd.), *Aristotle's Ontology*, New York: SUNY Press, pp. 177-210.
- SCHOFIELD, Malcolm. [1972]. "Metaph. Z 3: some suggestions", *Phronesis* 17, pp. 97-101.
- STAHL, Donald. [1981]. "Stripped Away: Some contemporary obscurities surrounding *Metaphysics Z 3* (1029a 10-26)", *Phronesis* 26, pp. 177-180.

5. A respeito do problema da definição das *ousiai* compostas de matéria e forma:

BALME, D. M. [1987d]. “Notes on the Aporia of Z”, in Gotthelf, A. & Lennox, J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle’s Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 302-6.

BALME, D. M. [1987e]. “The snub”, in Gotthelf, A. & Lennox, J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle’s Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 306-312.

BALME, D. M. [1990]. “Matter in definition. A reply to G. E. R. Lloyd”, in Devereux, D. & Pellegrin, P. (edd.), *Biologie, Logique et Métaphysique chez Aristote*, Paris: Éditions du CNRS, pp. 49-54.

FEREJOHN, Michael. [1994]. “The Definition of Generated Composites in Aristotle’s *Metaphysics*”, in Scaltsas, T., Charles, D. & Gill, M. L. (edd.), *Unity, Identity and Explanation in Aristotle’s Metaphysics*. Oxford: Clarendon Press, pp. 291-318.

FREDE, Michael. [1990]. “The definition of sensible substances in *Metaphysics Z*”, in Devereux, D. & Pellegrin, P. (edd.). *Biologie, Logique et Métaphysique chez Aristote*, Paris: Éditions du CNRS, pp. 113-129.

HEINAMAN, Robert. [1997]. “Frede and Patzig on Definition in *Metaphysics Z*10 and 11”, *Phronesis* 42, pp. 283-298.

MANSION, S. [1984/69]. “*To simon* et la définition physique”, in *Études Aristotéliciennes* (ed. J. Follon), Louvain-la-Neuve: Institut Supérieur de Philosophie, pp. 347-364.

MORRISON, Donald. [1990]. “The Definition of Sensible Substances in *Metaphysics Z*”, in Devereux, D. & Pellegrin, P. (edd.), *Biologie, Logique et Métaphysique*, Paris: Éditions du CNRS, pp. 130-144.

6. A respeito do problema mais amplo da relação entre matéria e forma e da exata compreensão do hilemorfismo aristotélico:

ACKRILL, J. L. [1979]. "Aristotle's Definition of *psuche*", in Barnes, Schofield, Sorabji (edd.), *Articles on Aristotle*, vol. 4, Londres: Duckworth, pp. 65-75.

ANGIONI, L. [1997]. "Sobre a relação entre matéria e forma na constituição da essência sensível em Aristóteles", *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (CLE - Unicamp), série 3, vol. 7, nº 2, pp. 209-251.

ANGIONI, L. [2000]. "O hilemorfismo como modelo de explicação científica na filosofia da natureza em Aristóteles", *Kriterion* v. 102, (no prelo).

BALME, D. M. [1987c]. "Teleology and necessity", in Gotthelf, A. & Lennox, J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 275-285.

BURNYEAT, M. F. [1992]. "Is an Aristotelian Philosophy of Mind Still Credible? A Draft", in Nussbaum, M. & Rorty, A. (edd.), *Essays on Aristotle's De Anima*, Oxford: Clarendon Press, pp.15-26.

CHARLES, David. [1994]. "Matter and Form: Unity, Persistence and Identity", in T. Scaltsas, D. Charles & M. L. Gill (edd.), *Unity, Identity and Explanation in Aristotle's Metaphysics*, Oxford: Clarendon Press, pp 75-105.

COHEN, S. Marc. [1992]. "Hylomorfism and Functionalism", in Nussbaum, M. & Rorty, A. (edd.), *Essays on Aristotle's De Anima*, Oxford: Clarendon Press, pp.57-73.

GILL, Mary-Louise. [2003]. "A Unidade das Substâncias em *Metafisica H-6*", *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* v. 13, nº 2, p. 177-203.

HAMLIN, D. W. [1985]. "Aristotle on Form", in Gotthelf, A. (ed.), *Aristotle on Nature and Living Things*, Pittsburgh/ Bristol: Mathesis publications, pp. 55-65.

LEWIS, Frank A. [1994]. "Aristotle on the Relation between a Thing and its Matter", in Scaltsas, T., Charles, D. & Gill, M. L. (edd.), *Unity, Identity and Explanation in Aristotle's Metaphysics*. Oxford: Clarendon Press, pp. 247-277.

SHIELDS, Christopher. [1993]. "The Homonymy of Body in Aristotle", *Archiv für Geschichte der Philosophie* 75, pp. 1-30.

WITT, Charlotte. [1989b]. "Hilomorfism in Aristotle", in Penner, T. & Kraut, R. (edd.), *Nature, Knowledge and Virtue* (Essays in memory of Joan Kung), *Apeiron* 22, n° 4 (n° spécial), pp. 141-158.

WHITING, Jennifer E. [1992]. "Living Bodies", in Nussbaum, M. & Rorty, A. (edd.), *Essays on Aristotle's De Anima*, Oxford: Clarendon Press, pp. 75-91.

7. A respeito dos problemas concentrados em Z 13, concernentes à incompatibilidade entre a *ousia* e o *universal*:

ALBRITON, Rogers. [1957]. "Forms of Particular Substances in Aristotle's *Metaphysics*", *Journal of Philosophy*, vol. 54, n°22, pp. 699-707.

HUGHES, Gerald. [1979]. "Universals as Potential Substances: the interpretation of *Metaphysics Z13*", in Burnyeat, M. (ed.), *Notes on Zeta*, Oxford: Study Aids, Monograph n° 1, Sub-faculty of Philosophy, pp. 107-126.

LACEY, A. R. [1965]. "*Ousia* and Form in Aristotle", *Phronesis* 10, pp. 54-69.

LESHER, J. H. [1971]. "Aristotle on Form, Substance and Universals: a Dilemma", *Phronesis* 16, pp. 169-178.

SELLARS, Wilfrid. [1957]. "Substance and Form in Aristotle", *Journal of Philosophy*, vol. 54, n°22, pp. 688-698.

WHITING, Jennifer. [1986]. "Form and Individuation in Aristotle", *History of Philosophy Quarterly*, vol. 3, n° 4, pp. 359-377.

WOODS, M. J. [1967]. "Problems in *Metaphysics Z*, chapter 13", in Movavcsik, J. M. E. (ed.), *Aristotle: a collection of critical essays*, New York: Anchor Books, pp. 215-38.

8. A respeito do problema das definições por divisão (Z 12):

BALME, D. M. [1987b]. "Aristotle's use of division and differentiae" in Gotthelf, A. & Lennox, J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 69-89.

9. A respeito do problema da identidade entre essência (to ti en einai) e substância (ousia):

HARTMAN, Edwin. [1976]. "Aristotle's on the Identity of Substance and Essence", *Philosophical Review* 85, n° 4, pp. 545-61.

WOODS, M. J. [1975]. "Substance and Essence in Aristotle", *Proceedings of the Aristotelian Society* 75, 1975, pp. 167-180.

DAHL, Norman O. [1997]. "Two kinds of essence in Aristotle: a Pale Man is not the same as his essence", *Philosophical Review* 106, n° 2, pp. 233-265.

10. A respeito de outros problemas, cuja configuração e interesse se restringem a algumas passagens particulares:

AUBENQUE, P. [1979]. "La pensée du simple chez Aristote", in Aubenque, P. (ed.), *Études sur la Métaphysique d'Aristote*, Actes du VI^e Symposium Aristotelicum, Paris: Vrin, pp. 69-80.

HARTE, Verity. [1996]. "Aristotle's *Metaphysics* H6: a dialectic with Platonism", *Phronesis* 41, pp. 276-304.

HEINAMAN, Robert. [1979]. "Aristotle's Tenth Aporia", *Archiv für Geschichte der Philosophie* 64, pp. 256- 270.

MALCOLM, John. [1996]. "On the Duality of *Eidos* in Aristotle's *Metaphysics*", *Archiv für Geschichte der Philosophie* 78, pp. 1-10.

Bibliografia

MANSION, S. [1984/71]. “Sur la composition ontologique des substances sensibles chez Aristote (Z, 7-9)”, in *Études Aristotéliennes* (ed. J. Follon), Louvain-la-Neuve: Institut Supérieur de Philosophie, pp. 309-321.

MANSION, S. [1979]. “La notion de matière en *Métaphysique Z*, 10-11”, in Aubenque, P. (ed.), *Études sur la Métaphysique d’Aristote*, Actes du VI^e Symposium Aristotelicum, Paris: Vrin, pp. 185-202.

MENN, Stephen. [1994]. “The Origin of Aristotle’s Concept of Energeia: Energeia and Dunamis”, *Ancient Philosophy* 14, p.73-114.

PHILIPPE, M.-D. [1948]. “Αφαίρεσις, πρόσθεσις, χωρίζειν dans la Philosophie d’Aristote”, *Revue Thomiste*, vol. 48, pp. 461-479.

SMITH, J. A. [1921]. “Tode Ti in Aristotle”, *Classical Review*, vol. 35, p. 19.

NOME: _____

Name: _____

ENDEREÇO: _____

Address: _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA SUSPENSÃO DA REMES-
SA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further publications are not
wanted.

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
CLÁSSICOS DA FILOSOFIA: CADERNOS DE TRADUÇÃO nº 11
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Caixa Postal 6.110
13081-970 - Campinas - São Paulo - Brasil
<http://www.ifch.unicamp.br/pub> - morewa@unicamp.br
<http://www.unicamp.br/ifch/publicacoes/>

Tel.: (0XX 19)3788.1604 / 3788.1603
Telefax (0XX 19) 3788.1589

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução

A coleção *Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução* destina-se a publicar traduções de clássicos do pensamento filosófico, em versões provisórias e experimentais, destinadas a fornecer instrumentos de trabalho viáveis a alunos e pesquisadores. A coleção procura contribuir para reverter a situação de escassez de textos clássicos da Filosofia disponíveis em língua portuguesa, atendendo às peculiaridades dos mesmos, cuja tradução exige anos de meticulosa pesquisa e, por isso mesmo, convida à publicação de versões preliminares, a serem submetidas ao exame crítico do público especializado e dos leitores em geral. Nessa perspectiva, a coleção tem por objetivo não apenas fornecer instrumentos didáticos, atendendo de imediato à crescente demanda gerada pelos cursos de Filosofia, mas também propiciar um laboratório para os pesquisadores-tradutores, permitindo que resultados almejados num prazo mais amplo possam amadurecer através do aprimoramento crítico de tentativas publicadas anteriormente.

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 1

Aristóteles - *Física, Livros I e II* (trad. de Lucas Angioni).

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 2

Jean-Jacques Rousseau - *Escritos sobre a Religião e a Moral* (trad. de José Oscar de A. Marques et al.).

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 3

Friedrich Nietzsche - *A "Grande Política" de Friedrich Nietzsche: Fragmentos* (seleção, introdução e trad. de Oswaldo Giacoia Jr.).

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 4

Aristóteles - *Segundos Analíticos, Livro II* (tradução, introdução e notas de Lucas Angioni).

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 5

G. W. F. Hegel – Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado em Compêndio. *Primeira Parte* - O Direito Abstrato. (tradução, introdução e notas de Marcos L. Müller).

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 6

G. W. F. Hegel – Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado em Compêndio. *Terceira Parte* – A Eticidade. *Segunda Seção* - A Sociedade Civil. (tradução, introdução e notas de Marcos L. Müller).

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 7

Aristóteles - *Segundos Analíticos, Livro I* (tradução, introdução e notas de Lucas Angioni).

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 8

Jean-Jacques Rousseau – *Carta a Christophe de Beaumont* (trad. de José Oscar de Almeida Marques).

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 9

Aristóteles - *Metafísica, Livros IX e X* (tradução, introdução e notas de Lucas Angioni).

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 10

G. W. F. Hegel – Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado em Compêndio. *Introdução* – (§ 1-33). (tradução, notas e apresentação de Marcos L. Müller).

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 11
Aristóteles - *Metafísica*, Livros VII e XIII (tradução, introdução e notas de Lucas Angioni).

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 12
Thomas Hobbes. Elementos da Filosofia. Primeira Seção. *Sobre o Corpo*. Parte I. *Computação ou Lógica*. (tradução e notas de José Oscar de Almeida Marques).

João Quartim de Moraes